

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROPESP  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA INFORMAÇÃO – ICHI  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH  
MESTRADO PROFISSIONAL EM  
HISTÓRIA, PESQUISA E VIVÊNCIAS DE ENSINO-APRENDIZAGEM**

**PPGH**  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
HISTÓRIA

**Turismo como Prática Pedagógica no Ensino de História Local  
nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental:  
um estudo de caso em uma escola do Rio Grande/RS**

**Érica Souza Ramos**

**RIO GRANDE  
2019**

**Érica Souza Ramos**

**Turismo como Prática Pedagógica no Ensino de História Local  
nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental:  
um estudo de caso em uma escola do Rio Grande/RS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História, Mestrado Profissional em História da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, sob a orientação da professora Dra. Rita de Cássia Grecco dos Santos apresentado como requisito final para obtenção do título de Mestre em História. Área de concentração: pesquisa e vivências de ensino-aprendizagem

**MEMBROS DA BANCA EXAMINADORA**

---

Presidente e Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dra. Rita de Cássia Grecco dos Santos  
Universidade Federal do Rio Grande – FURG

---

1<sup>a</sup> Avaliadora: – Prof<sup>ª</sup> Dra. Adriana Kivanski de Senna  
Universidade Federal do Rio Grande – FURG

---

2<sup>a</sup> Avaliadora: Prof<sup>ª</sup> Dra. Maristani Polidori Zamperetti  
Universidade Federal de Pelotas – UFPEL

---

Suplente: Prof. Dr. Rogério Piva da Silva  
Universidade Federal do Rio Grande – FURG

**RIO GRANDE  
2019**

---

Ficha catalográfica

R175t Ramos, Érica Souza.  
Turismo como prática pedagógica no ensino de História Local nos anos iniciais do ensino fundamental: um estudo de caso em uma escola do Rio Grande/RS / Érica Souza Ramos. – 2019.  
129 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Programa de Pós-Graduação em História, Rio Grande/RS, 2019.

Orientadora: Dra. Rita de Cássia Grecco dos Santos.

1. Ensino de História 2. Turismo 3. Aprendizagem  
4. Práticas Pedagógicas I. Santos, Rita de Cássia Grecco dos  
II. Título.

CDU 37:94(816.5)

## AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus familiares pelo apoio e incentivo nesta jornada acadêmica, em especial minha mãe Eduarda Souza e à minha irmã Ana Paula Gerundo.

Aos meus amigos, pelos momentos de ócio criativo, os assados, as viagens, os acampamentos no Uruguai, enfim, pelos momentos que alimentam a alma. Agradeço a todo corpo docente do PPGH-FURG, que me presentearam com tamanha dedicação e conhecimento, que ampliaram meu horizonte.

Em especial, gostaria de externar a minha profunda gratidão à minha orientadora Prof<sup>a</sup> Dra. Rita de Cássia Grecco dos Santos, que nunca deixou de acreditar em mim.

Aos meus colegas mestrandos (as) junto ao PPGH-FURG por termos embarcado nessa viagem juntos.

À família EMEI Déborah Tomé Sayão, gostaria de agradecer por todo apoio e compreensão.

À EMEF Prof<sup>a</sup> Wanda Rocha Martins, em especial as Professoras dos 4º anos e a Equipe Diretiva por me receberem de braços abertos.

Aos membros da banca por suas preciosas contribuições.

E à Universidade Federal do Rio Grande – FURG, é uma honra estudar e ter estudado nesta universidade.

## RESUMO

Em uma aproximação interdisciplinar entre a História e o Turismo nasce este Estudo de Caso que buscou investigar como a partir do Turismo nas práticas pedagógicas das professoras dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental é possível o Ensino de História Local. Neste intento revelando as possíveis ressonâncias do Turismo nos processos de ensino e aprendizagem da História Local. Para isso o embasamento teórico para esta proposta foi calcado na busca por confluências teóricas entre estes dois campos do conhecimento. A investida metodológica para a realização da pesquisa se deu a partir da entrevista com a professora da turma e da Aula Oficina por Barca (2004) que contemplou uma aula-expositiva, da realização do Roteiro turístico pedagógico – turismo histórico-cultural na Cidade do Rio Grande – RS “Rio Grande: conhecendo a cidade aprendendo sua história”, que foi elaborado especialmente para este estudo, e por fim a atividade de retorno com os alunos utilizando como instrumento de coleta de dados o questionário. A interpretação dos dados nos revelou que a incidência da ressonância do Turismo enquanto atividade que serve ao ensino se deu em grande parte ao pertencimento histórico, ao conhecer algo novo, ao Patrimônio Cultural e a sua preservação.

**Palavras-chave:** Ensino de História; Turismo; Aprendizagem; Práticas Pedagógicas.

## **LISTA DE SIGLAS**

MEC – Ministério da Educação

PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais

PNLD – Plano Nacional do Livro Didático

## SUMÁRIO

<b>RESUMO.....</b>	<b>04</b>
<b>LISTA DE SIGLAS.....</b>	<b>05</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>08</b>
<b>1. ESTADO DO CONHECIMENTO.....</b>	<b>12</b>
1.1 Nova História e História Cultural: perspectivas para o Ensino de História Local...14	
1.2 Noções do Objeto da História e historicidade no Ensino de História.....20	
1.3 A memória coletiva e lugares de memória nos processos de Ensino e de Aprendizagem da História Local.....22	
1.4 Contribuições do Turismo para o Ensino de História Local... ..25	
<b>2. METODOLOGIA.....</b>	<b>31</b>
2.1. Quadro metodológico.....32	
2.1.1Entrevista e questionário .....33	
2.1.2 Aula Oficina.....35	
2.2.2.1 Roteiro Turístico Pedagógico – Turismo Histórico-Cultural na Cidade do Rio Grande – RS “Rio Grande: conhecendo a cidade aprendendo sua história”.....39	
2.3 O Lugar: Breve olhar sobre a História da cidade do Rio Grande/RS.....42	
2.3.1 O Balneário Cassino.....45	
<b>3. PERCURSOS ENTRE O ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL E O TURISMO.....</b>	<b>48</b>
3.1 Ensinando a História Local.....48	
3.2 Turistando para apreender: possíveis ressonâncias no Ensino de História Local.....63	
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>78</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>80</b>
<b>ANEXO.....</b>	<b>89</b>
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>122</b>

## INTRODUÇÃO

Cabe ressaltar que, as linhas de pesquisa do Mestrado Profissional em História da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, que tem ênfase no Ensino de História, se dividem em duas: I- Práticas e pesquisa no ensino de História, que está direcionada a estudos sobre a profissão do historiador, e as práticas do historiador como docente para a pesquisa e ensino de história; II - Campos e Linguagens da História tem como eixo central os mais diferentes campos do conhecimento histórico e suas linguagens que busca entender a construção do conhecimento em ambientes escolares ou não por alunos e professores.

Nesse sentido, minha proposta se mostra relevante no que tange à linha I, pois busco compreender e refletir sobre as práticas pedagógicas utilizadas pelos professores para ensinar a História Local nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, a partir da inserção do Turismo como instrumento facilitador para o ensino e a aprendizagem, bem como a sensibilização dos indivíduos envolvidos no projeto para a atividade turística.

Ao longo do tempo, podemos perceber que a ampliação dos programas curriculares e dos eixos temáticos que foram constituindo o Ensino de História, no entanto, é notável que tanto na História do Brasil quanto na História Geral, a visão eurocêntrica é muito contundente. Como podemos verificar neste excerto de Noronha, que enfatiza que desde meados de 1870, há uma supervalorização da História Europeia em detrimento da História Local, pois: “Os conteúdos possuindo caráter eurocêntrico, com um repertório de heróis e seus feitos, reis, rainhas e acontecimentos militares” (2007, p. 4).

Portanto, pressupõe-se que o material didático de História esteja impregnado de uma série de significações, quando são destacados os “heróis de certo espaço e tempo”. Já em se tratando dos “heróis de certo espaço e tempo” da História Local, talvez este tema não se faça presente, pois, via de regra, ficam alijados da Historiografia, pois são “gente como a gente”. Posto que: “Desde sua constituição no século XIX, a História tem sido pensada como mecanismo de legitimação cultural e servido à formação de pensamentos e ações de determinada ideologia” (*Ibid.*, p. 5).

É somente com os novos horizontes epistemológicos da História Cultural que podemos ver uma perspectiva para a História Local no século XX e quiçá para o século XXI. Neste intento sabemos que:



Nesse sentido, os aportes teóricos que tem contribuído para o avanço da historiografia da educação – principalmente os da História Cultural – ainda têm sido pouco utilizados no campo do ensino de História, fora do âmbito dos estudos das instituições escolares, dos currículos e dos livros didáticos (FONSECA, 2011, p. 2).

Para isso mesmo vislumbrando esta abertura para a História Local sabe-se que o livro didático, via de regra, é um dos principais instrumentos norteadores dos conteúdos a serem ensinados pelos professores, pois:

Com métodos de ensino tradicional, mnemônico e materiais didáticos escassos, os livros didáticos tornaram-se ao longo do tempo os principais aliados dos mestres no ensino de história. A tradição positivista deposita no registro oficial, portanto, nos livros, a garantia de objetividade e verdade dos fatos, os alunos que assim aprendem, colocam nos livros e nos professores as certezas do conhecimento (NORONHA, *op cit.*, p. 5).

É uma problemática intrigante, pois este não traz conteúdos sobre a História Local de determinado município/cidade.

Deste modo, observa-se que um dos principais desafios para o Ensino da História Local refere-se ao fato de que historicamente não se atribui tanta importância à dinâmica local, posto que, nossa visão eurocêntrica tem forjado que o material didático de História no Brasil, há muito tempo esteja marcado por esta referência. Podemos, inclusive, perceber que no início do século XX o conteúdo de história estava:

Em uma perspectiva européia, ainda centrada na ideologia civilizatória defendida no processo de neocolonialismo do século XIX, o ensino de História colocava os colonizadores europeus em um papel de destaque no processo de desenvolvimento do Brasil enquanto parte do continente americano e, principalmente, em industrialização nas primeiras décadas do século XX. Em um contexto pós Primeira Guerra Mundial, esse tipo de ensino de História justificava e legitimava o papel dos países vencedores enquanto civilizadores. Esse modelo de ensino da História influenciou toda a produção, não apenas nas salas de aula, mas também nas pesquisas (MATOS, 2013, p. 48).

Em que pese que, no início do século XXI tenhamos acompanhado uma sensível mudança na produção deste material, tendo em vista a inserção da política pública do

Programa Nacional do Livro Didático – PNLD<sup>1</sup>, Matos deixa claro que o Ensino de História do Brasil ainda se perfaz sobrepondo os feitos da Europa Ocidental as outras manifestações.

Eis o momento, que me instiga a pensar como os professores abordam este tema na sala de aula. Partindo desta problemática, neste estudo busco investigar como a partir da inserção do Turismo nas práticas pedagógicas das professoras dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, constituindo uma proposta interdisciplinar, é possível o Ensino de História Local, subvertendo a lógica de uma História focadamente Eurocêntrica.

Para tanto, proponho um Estudo de Caso na Escola Wanda Rocha Martins, no balneário Cassino, no município do Rio Grande – RS, que teve como sujeitos da pesquisa, alunos e professoras do 4º ano.

Neste intento surgem questões que levam ao problema de pesquisa deste estudo, quais sejam: Como são abordados os conteúdos e quais práticas pedagógicas são utilizadas para contextualizar aos alunos a História Local?

O Turismo neste viés aparece como tema transversal, tendo em vista o fator educacional do turismo, principalmente o segmento conhecido como turismo cultural, visto como forma de contextualizar o conteúdo, permitindo ao aluno criar seu próprio discurso acerca dos patrimônios culturais que são elementos da história da cidade, além de valorizar o patrimônio cultural local.

No diálogo entre o Ensino de História e o Turismo, busca-se aliar o estudo teórico da história local, ou seja, o que é ensinado em sala de aula, com a experiência extraclasse, a fim de que professores e alunos possam enxergar sua cidade de maneira diferenciada, com a iniciação ao turismo cultural dos mesmos.

---

<sup>1</sup> O Plano Nacional do Livro Didático – PNLD tem como principal proposta dar subsídios ao trabalho pedagógico das professoras e professores por meio da distribuição de livros didáticos para os alunos da Educação Básica. Desta forma, se caracteriza por uma política pública com vistas para a educação, que inicia efetivamente em 1985, com essa nomenclatura, mas observa-se que desde 1929 essa política já vem sendo engendrada, a partir do estabelecimento de políticas públicas para o livro didático. Ao longo do tempo vem se modificando e ampliando seu leque para todos níveis da Educação Básica no Brasil. Cabe salientar que os livros didáticos são escolhidos pelos professores/escola e são renovados a cada três anos, o que garante a sustentabilidade do material. Neste sentido, ao observar o Guia do PNLD de 2013 para o Ensino de História no Ensino Fundamental, a atenção ao regional vem sendo trabalhada com mais rigor no que tange os conteúdos dos livros didáticos, mas mesmo assim o local permanece à margem da história regional e nacional. Com isso: “Portanto, observa-se que a produção das obras regionais apresenta uma defasagem qualitativa em relação ao significativo investimento realizado nas coleções e carece de maior atenção quanto ao trabalho adequado com as especificidades do local/regional, considerando a progressão da aprendizagem histórica dos alunos” (MEC, 2012, p. 26).

Através da nossa proposta de intervenção, busco assim, introduzir de maneira inicial alguns conceitos e valores do turismo, permitindo que através destes conhecimentos turísticos a vivência, compreensão e a visualização dos patrimônios culturais locais, sejam realizadas sobre uma óptica diferenciada.

Trazendo para o cotidiano do aluno os conhecimentos aprendidos em sala, engendrando com os professores novas práticas pedagógicas para o ensino de História Local, em busca de um aprendizado prazeroso e lúdico, construindo um pertencimento histórico e possibilitando o desenvolvimento de uma cultura turística nos alunos. Para que isso aconteça, entendo que é necessário compreender qual a visão que as professoras têm sobre Turismo e como o veem como instrumento de ensino e de aprendizagem.

Daí emerge o nosso Problema de Pesquisa: De que forma e qual a relevância das contribuições do Turismo Cultural para o ensino de História Local nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e a possível ressonância na prática pedagógica dos professores?

Como objetivos temos:

Objetivo Geral: Compreender a contribuição do Turismo Cultural para o Ensino de História Local e a possível ressonância na prática pedagógica dos professores.

Objetivos Específicos:

- Reconhecer a relevância da interdisciplinaridade no Ensino de História Local (História e Turismo);

- Identificar qual a visão que as professoras têm sobre o Turismo, e de que forma o veem como instrumento de ensino e de aprendizagem;

- Realizar o Roteiro turístico pedagógico – turismo histórico-cultural na Cidade do Rio Grande – RS “Rio Grande: conhecendo a cidade aprendendo sua história”, com os alunos e as professoras, com o intento de articular uma prática pedagógica para o Ensino de História Local.

A partir de tal intervenção interdisciplinar, a qual proponho nesta pesquisa, poderemos compreender uma perspectiva de como vem sendo ensinada a História Local e quais as perspectivas das professoras em relação a suas práticas pedagógicas. Ensejo compreender, também, se estas enxergam o Turismo como um instrumento facilitador nos processos de ensino e de aprendizagem do conteúdo de História Local.

Para isso, torna-se relevante realizar uma reflexão teórica acerca do que vem sendo produzido em relação ao Ensino de História Local e a relação do Turismo com o ensino para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Posto isso, iniciamos o primeiro

capítulo deste estudo, denominado de Estado do Conhecimento, que traz esses subsídios teóricos essenciais para a compreensão do objeto de estudo desta pesquisa.

Em seguida, trazemos o segundo capítulo que se refere à investida metodológica deste estudo, que apresenta o percurso realizado para o desenvolvimento da presente pesquisa. No caminho metodológico são apresentadas as entrevistas com as docentes e as ações programadas que foram realizadas em diversos momentos complementares entre si, que tiveram como base o conceito proposto por Barca (2004), de Aula Oficina que neste estudo esteve associado à concepção de Turismo Pedagógico.

O terceiro capítulo deste estudo, denominado Percursos entre o Ensino de História Local e o Turismo, traz as reflexões tecidas após a realização da intervenção ao qual este estudo se propôs; a fim de compreender as ressonâncias do Turismo no Ensino de História Local nas práticas pedagógicas, na aprendizagem e nas vivências dos sujeitos.

Para tanto, o terceiro e último capítulo se divide em duas partes, uma denominada Ensinando a História Local, que incide sobre a interpretação das narrativas das professoras. A outra é denominada Turistando para apreender: possíveis ressonâncias no Ensino de História Local, que nos revela de qual forma a proposta deste estudo reverberou na aprendizagem significativa dos alunos em relação à História Local. Iniciemos então o deleite do Estado do Conhecimento, numa viagem que perpassa as fronteiras do Campo Histórico, do Ensino de História Local e do fenômeno chamado Turismo.

## 1. ESTADO DO CONHECIMENTO

Este capítulo pretende realizar uma reflexão teórica acerca das temáticas que permeiam este estudo, dentre essas surgiram categorias conceituais pertinentes para a construção desta pesquisa. Para isso busquei adentrar no universo do Ensino de História Local e por fim, mas não menos importante trago as premissas do Turismo com vistas ao ensino.

Para isso busco um diálogo teórico entre dois campos disciplinares distintos, mas que se complementam a História e o Turismo. Ao falar sobre Turismo, logo se pensa na análise interdisciplinar que este campo permite ao pesquisador social: Turismo e Sociologia, Turismo e Meio Ambiente, Turismo e Direito, Turismo e Economia, Turismo e Geografia, entre outras possibilidades. Neste estudo será dada atenção especial à relação interdisciplinar entre Turismo e Ensino de História. Neste intento convém destacar de principio que por sua vez a História alimenta a atividade turística. O saber histórico torna possível a compreensão de questões sociais, a partir de hipóteses e de interpretações sobre o passado, portanto:

O historiador, a partir de seu lugar social, sensibiliza-se por um objeto do passado e, através de fontes documentais de variada espécie, busca apreender esse objeto e construir, a partir de sua apreensão, uma interpretação desveladora de acontecimentos, de ações humanas, enfim, de culturas passadas (MENESES, 2006, p. 41).

O turismólogo vai se dedicar ao planejamento, interpretação e desenvolvimento do Turismo, o profissional

[...] tem sua base fundamental na interpretação de manifestações culturais que ele apreende, inventaria, documenta e transforma em atrativo para pessoas que buscam conhecer o outro e transformar este conhecimento em momento de abstração e fruição prazerosa (*op cit.* p. 42).

Os profissionais do Turismo muitas vezes se apoiam em interpretações históricas para planejar e desenvolver a atividade turística, no sentido de dar complementaridade ao seu fazer. A História como campo disciplinar tem suas singularidades e seus campos de interesses que podem coincidir com objetos das demais ciências sociais e humanas, estes que serão sempre historicizados pelos profissionais da História.

Sendo assim, ambos profissionais lidam com a interpretação de culturas, os historiadores as transformam em um texto interpretativo, e os turismólogos em um plano de

exploração turística. Meneses (2006) salienta que, a utilização partilhada entre estes dois profissionais é de significativa importância, pois: “A produção de um serve a outro ou a interpretação pode ser feita de forma interdisciplinar” (*op cit.* p. 42). Desta forma, se o esforço de um profissional serve ao outro, por que não também servir ao ensino?

Para isso, torna-se relevante percebermos como o Turismo vem sendo utilizado como prática que serve ao ensino. Observamos que estudos apontam para o Turismo e a sua interseção com a Educação, favorecendo o fortalecimento deste binômio, pois a prática turística é concebida com o viés educativo interdisciplinar. Em uma aproximação entre o ensino de História e o Turismo, Venera (2010), em seu estudo intitulado, “Turismo e Ensino de História: potencialidades e interpretações locais” a autora apresenta resultados de uma pesquisa realizada com os 7º e 8º anos do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino de Itajaí/SC, a partir da análise dos discursos dos alunos sobre a História Local.

A autora destaca que as tipologias discursivas dos estudantes foram marcadas pelos discursos turísticos e históricos, assim, Venera (*op. cit.*) corrobora para compreendermos como estas duas áreas do conhecimento, a História e o Turismo, podem potencializar as interpretações locais, e incentivar o sentimento de pertencimento, de identidade e alteridade, além de construir potencialidades de um Turismo mais cultural.

Bonfim (2010), em um de seus estudos intitulado, “Por uma Pedagogia Diferenciada: Uma reflexão acerca do turismo pedagógico como prática educativa”, a autora tece suas reflexões e aponta para a possibilidade de uma pedagogia diferenciada através do Turismo Pedagógico, nos espaços formais de ensino. Esta pedagogia diferenciada estaria posta como um elo entre a educação e o lazer possibilitado pelo Turismo Pedagógico, proporcionando o desenvolvimento do sujeito através da interação com o meio. Desta forma, Bonfim (*op. cit.*) considera o Turismo Pedagógico como uma prática educativa desenvolvida em tempo escolar.

O Turismo Pedagógico, enquanto atividade que serve ao ensino, também emerge nos estudos de Milan (2007), em sua dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Turismo e Hotelaria da Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI. Tal autora apresenta noções do Turismo Pedagógico como uma fonte e enriquecimento cultural, a atividade neste caso é vista como uma forma de o aluno vivenciar a teoria vista em sala de aula, e estas vivências se dão por meio de visitas *in loco*. Milan (*op. cit.*) realizou um Estudo de Caso em que elaborou roteiros turístico-pedagógicos e os realizou em escolas de Ensino Fundamental, nos municípios de Castro e Lapa, nos Campos Gerais/PR, em seus dados a autora mostra que alunos e professores envolvidos na pesquisa, apontam que o Turismo Pedagógico favorece a

conscientização e a valorização da identidade cultural regional dentro de uma proposta pedagógica ampla e diversificada.

Sendo assim, o Turismo enquanto prática que serve ao ensino assume caráter interdisciplinar, e pode ser visto como uma forma de promover o ensino com vistas às vivências e experiências dos sujeitos, do conhecer, de se apropriar, do exercício da cidadania, a Educação Patrimonial, o sentimento de pertencimento e a identificação com o local, bem como de alteridade. Nesse sentido, percebemos quanto um campo pode enriquecer o outro, o discurso histórico pode alimentar o turístico e vice-versa e por sua vez podem estar imbricados nos processos educativos.

Nesta simbiose, observa-se a relevância da interdisciplinaridade, posto que, “[...] ao se colocarem em contato interdisciplinar ou transdisciplinar, dois campos disciplinares podem enriquecer sensivelmente um ao outro nos seus próprios modos de ver as coisas e a si mesmos” (BARROS, 2014, p. 30) A aplicação dos conhecimentos de forma partilhada permite a formação de uma visão holística aos pesquisadores, professores e alunos. Neste intento, se busca a interdisciplinaridade entre a História e o Turismo, vislumbrando trazer elementos do Turismo para o ensino de História local. Contudo entram em cena a escola, professores e alunos.

Para tanto, dir-se-á que a grande aposta deste estudo é a compreensão que para a articulação das práticas pedagógicas nos Anos Iniciais, atinentes ao ensino de história local, é fundamental a contribuição do Turismo para tal intervenção a que este estudo se propõe.

### **1.1 Nova História e História Cultural: perspectivas para o Ensino de História Local**

Antes de começar a discorrer sobre o Ensino de História, é necessário refletir sobre a escrita da História para compreender alguns paradigmas deste campo que são pertinentes para compreender o Ensino de História. É pertinente analisar os caminhos da historiografia, tanto Tradicional como a Moderna e a mudança dos objetos e temas que entram em curso na História que, posteriormente, poderão ser percebidos seus reflexos no contexto do ensino histórico.

Neste sentido, cabe salientar que no século XIX a História sofreu mudança no seu curso, posta a condição de diálogo com as Ciências Sociais, mesmo que ao almejar ser uma

ciência, Clio<sup>2</sup> não abandonará seus traços fundamentais de origem, o reviver dos acontecimentos para a constituição da memória social.

É na historiografia moderna que as nuances da escrita de uma Nova História começam a dar seus sinais, da abertura de novos temas, procedimentos e interpretações: “A Nova História caracteriza-se, portanto, pela ampla abertura temática, e esta é a sua grandeza” (NOVAIS; SILVA, 2011, p. 33). Neste intento, a crise dos paradigmas a qual as Ciências Sociais passaram a provocar então um debate teórico e metodológico. Na História, especificamente, percebe-se que, além disso, a mudança se dá na descoberta de novos temas e abordagens o que para isso começam a serem revistos os processos teóricos e metodológicos para dar conta dos novos objetos.

Pois: “É preciso ficar claro: a historiografia moderna tem componentes que lhe são específicos, e mantém os antigos, tradicionais, inextricavelmente fundidos” (NOVAIS; SILVA, 2011, p. 15). Em outras palavras o tradicional e o moderno dialogam entre si e neste sentido cada escola se afirma em detrimento da anterior. Não obstante, tanto a historiografia tradicional como a moderna têm o núcleo fundante e resistente de que o discurso do historiador está na narrativa de acontecimentos.

Posto isso, neste cenário é importante chegarmos ao movimento da Escola dos Annales (1929), que se opôs ao modelo historiográfico positivista, no final do século XIX. Uma vez que:

Coincidentemente, no ano da primeira grave crise sistêmica do capitalismo, 1929, os historiadores franceses Lucien Febvre e Marc Bloch lançaram o primeiro número da *Revue des Annales*, em torno da qual desenvolveram-se não só um movimento de renovação das regras que presidiam a produção do saber histórico como a articulação de uma defesa pública da disciplina, propondo um novo papel social para a escrita e o ensino da história (ALBURQUEQUE JR, 2012, p. 26).

Pode-se constatar a partir das críticas que o grupo dos Annales inferiram nas escolas anteriores, que a militância nacionalista da escrita da História tenta ser superada. E com isso buscam analisar a sociedade como uma estrutura total, pois “[...] a escola dos Annales enfatizava as abordagens seriais, funcionais e estruturais do entendimento da sociedade como um organismo total e integrado” (HUNT, 1992, p. 3).

Para melhor compreender o movimento dos Annales, e a influência para a Nova

---

<sup>2</sup> Clio era uma musa grega, é a grande deusa da História para os Historiadores. Embora seja uma referência mitológica, ela nos dá a capacidade de reflexão nos múltiplos domínios da História.



História Cultural, é pertinente compreender que esta escola se fundamenta em três fases. A primeira geração, liderada por Marc Bloch e Lucien Febvre, é marcada por alianças entre história, economia, sociologia, geografia e demografia, pelos conceitos de compressão, história-problema, história global e pelo trabalho de superação dos princípios que regiam a história tradicional como a história política e a história dos eventos. Na segunda fase que se estende até 1970 tem-se a fase Braudel, onde o diálogo predominante se dá com a economia. Já a terceira e atual fase pode-se chamar de Nova História, volta-se o diálogo com maior incidência para a antropologia (NOVAIS; SILVA, 2011).

E é da passagem da segunda para terceira geração dos Annales que se sente a crise dos paradigmas, pois, à medida que novas abordagens surgem no campo conceitual e metodológico esses novos temas não podem mais ser sustentados a partir dos conceitos anteriores, por consequência levando a ocorrer uma desconceitualização no campo. A História Cultural entrando em cena na chamada terceira geração da Escola dos Annales, até a contemporaneidade, permitiu a aproximação do campo histórico com o antropológico, o que possibilitou e, vêm legitimando, interpretações culturais da experiência histórica e humana (BURKE, 2011). Então neste intento:

[...] a Nova História, finalmente, vai assumindo a sua conformação mais característica. Se a considerarmos, em sentido estrito, a terceira fase dos *Annales*, ela aparece como a forma dominante de como a história reagiu à crise dos *paradigmas*, ou melhor, como os historiadores reagiram a essa crise (NOVAIS; SILVA, 2011, p. 37).

Portanto, a Nova História rompe com a noção de História Total presente na primeira geração dos Annales. Contudo, nos últimos tempos, a ênfase e o interesse pela História Social sofrem mudanças, resultantes do interesse crescente pela História da Cultura. Com isso: “Ao se voltarem para a investigação das práticas culturais os historiadores dos Annales, como Chartier e Revel, foram influenciados pela crítica de Foucault acerca dos pressupostos fundamentais da história social” (HUNT, 1992, p. 9). É de fato neste período que, definitivamente, se dá a abertura efetiva para a comunicação com outras ciências sociais, pois antes este diálogo estava sufocado pela busca de cientificidade do campo histórico.

Diante deste desenlace a História Cultural: “Trata-se, antes de tudo, de pensar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo” (PESAVENTO, 2012, p.15). É para isso entende-se por cultura uma:

[...] forma de expressão e tradução da realidade que se faz de forma simbólica, ou seja, admite-se que os sentidos conferidos às palavras, às coisas, às ações e aos atores sociais se apresentem de forma cifrada, portando já um significado e uma apreciação valorativa (*op cit.*, 2012, p. 15).

Contudo, nesta nova era o real não se encontra mais na posse de documentos, de normas e leis, se tangencia uma era de dúvidas, posto que: “Tudo que foi, um dia, contado de uma forma, pode vir a ser contado de outra. Tudo o que hoje acontece terá, no futuro, várias narrativas” (PESAVENTO, 2012, p. 16).

É pertinente destacar as contribuições da História Cultural para a multiplicação dos objetos de estudo da História Local. A História Cultural possibilita novos recortes temáticos e problemáticas mais relacionadas ao cotidiano e as representações sociais. Como a História Local está relacionada com as cidades é relevante compreender que nos estudos com o eixo temático nas cidades, elas passam a ser um objeto de reflexão, pois:

Não se estudam apenas processos econômicos e sociais que ocorrem na cidade, mas as representações que se constroem na e sobre a cidade. Indo mais além, pode-se dizer que a História Cultural passa a trabalhar com o imaginário urbano, o que implica resgatar discursos e imagens de representações da cidade que incidem sobre espaços, atores e práticas sociais (PESAVENTO, 2012, p. 78).

Portanto, entende-se que a História Cultural pode contribuir para o Ensino de História, ao passo que evidencia processos de representação social e leva a perceber o quanto o Ensino de História ainda está arraigado ao Positivismo, levando a compreender que História está sendo ensinada. Deste modo:

Os historiadores transitam em torno da Nova História Cultural (na qual a micro-história se insere enquanto prática) e pensadores da pós-modernidade, ao questionarem os limites epistemológicos do iluminismo e valorizaram interpretações que incorporam parâmetros retirados da hermenêutica, são responsáveis, em muito, por alguns princípios que norteiam as novas abordagens da história local (FAGUNDES, 2006, p. 93).

Com a História Cultural, pesquisadores começam a recorrer a diferenciados métodos de pesquisa e a novas fontes como “[...] a memória oral, as lendas e mitos, os objetos materiais, as construções e entre outras” (BITTENCOURT, 2011, p.149). À medida que a História Cultural contribui para uma virada no olhar sobre a História, conseqüentemente se reflete no Ensino de História, e sensibiliza para novas formas de ver, fazer, ensinar e apreender História.

No Brasil o Ensino de História, começa a ser desenvolvido no século XIX, tendo como eixo central a formação da identidade nacional, no período pós- independência. Baseava-se em uma formação curricular europeia, o que apesar das significativas mudanças no ensino, ainda é possível perceber os resquícios desta matriz eurocêntrica, “[...] orientado por uma política nacionalista e desenvolvimentista” (BRASIL, 1998, p. 19). A história vista como uma disciplina no currículo escolar foi introduzida com base nos moldes franceses, glorificando os grandes personagens da história. Então:

A História como área escolar obrigatória surgiu com a criação do Colégio Pedro II, em 1837, dentro de um programa inspirado no modelo francês. Predominavam os estudos literários voltados para um ensino clássico e humanístico e destinados à formação de cidadãos proprietários e escravistas (BRASIL, 1998, p. 19).

Observa-se que o ensino e o conteúdo estavam voltados para as camadas mais favorecidas, concepção que ainda pode ser percebida na atualidade. Normalmente é por interesses políticos e ideológicos que o Ensino de História sofre mudanças referentes ao seu currículo escolar, como nas demais áreas do conhecimento. Neste intento vale ressaltar que na América Latina a história se preocupou em forjar as identidades nacionais dos estados. Conceição e Dias elucidam que:

Sabe-se que a instituição escolar estruturou tradicionalmente o ensino de História com base na matriz nacionalista do século XIX, cujo objetivo era formar „brasileiros“, „argentinos“ ou „chilenos“ para a nova sociedade nacional que estava forjando os Estados modernos. Apesar de todas as mudanças sofridas pela disciplina ao longo do tempo, o ensino de História permanece como o espaço no qual as sociedades disputam as memórias possíveis sobre si mesmas e projetam futuros coletivos (2011, p. 1740).

O que no Brasil não foi diferente, e é possível perceber que traços desta linguagem histórica ainda estão arraigados no ensino escolar. No período que compreende a ditadura militar no Brasil, o Ensino de história também acaba sendo sufocado pelos interesses políticos. Deste modo:

O ensino de História na educação básica brasileira foi objeto de intenso debate, lutas políticas e teóricas no contexto de resistências a política educacional da ditadura civil-militar brasileira (1964-1984). Isso significou refletir sobre o estado do conhecimento histórico e do debate pedagógico, bem como combater a disciplina “Estudos Sociais” e a desvalorização da História, os currículos fragmentados, a formação de professores em

Licenciaturas Curtas e os conteúdos dos livros didáticos difundidos naquele momento, processo articulado as lutas contra as políticas de precarização da profissão docente (SILVA; FONSECA, 2010, p. 13).

Nesse sentido, as práticas de Ensino de História e os conteúdos programáticos sofrem mudanças. A História Local no sistema de ensino é um conteúdo jovem no currículo escolar, talvez por conta disso careça de materiais e procedimentos metodológicos para que seja ensinado e apreendido em sala de aula de forma concisa.

No final da década de 1990 o interesse pela História Local no ensino cresceu sob influência dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), elaborado pelo Ministério da Educação. A diretriz nacional curricular toma a História Local como um dos eixos temáticos dos conteúdos nos anos iniciais do ensino fundamental e como metodologia de ensino nos outros anos da escola básica (GERMINARI, 2014, p. 357).

Assim, a História local, permite que se use outros recursos além do livro didático, permite a conexão do passado com as vivências diárias, e a formação de um aluno cidadão, consciente de seus deveres e direitos enquanto sujeito de sua história local.

Para tanto: “A opção pela História Local tem como proposta desenvolver a noção de pertencimento do aluno a um determinado grupo social e cultural, por meio, do estudo da diversidade dos modos de viver no presente e no passado da localidade” (GERMINARI, 2014, p. 357). Para isso é importante compreendermos as perspectivas para o Ensino de História Local nos Anos Iniciais, que estão presentes nas formulações dos PCNs para este ciclo:

As formulações para o ensino de História a partir das séries (ou ciclos) iniciais do ensino fundamental sofrem variações, mas visam ultrapassar a limitação de uma disciplina apreendida com base nos feitos dos heróis e dos grandes personagens, apresentados em atividades cívicas e como figuras atemporais. (BITTENCOURT, 2011, p. 112).

Por isso entendo que ao abordar História Local no âmbito do ensino, não devemos seguir a dinâmica da História Nacional, em que “A parte relevante desse conteúdo é apresentada sob a forma de culto aos sujeitos históricos, de glorificação dos atos individuais, portanto, uma história personalista que enfatiza determinadas datas, personalidades e fatos isolados de patriotismo” (BARBOSA, 2006, p. 58).

Neste intento Fonseca (2006), elenca dificuldades recorrentes ao Ensino de História local, dentre estas estão: a fragmentação rígida dos espaços e tempos; a centralidade do estudo

nos aspectos políticos da cidade, culto aos grandes vultos da história local; as fontes disponíveis para uso na sala de aula em sua maioria são oficiais ligadas as prefeituras, que evidenciam uma memória da elite local (FONSECA, 2006, p. 128).

O Ensino de História no Brasil recai ao descuido de ser relacionado a uma matéria “chata”, com referente acúmulo de informações e memorizações, o que torna o conhecimento superficial, e desconexo com a realidade do aluno. “A equação entre a necessidade de rigor e de boa comunicação desafia os professores na busca de estratégias para propiciar a aprendizagem da história.” (ROCHA, 2014, p. 49) É neste sentido que vejo a necessidade de novas práticas pedagógicas que possam auxiliar nessa proposta de ensino a qual a História Local permite.

Neste percurso torna-se relevante trazer algumas contribuições conceituais da História, que são de suma importância para o ensino de História, nos Anos Iniciais. Tais como a noção de objeto da História e a ideia de historicidade.

### **1.2 Noções do Objeto da História e do tempo histórico no Ensino de História**

Compreendo a importância de se transpor para as aulas de História alguns conceitos da História, inerentes a teoria e a metodologia histórica. Partindo da premissa que nos Anos Iniciais é relevante que os alunos comecem a ter noção do objeto de estudo da História e as noções de tempo histórico e de historicidade.

Pois como salienta Bittencourt: “Existe a preocupação de introduzir noções e conceitos históricos a partir dessa fase escolar, os quais serão progressivamente trabalhados ao longo de todo o ensino fundamental e médio” (2011, p. 113). Nesta passagem da autora também fica evidente a importância do ensino de História nesta fase escolar, à medida que servirá de subsídio para as outras fases.

Portanto, é conveniente destacar a importância do contato dos alunos com elementos da pesquisa histórica, que na maioria das vezes não ultrapassam os muros da academia e que são de grande importância para a constituição do saber histórico escolar. Entende-se que as:

Intervenções pedagógicas específicas, baseadas no trabalho de pesquisa histórica, provocam significativas mudanças nas compreensões das crianças pequenas sobre quem escreve a História. Por exemplo: passam a considerar a diversidade de fontes para obtenção de informações sobre o passado, discernindo sobre o fato de que épocas precedentes deixaram, intencionalmente ou não, indícios de sua passagem que foram descobertos e conservados pelas coletividades. Podem compreender que os diferentes registros são fontes de informação para se conhecer o passado (BRASIL, 1997, p. 39).

Para isso torna-se relevante observar as contribuições de Bloch (2001), em relação ao “objeto” da ciência histórica. O autor mostra certa preocupação em a História ser associada como “a ciência do passado”, e afirma que “[...] a própria ideia de que o passado, enquanto tal possa ser objeto de ciência é absurda” (BLOCH, 2001, p. 52). A ciência chamada História tem como seu principal objeto o homem,

Por trás dos grandes vestígios sensíveis da paisagem, [os artefatos ou as máquinas,] por trás dos escritos aparentemente mais insípidos e as instituições aparentemente mais desligadas daqueles que as criam, são os homens que o história quer capturar. (*op cit.*, 2001, p. 54).

Então, compreende-se que “os homens” sejam o objeto da História, o autor propõe, “Ciência dos homens, dissemos. É ainda vago demais. É preciso acrescentar: „dos homens no tempo”” (BLOCH, 2001, p. 55). A História quanto Ciência que estuda os homens no tempo, aplicada ao ensino tem então o grande desafio de para além do passado em si, que os alunos consigam estabelecer uma relação entre passado, presente e futuro. Para isso é importante que sejam trabalhadas e compreendidas questões atinentes ao tempo histórico. Bittencourt explica que:

No caso do ensino do tempo cronológico para alunos das séries iniciais, é interessante vinculá-lo à *noção de geração*. Pais, avós, os vestígios do passado de pessoas familiares mais velhas mostram um momento diferente do atual, revelando uma história e as transformações sociais possíveis de ser percebidas nas relações com o tempo vivido da criança (2011, p. 213).

Neste caso também acredito que o tempo cronológico pode ser percebido pelos vestígios do passado de forma material, ou melhor, dizendo, nos lugares de memória presentes no local de vivência da criança. Para isso é pertinente às contribuições de Hartog (2013), ao explicar sobre a noção de ordem do tempo, e o regime de historicidade, que viabiliza a compreensão das diversas rupturas temporais.

Partindo de diversas experiências do tempo, o regime de historicidade se pretenderia uma ferramenta heurística, ajudando a melhor apreender, não o tempo, todos os tempos ou a totalidade do tempo, mas principalmente momentos de crise do tempo, aqui e lá, quando vem justamente perder sua evidência as articulações do passado, do presente e do futuro. (HARTOG, 2013, p. 37).

Os regimes de historicidade regem sobre o tempo histórico, buscam ordenar o tempo, e esta ordem esta intimamente ligada às relações das sociedades com o tempo.

Mais precisamente, a noção devia poder fornecer um instrumento para comparar tipos de história diferentes, mas também e mesmo primeiramente, eu acrescentaria agora, para colocar em foco modos de relação com o tempo: formas da experiência do tempo, aqui e lá, hoje e ontem. Maneiras de ser no tempo (HORTOG, 2013, p. 29).

Sendo assim compreende-se que a historicidade esta na perspectiva temporal e espacial (espaço e tempo) das ações humanas, “[...] historicidade significa que todas as coisas e todas atividades humanas tem um sentido para a História ou sentido histórico” (BOSCHI, 2007, p.9). Doravante estudar história, é um exercício que vai além do que simplesmente recordar o passado, é:

[...] dar sentido à vida pela compreensão de uma totalidade da qual fazemos parte; dar sentido social primeiramente à pequena comunidade que nos rodeia, depois à espécie humana como um todo e finalmente, num exercício de imaginação, à coletividade dos seres racionais e livres do universo (BOSCHI, 2007, p. 24).

Convém ressaltar que para o Ensino de História a relação com o tempo é de suma importância para a cognição do conteúdo, para que o aluno tenha a percepção da diversidade temporal que permeia os processos históricos e sociais, além disso, os regimes de historicidade vêm para contribuir para a sistematização didática do conteúdo histórico e a noção de tempo histórico.

### **1.3 A memória coletiva e lugares de memória nos processos de Ensino e de Aprendizagem da História Local**

Todavia os lugares de memória podem servir como meio para manter um diálogo entre o vivido e o ensinado, permitindo assim a compreensão do mundo a sua volta, tanto dos alunos quanto dos professores, tendo como base as vivências cotidianas e as memórias, na construção cognitiva do conhecimento crítico.

Partindo deste princípio é que se acredita que os lugares de memória como construção social, têm relação com a identidade cultural, elementos de grande relevância para o Ensino de História Local, pois: “A questão da memória impõe-se por ser a base da identidade, e é pela memória que se chega à história local” (BITTENCOURT, 2011, p. 169).

Para compreender o conceito de memória partimos das considerações de Jacques Le Goff, que compreende que: “A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (1990, p.424). É importante que a criança compreenda que a memória e os lugares de memória estão entremeados nas disputas de poder<sup>3</sup>. Para isso, ao pensar nos sentidos do local e do cotidiano Fonseca elucida que:

O local e o cotidiano da criança e do jovem constituem e são constitutivos de importantes dimensões do viver; logo podem ser problematizados, tematizados e explorados no dia-a-dia da sala de aula, com criatividade, a partir de diferentes situações, fontes e linguagens. [...] A memória das pessoas, da localidade, dos trabalhos, das profissões, das festas, dos costumes, da cultura, das práticas políticas, está viva entre nós. Nós, professores, temos o papel de, juntos com os alunos, auscultarmos o pulsar da comunidade, registrá-lo, produzir reflexões e transmiti-lo a outros. A escola e as aulas de História são lugares de memória, da história recente, imediata e distante (2006, p. 132).

Buscando a aproximação do Ensino de História com o lugar, é importante perceber que a memória coletiva torna-se um elemento que emergirá conjuntamente neste processo, à medida que ao compreender a História local, a sua História, a turma estará trabalhando com elementos que acabam constituindo sua memória coletiva. Para tanto:

O ensino de História possui objetivos específicos, sendo um dos mais relevantes o que se relaciona à constituição da noção de identidade. Assim, é primordial que o ensino de História estabeleça relações entre identidades individuais, sociais e coletivas, entre as quais as que se constituem como nacionais (BRASIL, 1997, p. 26).

Nesse sentido, acredita-se que o Ensino de História local nos Anos Iniciais, permite chegar às memórias constituindo o sentimento de pertencimento histórico e identitário. Neste caso podemos pensar:

Do ponto de vista de uma proposta pedagógica, podemos construir uma “pedagogia de memória” que faça frente aos problemas de identidade, pertencimento, pluralidade cultural, étnica e religiosa e exclusão social que

---

<sup>3</sup> Funari e Funari lembram que: “O resultado de uma sociedade baseada na escravidão é que, desde o início, houve sempre dois grupos de pessoas no país: os poderosos, com sua cultura material esplendorosa, cuja memória e monumentos são dignos de reverência e preservação, e os vestígios esqualidos dos subalternos, dignos de desdém e desprezo” (2007, p. 16).



marcam as nossas escolas. Nesse sentido, a história local pode ter um papel decisivo na construção de memórias que se poderão inscrever no tempo longo, médio ou curto, favorecendo uma melhor relação dos alunos com a multiplicidade da duração. (FONSECA, 2006, p. 132).

A fim de trazer à tona os esquecimentos, rememorando o passado, buscando trabalhar com as perturbações e amnésias de forma que estas venham a elucidar os fatos ocorridos, tendo em vista que a formação de uma memória grupal, “[...] a memória coletiva, é uma corrente de pensamento contínua, com limites irregulares e coexistente com outras memórias coletivas” (OLIVEIRA, 2010, p. 132).

Para isso é relevante observar o que Halbwachs, elucidada para a construção de uma memória coletiva: “Não é suficiente reconstituir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança” (1990, p. 22). É relevante que se trace uma lembrança comum entre os indivíduos:

É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade (*op cit.*, 1990, p. 22).

Os lugares de memória propiciam a relação intangível entre os homens e os espaços materiais. Para isso, Nora nos brinda com suas palavras a respeito dos lugares de memória:

A curiosidade pelos lugares onde a memória se cristaliza e se refugia está ligada a este momento particular de nossa história. Momento de articulação onde a consciência da ruptura com o passado se confunde com o sentimento de uma memória esfacelada, mas onde o esfacelamento desperta ainda memória suficiente para que se possa colocar o problema de sua encarnação. O sentimento de continuidade torna-se residual aos locais. Há locais de memória porque não há mais meios de memória (1993, p. 7).

No Ensino de História Local ao qual este estudo se propõe, os lugares de memória são fundamentais, pois este diálogo entre o espaço cidadão com a memória é de suma importância na tentativa de esclarecer as versões do passado no presente, ainda mais quando propomos o ponto de vista da atividade turística aplicada ao ensino. Pois: “O passado deve ser interrogado a partir de questões que nos inquietam no presente (caso contrário, estudá-lo fica sem sentido). Portanto, as aulas de História serão muito melhores se conseguirem estabelecer um duplo compromisso: com o passado e o presente” (PINSKY; PINSKY, 2010, p. 23).

Contudo, no mundo globalizado, é indispensável que seja possível buscar interações

e sinergias entre as diferentes disciplinas, aproximando o conteúdo da prática, buscando novas formas educativas que possam ser desenvolvidas dentro e fora da escola, propiciando a aprendizagem e a sociabilização do conteúdo. Pois a História Local tem por excelência a possibilidade de fazer das pessoas comuns parte da história, e o que é de importância, à medida que é a partir do local que o aluno vai constituir a sua identidade.

#### **1.4 Contribuições do Turismo para o Ensino de História Local**

Mesmo que entre leigos o turismo ainda seja visto como “a indústria de viagens de prazer”, trata-se de um fenômeno que extrapola as questões de ordem econômica e comercial (MOESCH, 2000, p. 11). Para tanto, Beni (2003) apresenta a dificuldade de se conceituar turismo tendo em vista os mais diversos aspectos da atividade, para o autor turismo pode ser conceituado como:

[...] um elaborado e complexo processo de decisão sobre o que visitar, onde, como e a que preço. Nesse processo intervêm inúmeros fatores de realização pessoal e social, de natureza motivacional, econômica, cultural, ecológica e científica que ditam a escolha dos destinos, a permanência, os meios de transporte e o alojamento, bem como o objetivo da viagem em si para a fruição tanto material como subjetiva dos conteúdos de sonhos, desejos, de imaginação projetiva, de enriquecimento existencial histórico-humanístico, profissional, e de expansão de negócios (2003, p. 37).

Pode-se constatar que nesta conceituação de turismo, salientam-se mais as necessidades do turista e a formação de um sistema turístico em torno dos deslocamentos e das motivações dos turistas. Neste caso o motivo da viagem se torna o principal fator para a segmentação do Turismo, Beni destaca os principais segmentos a atividade turística:

Os maiores segmentos desse mercado, por afluência de turistas, são: turismo de descanso ou de férias; de negócios e compras; desportivo; ecológico; rural; de aventura; religioso; cultural; científico; gastronômico; estudantil; de congressos; convenções, encontros e similares; familiar e de amigos; de saúde ou médico-terapêutico (BENI, 2003, p. 153).

Assim o turismo se organiza sua oferta no que tange os desejos e necessidades de sua demanda. Doravante para este estudo é pertinente que compreendamos o Turismo como um fenômeno social, capaz de promover o exercício da cidadania, o conhecimento, diminuir as distâncias e interpelações preconceituosas em relação a outras culturas. Para isso se torna pertinente a fala de Dias, que apresenta um ponto de vista social do fenômeno turístico, tendo

em vista que:

[...] o turismo tem importante papel socializador, pois permite o encontro entre pessoas de diferentes culturas; favorece a sociabilidade das pessoas que se encontram nas viagens numa condição psicológica altamente favorável a novos contatos sociais; contribui para o entendimento entre populações de diferentes regiões num mesmo país; incentiva a adoção de novos valores que, gradativamente, vão tornando-se universais; diminui as distâncias étnicas, permitindo maior conhecimento dos outros e de seus costumes (2008, p. 30).

De La Torre compreende que:

El turismo es un fenómeno social que consiste en el desplazamiento voluntario y temporal de individuos o grupos de personas que, fundamentalmente por motivos de recreación descanso, cultura o salud, se trasladan de su lugar de residencia habitual a outro, em el que no ejercen ninguna actividad lucrativa ni remunerada, generando múltiples interrelaciones de importância social, económica y cultural. (1992, p. 19).

Nesta perspectiva, turismo é um fenômeno sociocultural que possibilita a partir da experiência de quem o faz, estranhamento e identificação, gerando profundo valor simbólico aos sujeitos envolvidos. Avila colabora ao destacar que, não considera o turismo apenas “[...] como um movimento de pessoas que implica uso de serviços, transportes, alojamento e alimentação” (2009, p. 18). Trata-se então, de um fenômeno:

[...] complexo, com múltiplas facetas que envolvem aspectos econômicos, socioculturais e ambientais, sendo uma atividade capaz de oportunizar conhecimento, sensibilidade, percepção social, contato com pessoas e várias culturas e que paradoxalmente, possui alto potencial em impactar negativamente sobre as comunidades anfitriãs (*op cit.*, p. 19).

Para tanto, ao romper com a visão essencialmente econômica sobre o turismo, é de pertinência considerar que:

[...] o turismo atual deve ser considerado basicamente como produto da cultura, no sentido amplo deste termo. Por isso, as explicações de caráter econômico que são utilizadas para compreender a transcendência do turismo são, evidentemente, insuficientes, ainda que significativas, porque não contemplam e tampouco consideram a diversidade de dimensões do fenômeno (MOLINA; RODRIGUEZ, 2001, p. 9).

A premissa cultural como norteadora do fenômeno turístico possibilita que ao

trabalhá-lo no âmbito escolar não se fique limitado ao seu valor econômico, podendo ir para além. Pois ao:

Abordar o turismo sob a óptica cultural é tarefa que vai além da preocupação em se efetivar o seu entendimento, mas também de dialogar com outras áreas tradicionais do conhecimento, como a História, Geografia, Artes, Ciências, Biologia e outras, ampliando a percepção de mundo dos educandos e oferecendo novos conhecimentos a serem agregados em sua formação básica (FONSECA FILHO, 2007, p. 7).

É neste sentido que se tem a intenção de se trabalhar o turismo como tema transversal para o Ensino de História Local. Observa-se que conseqüentemente também é necessário olhar a educação para o turismo, pois acredita-se que:

[...] a educação em turismo pode ser desenvolvida de maneira que possa abordar assuntos como cidadania, alteridade, sociabilidade, cultura, educação ambiental e patrimonial; que destacamos como relevantes para a formação dos educandos e que, muitas vezes, devido ao tempo limitado e à necessidade de cumprir os conteúdos programáticos das disciplinas tradicionais, esses temas são pouco destacados (FONSECA FILHO, 2007, p. 10).

Neste intento, Gastal salienta que para isso: “O turista, percorrendo outras regiões ou países, tem nesta vivência de semelhanças e diferenças, uma das razões primeiras das suas práticas” (2006, p. 6). Observa-se que existe um vínculo forte com a escala de deslocamento, “outras regiões”, “países”, para que o sujeito possa vivenciar momentos de alteridade e identificação, trocas culturais, de “semelhanças” e “diferenças”, no entanto, acredita-se que nas menores escalas também pode ocorrer estes processos.

Neste sentido, pensando nas cidades, elas possuem diferentes espaços, como seus braços, os bairros, possuem suas peculiaridades. Seus moradores têm suas relações e representações sociais, memórias, histórias, espaços de sociabilidades, espaços de lazer, paisagens que se diferem de um bairro para o outro, os outros nesta perspectiva seriam os que:

[...] não compartilham constantemente esse território, nem o habitam, nem têm portanto os mesmos objetos e símbolos, os mesmos rituais e costumes são os outros, os diferentes. Os que têm outro cenário e uma peça diferente para representar (CANCLINI, 2003, p. 190).

No espaço citadino estes contrastes podem ser percebidos na dinâmica e organização espacial das cidades. Nesta direção: “[...] não seria mais necessário sair dos limites da cidade,

pois esta se tornou o território da multiplicidade, permitindo sermos turistas mesmo sem abandonar seu território” (GASTAL, 2006, p. 8). Vislumbra-se que seja dada atenção para a experiência turística com o propósito de deslocamento para espaços fora dos habituais, e não na distância percorrida, que se percebe os outros a partir da prática turística sem sair de seu território.

Deve haver alguns aspectos do lugar a ser visitado que o distinguem daquilo que é encontrado convencionalmente na vida cotidiana. As experiências turísticas envolvem algum aspecto ou elemento que induz experiências prazerosas, as quais, em comparação com o dia a dia, se situam além do habitual (URRY, 1996, p. 28).

Gastal corrobora, à medida que, constata que:

Também se estaria migrando de um conceito de turismo marcado pelas distâncias espaciais, para um conceito que priorizaria a sua prática como o percorrer tempos e espaço diferente dos rotineiros. Turismo seria menos o percurso no espaço, para tornar-se um percurso por tempos-espaços, em especial culturais, diferentes daqueles a que se esteja habituado, com ênfase nas vivências e experiências (2006, p. 8).

É neste arcabouço conceitual de turismo é que parte-se da premissa de que algumas correntes epistemológicas do turismo vêm tentando romper gradativamente com o aspecto global do turismo como uma indústria econômica.

Para poder servir de instrumento educacional, é preciso ir para além de uma prática de deslocamento e de negócios, buscando:

O turismo, aliado ao desenvolvimento da cidadania, a partir da aprendizagem sobre a cidade, pode desempenhar um papel importante na apropriação de uma cidade por parte de seu morador, na medida em que faz a mediação entre espaço e sujeito (ABREU, 2011, p. 11).

Nesse sentido, são de pertinência as contribuições teóricas sobre o turista cidadão, para isso recorre-se aos estudos de Gastal (2006), que nos esclarece sobre o turista cidadão. Pois na experiência de aproximar o turismo da educação torna-se necessário tomar postura de turista cidadão. Neste caso:

O turista cidadão irá apropriar-se com maior competência dos espaços e situações. A cidade nos seus fixos deixa de ser uma desconhecida, mesmo para seus próprios moradores, e torna-se o território familiar ao qual se constrói pertencimento e identificação (*op cit.*, p. 9).

Para isso compreendo que o Turismo associado à cidadania leva a outras possibilidades de construção de sujeito histórico. A partir das possibilidades de criar condições de apropriação e expressão do sujeito das/nas estâncias temporais e espaciais das cidades.

Ao relacionar o turismo com a educação, o turismo pedagógico aparece no ensino como uma proposta interdisciplinar, como afirma Bonfim:

Vale destacar que o objetivo maior quando se realiza a atividade de turismo pedagógico não é o lazer simplesmente, mesmo que em alguns momentos sejam desenvolvidas ações compreendidas como de lazer. É a possibilidade de promover o desenvolvimento social, crítico e educativo que se justifica a utilização do turismo, enquanto atividade de lazer que serve ao ensino. Portanto, percebe-se uma nova concepção da atividade, uma vez que o espaço turístico se transforma em um espaço de educação extraclasse, contribuindo para auxiliar o processo de aprendizagem com uma nova prática pedagógica (2010, p. 123).

Neste viés, o turismo pedagógico vem para complementar esta aproximação, à medida que:

O turismo pedagógico propicia ao aluno aprender mais sobre si mesmo, pois, ao vivenciar experiências concretas que fazem parte de sua própria história, passa a ter interesse em preservá-la e até mesmo em enriquecê-la (MILAN, 2007, p. 32).

Então, se busca difundir:

Situações de aprendizagem relacionadas aos conteúdos curriculares, valores éticos e estéticos, além de atitudes formativas, tais como o desenvolvimento da capacidade de iniciativa e solidificação de amizades; respeito ao outro e fortalecimento da noção de pertencimento a um grupo ou a um ecossistema; experiência de autonomia; elaboração conjunta de regras de convivência, dentre outras (PERINOTTO, 2008, p. 102).

Partindo dessas premissas é que acredito que o turismo em especial o de cunho pedagógico permite abordar a História Local incluindo elementos do meio nos processos de ensino e de aprendizagem podendo servir de elemento transversal para o Ensino de História Local, ao utilizar os espaços turísticos citadinos como um espaço extraclasse.

O turismo cultural, quanto à segmentação do Turismo, é de relevância para este estudo no que tange a sua capacidade educativa, tem seus subsídios abarcados nos patrimônios históricos. Para Beni, o turismo cultural:

Refere-se à afluência de turistas a núcleos receptores que oferecem como produto essencial o legado histórico do homem em distintas épocas, representando a partir do patrimônio e do acervo cultural, encontrado nas ruínas, nos monumentos, nos museus e nas obras de arte (BENI, 2003, p. 431).

Esta segmentação da atividade turística consome de certa forma o patrimônio histórico, os bens culturais (materiais e imateriais), de um determinado país, região, cidade ou de uma comunidade. Para Meneses:

A atividade turística assim permanece por muito tempo, e hoje, a despeito de uma setorização maior e mais ampliada, o atrativo artístico-histórico-cultural é, ainda substrato essencial do setor turístico (2006, p. 39).

Deste modo, percebe-se quanto é importante para o turismo, os bens culturais, legados e patrimônios históricos. Desta forma, é necessária a conservação destes, além disso, as práticas turísticas devem estar voltadas para a valorização e a preservação das culturas. Levando em conta o fator educacional, que o fenômeno turístico tem intrinsecamente, o turismo de cunho cultural, assume, ou tem que assumir este caráter educacional, não só em relação aos turistas, mas principalmente para a população local.

Pois muitas vezes a própria comunidade desconhece seus bens culturais, suas raízes e suas tradições. Sendo assim, é preciso reacender o sentimento de pertencimento das populações locais por seu patrimônio cultural, de forma que venha a elevar a sua autoestima, e fortificar a identidade cultural de determinada comunidade receptora.

## 2. METODOLOGIA

O passo inicial desta jornada metodológica se deu no momento do primeiro contato com a escola Wanda Rocha Martins, quando fui recepcionada pela Diretora que logo me encaminhou para a Coordenadora Pedagógica, quando apresentei minha proposta a ela. Logo no momento do recreio já passamos juntas para as professoras a ideia, que em seguida expressaram em seus rostos, naquele exato momento, um entusiasmo e receptividade abrindo as portas de suas salas de aula. Já saí deste primeiro contato com a data marcada para a realização da entrevista com as professoras e para a realização das aulas expositivas e datas prováveis para a realização do roteiro turístico.

Para tanto, o presente estudo teve como percurso metodológico diversos momentos complementares entre si. Partindo da premissa da concepção da Aula Oficina, baseada no conceito da professora Dra. Isabel Barca (2004), que neste estudo está associado à concepção do Turismo Pedagógico.

Para tanto, foram programadas ações que conforme o andamento da pesquisa acompanharam as intempéries, recursos e disponibilidades dos sujeitos envolvidos e ajustadas de acordo com as mesmas. Sem perder o foco inicial, e a pergunta norteadora e inspiradora desta pesquisa: De que forma e qual a relevância das contribuições do Turismo Cultural para o Ensino de História Local nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e a possível ressonância na prática pedagógica dos professores?

Sendo assim, se torna importante desde já apontar para as ações programadas que foram realizadas para que seja possível compreender as decisões metodológicas tomadas.

As ações programadas realizadas:

1 - realização de entrevistas com quatro professoras que atuam nos 4º anos da Escola Wanda Rocha Martins, bem como a posterior transcrição e análise;

2 - realização da primeira parte da Aula Oficina: aula expositiva com os alunos das quatro turmas dos 4º anos, atividade foi dividida em dois grupos em dias diferentes;

3 - planejamento e organização do “Roteiro Turístico Pedagógico – Turismo Histórico-Cultural na Cidade do Rio Grande – RS”;

4 - confecção do folder turístico do respectivo roteiro;

5 - realização da segunda parte da Aula Oficina: execução do Roteiro Turístico Pedagógico;



6 - realização da terceira parte da Aula Oficina: atividade após a experiência turística executada com a professora (questionário) e com os alunos (*feed back* oral, questionário e confecção de postais);

Em consonância com as ações programadas é que estabeleci os caminhos metodológicos desta pesquisa. Cabe salientar, que a proposta inicial seria de realizar as ações 5 e 6 da presente pesquisa com as quatro turmas das respectivas docentes que foram entrevistadas, mas por desenlaces do percurso da pesquisa, não foi possível. Destaco aqui a dificuldade de conseguir o veículo necessário junto a Secretaria de Município da Educação – SMED da cidade do Rio Grande, para a realização do roteiro turístico com as quatro turmas, o que acarretou uma demanda de tempo e recurso financeiro maior do que havia planejado inicialmente.

Então, foi realizado o passeio turístico com uma turma e, conseqüentemente, a ação 6 também foi realizada com uma turma e com a sua respectiva professora. Desta forma, pude adequar à proposta inicial desta pesquisa, às ações e os caminhos metodológicos, construindo os enlances e desenlaces no percurso desta pesquisa.

Postas estas questões iniciais, vejamos como se configura o quadro metodológico da presente pesquisa para que depois possamos viajar nas interpretações e revelações dos dados obtidos.

## **2.1 Quadro Metodológico**

O fazer metodológico deste estudo se justifica por ser um estudo interdisciplinar que tem como premissa levantar dados acerca do Ensino de História Local nos Anos Iniciais da Escola Wanda Rocha Martins, e interpretá-los a fim de realizar uma análise reflexiva e compreender as problemáticas que envolvem o ensino e a aprendizagem de História, tendo como tema transversal o Turismo Pedagógico. Deste modo, quanto aos objetivos da pesquisa, se caracteriza por ser exploratória, pois, segundo Dencker:

A pesquisa exploratória procura aprimorar idéias ou descobrir intuições. Caracteriza-se por possuir um planejamento flexível, envolvendo em geral levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas experientes e análise de exemplos similares. As formas mais comuns de apresentação das pesquisas exploratórias são a pesquisa bibliográfica e o estudo de caso (1998, p. 151).

Esta pesquisa se caracteriza por ser um estudo de caso, no momento em que volta o olhar para o estudo em profundidade em uma determinada escola, Wanda Rocha Martins, em

uma turma, 4º A, e à professora, tendo como foco principal o Ensino de História Local.

Assim, o estudo de caso “[...] é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado” (GIL, 2014, p. 57). O estudo de caso vem sendo utilizado cada vez mais pelos pesquisadores sociais, tendo em vista que serve às pesquisas com diferentes escopos, como:

- a) explorar situações da vida real cujos limites não estão claramente definidos;
- b) descrever a situação do contexto em que está sendo feita determinada investigação; e
- c) explicar as variáveis causais de determinado fenômeno em situações muito complexas que não possibilitam a utilização de levantamentos e experimentos (*op cit.*, 2014, p. 58).

O estudo é predominantemente qualitativo, partindo da premissa que este tipo de pesquisa não se preocupa tanto com questões numéricas, e: “Envolve a coleta de uma grande quantidade de informações sobre um pequeno número de pessoas” (VEAL, 2011, p. 76). Assim, este tipo de abordagem:

É usada quando a completa compreensão do comportamento e das situações de alguns indivíduos, por mais “não representativos” que possam ser, é necessária, mais do que um entendimento limitado de um grupo grande e “representativo” (*op cit.*, 2011, p. 76).

Veal (2011), apresenta uma série de métodos qualitativos para o pesquisador social, dentre eles elenca as entrevistas de profundidade, grupos focais e entrevistas em grupo, observação participante, análise textual e métodos bibliográficos e etnográficos.

### **2.1.1 Entrevista e questionário**

Para a coleta de dados a entrevista se configura neste trabalho como parte da pesquisa que permite: ter acesso, conhecer, compreender o ponto de vista das professoras em relação as suas vivências e experiências e as práticas pedagógicas que envolvem o Ensino da História Local. Deste modo, se compreende que a entrevista é:

[...] a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação (GIL, 2014, p. 109).

Neste caminho foi realizada uma entrevista em grupo com as quatro professoras que atuam nas suas respectivas turmas dos 4º anos A, B, C e D da escola Wanda Rocha Martins. Este momento ocorreu na sala dos professores, aproveitando o dia de hora atividade das professoras, ao chegar deixei livre para que elas optassem a forma que se sentiam mais à vontade para a realização da entrevista, se preferiam de forma oral ou escrita, imediatamente todas optaram para que fosse de forma oral.

Para isso a entrevista foi gravada mediante a autorização das entrevistadas e posteriormente transcrita. Fui orientando a fluidez da entrevista de acordo com o roteiro<sup>4</sup> de perguntas, já previamente estruturado, contendo oito questões. Pude perceber que por estarem em um lugar rotineiro e com suas colegas se sentiram à vontade e descontraídas, se tornando um bate papo reflexivo sobre suas próprias práticas, anseios e necessidades.

Em um momento específico se utilizou do aporte técnico do questionário estruturado, com questões abertas, que foi utilizado na atividade de retorno da experiência turística vivida pelos sujeitos. Quando foram confeccionados dois questionários distintos<sup>5</sup>, um com oito perguntas e espaço para considerações livres destinadas à professora da turma e outro contendo seis perguntas para os alunos, sendo esse respondido individualmente por cada um dos 19 alunos do 4º A envolvidos na atividade.

A proposta de utilizar os questionários na atividade considerada de retorno, tem como intuito perceber através das narrativas expressas nas respostas, a trama entre o vivido e a cognição da história local a partir da experiência turística.

Para a interpretação dos dados, foi utilizado o suporte metodológico da análise de conteúdo. A análise de conteúdo, segundo Gil, é desenvolvida em três fases, pré-análise, exploração do material, tratamento dos dados e interpretação: “Para interpretar os resultados, o pesquisador precisa ir além da leitura dos dados, com vistas a integrá-los num universo mais amplo em que poderão ter algum sentido” (GIL, 2014, p. 178).

Nesse sentido, após o tratamento adequado dos dados, foi realizada uma pré-análise dos dados, “[...] é a fase de organização. Inicia-se geralmente com os primeiros contatos com os documentos (leitura flutuante)” (GIL, 2014, p.152). Na sequência a exploração do material aconteceu no que se refere às decisões tomadas na pré-análise.

Na última etapa de análise, tem-se: “O tratamento dos dados, a inferência e a interpretação, por fim, objetivam tornar os dados válidos e significativos” (GIL, 2014, p.

---

<sup>4</sup> Ver em Anexo.

<sup>5</sup> Ver em Anexo.

153). É neste momento, que as interpretações dos dados e os fundamentos teóricos da pesquisa permitem a delimitação das problemáticas descobertas, a análise e reflexão.

Seguindo a sequência metodológica, entramos em um momento da execução prática da proposta ao qual este estudo se propôs, começamos então a Aula Oficina, que foi composta por diferentes ações programadas, na seguinte ordem: aula expositiva, roteiro turístico, aula de retorno (*feed back* oral, questionário e confecção de postais).

### **2.1.2 Aula Oficina**

Compreendendo que nos processos de ensino e de aprendizagem da história devemos ir além do que simplesmente recordar o passado e memorizá-lo, é que buscamos uma metodologia que propiciasse o rompimento do paradigma educacional tradicional, onde o aluno é a tabula rasa e o professor detentor do saber a ser proferido.

Sendo assim, a proposta metodológica da Aula Oficina por Barca (2004), se fez pertinente ao passo que para além do rompimento de paradigmas educacionais tradicionais, pois quando se fala em história local essa metodologia proporcionou uma didática da história com maior flexibilidade, diálogo, utilização de materiais (fontes, imagens, vídeos e livros), a utilização do turismo como uma prática pedagógica, uma sequência na cognição histórica a partir das vivências e experiências, buscando a aproximação cognitiva do conteúdo com o vivido.

Neste intento na aula oficina o aluno é o agente de sua formação, com ideias prévias e uma bagagem cultural e o professor por sua vez assume o papel de investigador social e organizador das atividades. Seguindo esta lógica, Barca (2004) nos elucida que o saber histórico na aula oficina é multifacetado, à medida que possibilita a cognição em vários níveis: senso comum, ciência, e epistemologia.

Saliento que, assim torna-se possível a maior comunicação epistemológica entre a “história dos historiadores” com a história escolar, neste sentido:

[...] ousa-se afirmar que os objetivos do ensino da História podem e devem constituir uma ponte gradual, e não um fosso, entre o que os alunos aprendem e o que os historiadores e filósofos da História pensam e produzem (BARCA, 2012, p. 38.).

Contudo, na Educação Histórica é importante considerar uma proposta amparada nos princípios da aprendizagem histórica que, segundo Barca (2001), se dá em contextos concretos, sendo de suma necessidade que os conceitos façam sentido para quem vai aprendê-

los, ainda mais quando falamos em História Local.

Portanto:

Existe uma multiplicidade de factores da cognição a ter em conta. As vivências prévias dos sujeitos e a natureza específica do conhecimento, o tipo de tarefas a desempenhar, as aptidões individuais são aspectos fundamentais para a progressão do conhecimento (BARCA, 2001, p.20).

Neste viés, é importante estar atento aos recursos e estratégias a serem utilizados nos processos de ensino e de aprendizagem histórica, levando em conta então os contextos, sentidos e sujeitos envolvidos nesta dinâmica.

No que tange aos recursos e estratégias segundo Barca (2004), no modelo de Aula Oficina pode-se utilizar de múltiplos recursos para a intervenção e a avaliação, que se caracteriza por um momento de produção de material, testes e diálogos.

Assim, utilizamos a aula expositiva dialogada, intitulada “CIDADE DO RIO GRANDE: conversando sobre sua história”, configurando-se como o primeiro momento de intervenção. Sendo realizada duas vezes em dias alternados, com grupos de duas turmas cada; para esta atividade, primeiramente, foi elaborado o Plano de Aula<sup>6</sup>. Como recursos didáticos utilizou-se do aporte do multimídia, com a apresentação no *Power Point*<sup>7</sup>, a leitura do livro “Um tesouro pra todos: conversando sobre patrimônio cultural”<sup>8</sup>, a audiência a dois vídeos – ambos disponíveis no Youtube<sup>9</sup> – uma animação produzida pela BM Produções em parceria com a Secretaria de Turismo de Coronel Fabriciano/MG e o “Vídeo turístico da cidade do Rio Grande/RS”<sup>10</sup>, com Direitos autorais de Chrome Vídeo Produtora – realizado pelo Porto do Rio Grande.

A aula expositiva teve como objetivo sensibilizar o olhar dos alunos e professoras para a história local e para o turismo. Utilizando de imagens antigas da cidade e atuais, fontes, vídeos e perguntas. Começamos a dialogar primeiramente pela origem da cidade do Rio Grande, sua fundação, e sua posição geográfica estratégica para a atividade portuária e para a pesca; sua economia; o processo de urbanização; aspectos sociais; transformações na cidade XIX - XX; a consolidação de uma cidade industrial; fábrica Rheingantz; Leal Santos; Poock e

---

<sup>6</sup> Ver em Anexo.

<sup>7</sup> Ver em Anexo.

<sup>8</sup> FOOT, Newton. Um tesouro pra todos: conversando sobre patrimônio. São Paulo: Escala Educacional, 2007.

<sup>9</sup> “Bira e Beto amigos do turismo” - Disponível em: <https://youtu.be/hB1XSex-uCk> Acesso em 28/03/2018.

<sup>10</sup> Disponível em: <https://youtu.be/a6baRizt8MY> Acesso em 28/03/2018.

Cia; Construção dos molhes da Barra em 1908; século XX e XXI na cidade.

Este foi o primeiro momento de diálogo, o segundo momento partiu a apresentação de dois bairros, o balneário Cassino e a Ilha dos Marinheiros, tendo em vista a importância turística destes dois para a região bem como histórica, além de que no balneário Cassino está localizada a escola e a residência de todos os alunos.

Então, na sequência começamos a conversar sobre a Estação Balnear Villa Sequeira (momento de consolidação do balneário Cassino no fim do século XIX), neste intento foi apresentado a eles fontes sobre a fundação do balneário e imagens antigas. Após a conversa foi voltada para a Ilha dos Marinheiros e sequência de imagens atuais.

Após este momento, iniciei alguns questionamentos a fim de perceber o que eles entendiam por patrimônio, quais os patrimônios da cidade para eles, a partir destes questionamentos começamos a conversar sobre turismo, se eles costumam viajar, o que eles observam nas viagens e o que eles entendiam por turismo.

Depois destes questionamentos assistimos aos dois vídeos propostos, e após a audiência dos vídeos conversamos sobre o que eles entendiam por atrativo turístico, turistas, e sobre o que seriam os serviços turísticos de uma cidade. Para que assim pudessem perceber e dizer qual a percepção deles sobre o turismo, se eles percebem o turismo na cidade, e quais os pontos turísticos da cidade do Rio Grande.

Nesse sentido, a aula expositiva em seu primeiro momento se caracterizou e teve como objetivo trazer marcos históricos e contextualizar a história da cidade, a partir de texto e imagens. No segundo momento o diálogo esteve orientado para as questões atinentes ao seu bairro e a sensibilização para o turismo e aos bens patrimoniais.

Desta forma, Barca (2004), mostra que a projeção para uma aula de história deve levar em conta: a interpretação de fontes, a compreensão contextualizada de situações humanas e sociais em diferentes tempos e em diferentes espaços; e a comunicação no sentido de exprimir a sua interpretação e compreensão das experiências humanas ao longo do tempo sensibilidade e utilizando a diversidade dos meios de comunicação atualmente disponíveis.

Em relação aos efeitos sociais da Aula Oficina, Barca (2004), nos mostra que, se no modelo de aula conferência temos como efeito produtos sociais, e na aula colóquio de atores sociais, no paradigma da aula oficina teremos como efeito os agentes sociais. Neste tocante, o professor deve se perceber como investigador social, pois, no modelo de Aula Oficina:

[...] o aluno é efetivamente visto como um dos agentes do seu próprio conhecimento, as atividades das aulas, diversificadas e intelectualmente

desafiadoras, são realizadas por estes e os produtos daí resultantes são integrados na avaliação (BARCA, 2004, p. 132).

Questão que, para o Ensino de História a que este estudo se propõe é de grande relevância no que tange à consciência histórica e à compreensão de ser e se perceber sujeito histórico de seu tempo, seguindo assim uma dinâmica social do saber histórico.

Fugindo da lógica da aula-conferência, a aula expositiva se deu de forma dialogada, durante a execução professoras e alunos puderam participar com perguntas e comentários, o que caracterizou esse momento como de compartilhamentos simultâneos entre todos envolvidos, aproximando o que estava sendo experienciado com o cotidiano e vivências de cada um.

Desta forma, o grande mote metodológico que norteia este estudo está centrado na análise das práticas da aula oficina, a primeira ação foi a aula expositiva dialogada e a segunda se caracterizou pela realização do roteiro turístico histórico pedagógico. Sendo a terceira ação a atividade de retorno, encontro caracterizado por uma conversa, realização do questionário e confecção dos postais.

A confecção de postais se torna relevante, visto que entendemos os desenhos como narrativas gráficas que podem nos revelar sobre a apropriação estética, cognitiva e afetiva da cultura histórica, do patrimônio histórico-cultural e do patrimônio ambiental. Desta maneira, as imagens possuem um poder narrativo que trazem significâncias históricas e turísticas. Nesse sentido Fronza (2015), corrobora ao trazer a reflexão sobre a importância do uso de imagens alternativas nos processos de ensino e de aprendizagem, pois:

O uso de imagens alternativas, que causem o sentimento estético, pode ser vital porque possibilitam a consciência do distanciamento entre o passado e o presente, abrindo espaço, assim, para um primeiro passo de um processo de ordenamento do tempo (*op. cit.*, 2015, p. 84).

Assim podemos perceber como tal uso pode abrir o primeiro passo para o processo de ordenamento temporal, ou seja, a partir da produção de suas próprias narrativas gráficas, os desenhos, os educandos mobilizaram a dimensão estética das materialidades históricas através do roteiro turístico, assim libertando o sentido cognitivo de uma experiência do passado no presente, desta forma passam a narrar suas próprias histórias a partir do que foi significativo para eles durante a experiência turística e como sujeitos que vivem no tempo presente.

Nesta pesquisa no que se refere ao momento da avaliação, esta ficou caracterizada como a atividade de retorno (ação programada número 6), onde se teve um diálogo sobre as

ações anteriores: aula expositiva, o passeio turístico, e as questões do questionário e a confecção de postais. Neste sentido, a avaliação se deu de forma informal, a turma não sabia que seriam avaliados, a partir de suas narrativas expressas no questionário.

### **2.1.2.1 Roteiro Turístico Pedagógico – Turismo Histórico-Cultural na Cidade do Rio Grande – RS “Rio Grande: conhecendo a cidade aprendendo sua história”**

Neste percurso se torna relevante fazer algumas considerações em relação ao planejamento do roteiro turístico que foi elaborado e executado nesta pesquisa. O roteiro primeiramente teve seus pontos de interesses baseados no distanciamento do bairro de residência e a história local.

Para o planejamento deste roteiro foi necessária uma seleção cuidadosa dos atrativos turísticos a serem visitados, considerando o que foi apresentado na primeira parte da aula oficina e o conhecimento prévio dos alunos. Um ponto de partida para seleção foi a manifestação de muitos alunos em relação a nunca terem ido a um museu, por conta disso foram inclusos no roteiro a visita em espaços museais.

Neste intento observou-se a relevância de incluir no roteiro a visita aos seguintes espaços: o Museu da Cidade do Rio Grande – MCRG, que através de seu acervo tem-se a possibilidade de remontar cenários e perceber as relações entre o passado e o presente, materializando de certa forma o que foi conversado durante a primeira parte da Aula Oficina; e o Museu Oceanográfico Eliézer de C. Rios, que tem expressa no seu acervo a importância das águas que rodeiam nosso município.

Doravante, se tornou pertinente a visita a espaços de memória como a Fototeca Municipal Ricardo Giovannini, levando em conta que a partir do seu acervo de imagens é possível perceber diversos aspectos paisagísticos, urbanos, rurais e naturais além dos registros das manifestações culturais e sociais da cidade. E bem como as dependências da Biblioteca Riograndense, espaço onde se encontram salva-guardado um imponente acervo de jornais locais do século XIX.

O roteiro então foi pensando como forma de que o turismo, uma vez planejado para fins pedagógicos, possa materializar a partir da experiência turística o saber histórico no que toca a história local, além de possibilitar a cognição a partir do estranhamento e identificação a partir do olhar diferenciado sobre os lugares citadinos que não são rotineiros. O roteiro por sua vez ficou estruturado da seguinte forma:

**13:30** – saída da escola – Deslocamento em direção ao Centro Histórico da Cidade



pela Via 9 e acesso a estrada da Barra.

➤ Durante o percurso de ida para centro histórico da cidade, tivemos a oportunidade de percorrer a “estrada da barra”, como localmente é chamada. Nessa perspectiva, os alunos tiveram a oportunidade de observar alguns terminais retro portuários, o estaleiro, as empresas de fertilizantes entre outros empreendimentos. Ainda nesse deslocamento, passamos pela Ponte dos Franceses sobre o “Saco da Mangueira” (Parte do Estuário da Lagoa dos Patos).

**14h15** – Chegada e visita ao Museu da Cidade do Rio Grande – MCRG.

**14h45** – Centro Histórico a pé - caminhada no Centro Histórico, no entorno da Praça Xavier Ferreira em direção a Fototeca Municipal Ricardo Giovanini.

➤ Nesse contexto, o grupo pode desfrutar de uma caminhada pela orla da Lagoa dos Patos, passando pelos imponentes prédios, a sede da Alfândega, a Praça Xavier Ferreira, o Mercado Público Municipal, a Biblioteca Rio Grandense e a Catedral de São Pedro.

**15:20** – Fototeca Municipal Ricardo Giovanini.

**15:45** – Retorno para o ônibus dando início ao deslocamento em direção ao Museu Oceanográfico Prof. Eliézer de Carvalho Rios. Chegando ao museu fizemos a visita ao acervo e posteriormente o piquenique, a ser realizado na parte externa do museu.

**16:50** – Retorno para escola em direção ao Balneário Cassino, com vista panorâmica do complexo da antiga fábrica têxtil Rheingantz, cemitério, passando pelo pórtico da cidade.

**17:20** – Desembarque, chegada na escola.

O roteiro então contou com a visita a espaços museais e de memória, contemplação da paisagem e a circulação a pé no centro histórico, o que levou em conta também as ideias contidas no conceito do turismo Cidadão por Gastal e Moesch (2007). Considerando a importância de vivenciar e sentir a história que está presente nas ruas da cidade, na praça, na paisagem, na circulação de pessoas, no tempo presente, materializada nas arquiteturas, monumentos e espaços públicos. É que acredito na possibilidade de um saber histórico multifacetado buscando a vivência e a compreensão contextualizada da trajetória humana em diferentes espaços e tempos.

Para acompanhar o roteiro, foi confeccionado um *folder* que foi entregue à turma no último encontro antes da realização do roteiro, contendo informações sobre os lugares que iríamos visitar e imagens do meu acervo.

## Folder lado A

### TERMINAIS PORTUÁRIOS

A cidade do Rio Grande teve seu desenvolvimento econômico e social ligado as movimentações portuárias. Muitas pessoas passaram a vim para cidade de outras regiões do Brasil, motivadas pelas oportunidades de empregos e qualificação profissional, assim ao longo do tempo o município sente os reflexos do ligeiro crescimento do Porto e implementações de esteleiros.

#### Balneário Cassino

Em 1890 era inaugurada a Estação de Banhos Vila Sequera na costa oceânica da cidade do Rio Grande-RS hoje conhecida como balneário ou praia do Cassino. É o mais antigo balneário marítimo a ser planejado do Brasil. Tem a denominação de Cassino por ter tido um salão de jogos de grande prestígio no século XIX, nas dependências do hotel Cassino, hoje hotel Atlântico.

Este balneário a princípio foi planejado para banhos terapêuticos de mar e aos poucos se transformou em um espaço de lazer, entretenimento e ócio. Atualmente nos estíves de verão recebe um grande número de turistas em busca de sol e praia.



Visão Marítima do Balneário Cassino

## RIO GRANDE



CONHECENDO A CIDADE  
APRENDENDO SUA  
HISTÓRIA

### ROTEIRO TURÍSTICO PEDAGÓGICO – TURISMO HISTÓRICO-CULTURAL NA CIDADE DO RIO GRANDE – RS



PRODUÇÃO E EXECUÇÃO – ÉRICA SOUTA RAMOS –  
MESTRANDA NO PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM  
HISTÓRIA – PPGH, DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO  
GRANDE – FURG, COM ORIENTAÇÃO DA PROFD. DR.  
RITA DE CÁSSIA GRECCO DOS SANTOS – FURG.

### Lembranças para a vida toda

Nossa cidade faz parte de nossas histórias e memórias que nos constituem como sujeitos históricos de nosso tempo.

Já pensou poder aprender história fazendo turismo? Então nessa viagem vamos embarcar na história local!

Começando .... Por que Rio Grande?

A cidade recebeu este nome quando aqui chegaram em 1532, forasteiros em busca de destroços de uma embarcação perdida, ao chegar na Barra do Rio Grande, perceberam uma grande massa de água que desembocava no mar, aos olhos dos forasteiros se tratava de um grande rio. Dando origem a denominação da Cidade do Rio Grande. Este Rio Grande trata-se do Estuário da Laguna dos Fatos aspecto geográfico que marca a história e cultura da cidade.



### ESPAÇOS DE MEMÓRIA

-Museu da Cidade do Rio Grande – MCRG: Através de seu acervo podemos remontar cenários e perceber as relações entre o passado e o presente.

-Fototeca Municipal Ricardo Giovannini: Através do seu acervo de imagens podemos perceber diversos aspectos paisagísticos, urbanos, rurais e naturais além dos registros das manifestações culturais e sociais da cidade.

-Biblioteca Rio-Grandense: O prédio em estilo neoclássico abriga a mais antiga biblioteca do Estado – Fundada em 1846.



Prédio da Alfândega

## Folder lado B

### Atrativos turísticos Centro Histórico

#### CATEDRAL DE SÃO PEDRO

A Catedral de São Pedro é considerada a mais antiga do estado construída por portugueses, fundada em 25 de agosto de 1755. Localizada no centro histórico do município possui estilo colonial.

A Catedral passou por inúmeras reformas, atualmente é tombada pelo IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e está aberta ao público.

Catedral de São Pedro



Vista da Praça Xavier Ferreira

#### PRAÇA XAVIER FERREIRA

A Praça Xavier Ferreira é um espaço de grande importância social, pois em seu entorno ocorreram acontecimentos ligados a urbanização da cidade.

Sua primeira planificação foi elaborada em 1809. Desde o século XIX é considerada um espaço de lazer e circulação de pessoas. Possui uma beleza singular mesclando a beleza da vegetação com a malha urbana, se tornando um espaço de contemplação e de tranquilidade no centro da cidade.

A Praça em seu interior possui diversos monumentos e está rodeada por prédios históricos. A um lado está a minutos do centro comercial da cidade e de outro a passos da orla da Laguna dos Fatos.

#### QUEM FOI XAVIER FERREIRA?

Era jornalista e deputado e foi o autor do projeto que elevou o status de Vila a Cidade do Rio Grande, em 1835.

#### DIFERENTES DENOMINAÇÕES!

Devido aos diversos acontecimentos históricos da cidade a Praça recebeu diversas denominações até chegar a atual.

-Praça da Constituição; Praça do Império; Praça da Alfândega; Praça do Mercado

#### RELIQUÍAS DA PRAÇA

O Chafariz Francês – da segunda metade do século XIX, feito de ferro fundido, trazido da França, com sua esplendorosa beleza, teve como funcionalidade inicial o abastecimento de água e até os dias de hoje faz parte do embelezamento urbano da cidade.

A Coluna da Liberdade – Com 18 metros de altura este monumento levou menos de três meses para ser construído, e presta homenagem a data de 13 de maio de 1888, data da Lei Áurea. Mas também é compreendido como o primeiro monumento em homenagem a República, num período de transição do Império para a República.

Monumento ao Brigadeiro José da Silva Paes



#### BRIGADEIRO JOSÉ DA SILVA PAES

O Brigadeiro José da Silva Paes foi um militar português que aportou sua frota em Rio Grande em 1737, sua vinda faz parte do plano geopolítico de enfrentamento luso-espanhol na região. Silva Paes foi o primeiro militar e administrador da cidade. Ordenou que fosse construído o Forte Jesus-Maria-José.

#### MERCADO PÚBLICO

O Mercado Público do Rio Grande teve grande importância histórica para a movimentação portuária da cidade, situado a beira do conhecido "Caís do Porto Velho", era ponto estratégico para o comércio local. Ao lado das Docas do Mercado até hoje se comercializa peixados e camarão.

Nas dependências do Mercado funcionam diversas lojas e restaurantes, onde é possível degustar de um saboroso prato de frutos do mar, como o pastel de camarão ou um delicioso peixe frito com feijão e arroz.



Vista das Docas do Mercado

Para a elaboração deste material foi realizada uma pesquisa bibliográfica em obras de historiadores locais, sendo eles o Professor Dr. Francisco das Neves Alves (1997) e o

Professor Dr. Luiz Henrique Torres (2013, 2015, 2016). Nesse sentido, foi a partir desta pesquisa que veio o embasamento teórico para a produção deste *folder* turístico.

Cabe salientar que o *folder* serviu como material de apoio para a sensibilização e preparação para a realização do passeio e durante o trajeto de ida eles estavam com o *folder* na mão dentro do ônibus e bem como para a elaboração das respostas dos questionários, pois em alguns momentos alguns alunos utilizaram o material para ajudar nas suas respostas, desta maneira considero que o *folder* em sala de aula serviu como um material turístico para fins pedagógicos.

É neste emaranhado de atividades interligadas entre si é que busquei trazer esta proposta para o de Ensino de História Local vislumbrando no turismo seu potencial como um instrumento facilitador neste processo de ensino e de aprendizagem do saber histórico.

Além de poder trabalhar com temas transversais, tais como a sensibilização para o turismo, educação patrimonial e a educação ambiental durante as atividades executadas na aula oficina, sendo na aula expositiva dialogada por meio de perguntas sobre o que é patrimônio? Por que devemos preservar? Qual a importância dos patrimônios para o turismo? E bem como indagações sobre a preservação ambiental, considerando o ambiente como um todo, ou seja, tanto na atividade em sala como durante a realização do roteiro fui direcionando o olhar deles também para o lixo em meio às praças e monumentos, pichações, falta de manutenção e etc.

Neste percurso, antes de iniciarmos o terceiro capítulo torna-se relevante apresentar um breve histórico sobre a cidade do Rio Grande/RS, pois é o município em que as atividades foram desenvolvidas e bem como é onde está localizada a escola em que este estudo foi realizado.

### **2.3 O Lugar: Breve olhar sobre a História da cidade do Rio Grande/RS**

Neste momento torna-se pertinente discorrer sobre o contexto histórico da cidade do Rio Grande – RS e da formação do balneário Cassino, a fim de caracterizar o lugar em que se encontram os sujeitos da presente pesquisa.

Em 1737, com o desembarque do brigadeiro José da Silva Paes, surge a perspectiva de um projeto geopolítico mais amplo, que visava ao desdobramento das atividades bélicas e diplomáticas da Coroa portuguesa. Nesse contexto, é fundada a povoação de Rio Grande de São Pedro, com a construção do presídio Jesus Maria José, como uma fortificação. A cidade recebeu o referido nome em função da sua posição geográfica em meio a laguna e o Oceano:

[...] recebeu o nome de Rio Grande de São Pedro ao pensarem tratar-se de um grande rio ali existente, que desembocava nas águas do Oceano Atlântico, mas que, na verdade, representava uma área estuarina onde as águas doces da laguna dos Patos se mesclavam às águas salgadas do Oceano Atlântico (MARTINS; PIMENTA, 2004, p. 86).

O período de sua fundação está inserido em um cenário de enfrentamento entre as coroas de Portugal e Espanha, pela conquista do rio da Prata. Os enfrentamentos entre lusos e espanhóis, com vistas à contenção dos limites territoriais, centravam-se, nesse período, em Colônia do Sacramento<sup>11</sup>, cidade fundada por Dom Manuel Lobo, então governador da capitania do Rio de Janeiro, com o objetivo de estabelecer-se no rio da Prata e apropriar-se do mesmo.

Após sua fundação, Colônia oscilou entre o domínio ora português, ora espanhol, transformando-se em um importante ponto de contrabando, em razão de sua estratégica localização. Por isso a fundação da cidade do Rio Grande assume papel importante no que tange ao apoio à campanha militar portuguesa pela posse de Colônia (ALVES; TORRES, 1997).

A posição geográfica favorável do Rio Grande despertou interesse dos lusos, visto as constantes disputas com os espanhóis. A localidade era de interesse lusitano e visava conter os avanços espanhóis em seu território, em direção ao interior do Rio Grande do Sul. A cidade tornou-se o principal centro administrativo das tropas imperiais portuguesas (ALVES; TORRES, 1997) e representava um ponto de partida e proteção para Colônia do Sacramento. Conforme destacam Alves e Torres,

[...] a participação do exército guarani e da população civil radicada no estuário do prata dificulta a defesa do Sacramento contra um número superior de atacantes. A fortificação do Rio Grande permitiria uma base de apoio mais próxima do que o Rio de Janeiro e Laguna e o início de um povoamento sistemático em nome de Portugal (1997, p. 29).

A povoação de São Pedro foi elevada à condição de vila em 1747, mas sua organização administrativa tomou forma somente em 1751, com a instalação de um aparelho burocrático funcionando como estrutura do governo central da província. No entanto, o desenvolvimento da vila é interrompido em consequência da invasão espanhola, uma vez que os conflitos faziam parte dos embates entre portugueses e espanhóis, em função do interesse comum pela região. Com isso, a vila perde sua importância como centro administrativo,

---

<sup>11</sup> Atualmente, pertence ao país vizinho, o Uruguai.

transferido para Porto Alegre. Porém, não interferiu de forma definitiva no seu peso político.

A economia da cidade do Rio Grande, em meados do século XIX, sentia os benefícios da pecuária, a produção de charque era o principal motivo deste desenvolvimento comercial, pois a cidade servia como ponto estratégico para escoar a produção charqueadora: couros, chifres, charque, tutano, graxa e carnes em barris, além de servir como entrada de produtos importados.

Porém, o difícil acesso à barra do Rio Grande tornou-se um dos grandes obstáculos para o crescimento econômico, considerada uma das mais desagradáveis e perigosas da costa, por conta da profundidade do canal, que sofria muitas mudanças devido ao crescimento urbano da cidade e dos aterros; constantemente, a profundidade alterava-se. O problema foi solucionado nas primeiras décadas do século XX, com a prática das dragagens; mas, mesmo com tais percalços, a cidade continuou a ser a principal porta de entrada da província (ALVES; TORRES, 1997).

Economicamente, a cidade do Rio Grande passa a depender do porto, o único marítimo do Rio Grande do Sul: “Isso permitiu no século XIX uma expansão das atividades mercantis através do comércio de importação e exportação, principalmente nas mãos de imigrantes europeus e urbanos” (MARTINS; PIMENTA, 2004, p.86). Nas últimas décadas do século XIX, a cidade passa por um momento de grandes avanços urbanos, especialmente em termos de crescimento populacional e ocupação territorial. Nesse processo se dá a chegada do trem, a construção e o prolongamento do cais, o desenvolvimento do comércio e o aparecimento de uma indústria não artesanal (ALVES; TORRES, 1997).

Dentro do projeto de urbanização e melhoria dos serviços, a Província promovia frequentemente reformas no cais do porto, as quais visavam melhor atender às demandas da área portuária. Assim, em 1881, foram previstos projetos de prolongamentos no seu atracadouro, bem como a melhoria na prestação de serviços públicos, tais como a iluminação, a limpeza da área e a organização de sistemas de esgoto e abastecimento de água.

Quanto ao processo de industrialização da cidade, foi o que a alçou ao destaque entre as outras cidades do sul do Brasil. Martins e Pimenta, no artigo “A constituição espacial de uma cidade portuária através dos ciclos produtivos industriais: o caso do município do Rio Grande (1874-1970)”, elencam as indústrias de maior relevância para o município, como a Companhia União Fabril Rheingantz, cuja produção estava centrada nos tecidos de lã e derivados; a Leal Santos, filial de uma empresa portuguesa que produzia alimentos em conserva e, posteriormente, biscoitos; a Poock e Cia, que fabricava charutos com matéria-

prima vinda de Cuba.

Estas, dentre outras citadas, permitem compreender que o processo de urbanização e industrialização trouxe uma crescente chegada de operários à cidade, os quais supriam as necessidades das indústrias, ao mesmo tempo que demandavam a construção de vilas para moradia e um comércio que pudesse atendê-los.

Por conta dessa configuração, a sociedade rio-grandina sofre alterações em seu estrato social no século XIX. A classe alta, no referido período, procurava assumir um modo de vida burguês, fenômeno muito comum na sociedade brasileira a partir de 1820. Tais costumes, então vindos da Europa, faziam parte do estilo de vida dessa elite:

[...] à proporção do crescimento de seu poder econômico, buscava sofisticar seus hábitos, importando usos, costumes e utensílios europeus. As viagens à Europa eram motivo de orgulho, bem como o envio de filhos para estudar naquele continente, ou pelo menos, levando-os a aprender alguma outra língua, normalmente inglês ou francês, com algum mestre estrangeiro residente no Rio Grande (ALVES; TORRES, 1997, p. 50).

Com base nos dados citados, pode-se compreender os processos econômicos, políticos, urbanísticos e culturais em que a cidade do Rio Grande esteve envolvida nos últimos decênios do século XIX; as práticas diárias demonstram bem que as transformações atingiram altos índices de desenvolvimento.

Mediante a estes fatores, a cidade do Rio Grande foi se desenvolvendo constantemente até a atualidade, onde sua economia ainda segue dependente do seu Porto, e outros pequenos ramos comerciais, com o aumento da população, e a vinda de pessoas oriundas de outras regiões do Brasil, que vem motivadas pelas oportunidades de empregos e qualificação profissional, assim sofrendo reflexo do ligeiro crescimento do Porto e implementações de estaleiros.

Através dessas mudanças o Turismo vem sendo potencializado, e desfrutar dos atrativos da cidade, seus recursos naturais e patrimônios históricos, passa-se a ser essencial para uma cidade com grande desenvolvimento econômico, ser provida de mecanismos que permitam momentos de lazer e conservem sua identidade.

### **2.3.1 O Balneário Cassino**

Nesse cenário, é importante destacar a formação do Balneário Cassino e a aproximação com a história do turismo local. O balneário se desenvolve no final do Século XIX, acompanhando a crescimento da cidade, e percebe-se que as atividades turísticas,

embora na época se tratassem de práticas ainda incipientes, podem ser percebidas nos primórdios do Balneário, que hoje é um dos principais atrativos turísticos da cidade. Estudos apontam para o interesse dos investidores burgueses no turismo como parte de um novo dinamismo no contexto da sociedade local:

[...] os proprietários da Companhia Carris Urbanos do Rio Grande, no ano de 1885, notaram que a prática do turismo estava expandindo-se na cidade com a implantação da ferrovia, e resolveram aproveitar a geografia do local, com sua extensa costa de mar, estendendo a linha até o oceano, com a construção de uma estação de banhos, em tudo igual aos balneários europeus, como Dieppe, Biarritz, entre outros, e os sul-americanos como os de Pocitos e Ramirez, no Uruguai (ENKE, 2011, p. 4).

Nas viagens à Europa e ao Uruguai, os membros da elite riograndina trouxeram a ideia de construir uma estação de banhos em Rio Grande. Com a construção de uma estrada de ferro, ligando o centro urbano da cidade à costa, foi possível que a população riograndina e a rio-grandense tivessem acesso à área oceânica, podendo usufruir dos benefícios terapêuticos dos banhos de mar e de momentos de lazer (RAMOS, 2015).

Em 1890, foi inaugurada a Estação Balneária Vila Sequeira<sup>12</sup>, na cidade do Rio Grande. A estação de banhos foi idealizada pela Companhia Carris Urbanos de Rio Grande, também responsável pela realização do transporte para a costa; a empresa estava sob a gerência de Antonio Candido de Sequeira. Em sua primeira temporada de banhos, muitas pessoas passaram a procurar a Estação, para a prática dos banhos de mar, conquistando grande prestígio entre a sociedade local (RAMOS, 2015).

Na costa, segundo Ferreira (2011), começa a construção de uma infraestrutura voltada para bem receber o público que procurava o balneário; foram erguidos um hotel, alguns camarotes de banho e as primeiras habitações de famílias da cidade e arredores; outras ainda disponibilizadas para hospedagens e para o comércio.

Ao longo da década de noventa do século XIX, deu-se o processo de desenvolvimento do balneário Vila Sequeira. Em pouco tempo, momentos de ócio e as atividades de lazer são somados aos banhos. Nesse sentido, Enke explica, a respeito da formação da Estação:

A valorização do ócio e do lazer e o hábito de gozar as férias junto ao mar fizeram com que empresários dotassem as estâncias balneares de vários

---

<sup>12</sup> Atualmente, Balneário do Cassino ou Praia do Cassino, localiza-se na Costa Oceânica da cidade do Rio Grande/RS.

espaços sociais, como hotéis, pousadas, restaurantes, clubes e salas de teatro. Na Villa Siqueira não foi diferente, a proposta de construção de um balneário com características europeias foi elaborada e o empreendimento passou a ser executado (2013, p. 83).

No final do século XIX, a estação estava sendo planejada como um espaço para receber as pessoas que procuravam o balneário. Por isso, a necessidade de dotar o balneário de uma infraestrutura mínima, de modo que atendesse as necessidades das pessoas, mas também oferecesse conforto (RAMOS, 2015).

Atualmente, o local por onde passava o trem cedeu lugar a mais importante via de acesso ao balneário: a Avenida Rio Grande, hoje espaço de encontro e convivência de uma enorme massa humana (RAMOS, 2015). O Balneário Cassino pode ser considerado o mais importante atrativo turístico da cidade, pois durante os estivais de verão recebe um significativo número de veranistas para desfrutar deste espaço.



### **3. PERCURSOS ENTRE O ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL E O TURISMO**

Este capítulo se destina à análise e interpretação dos dados provenientes das narrativas retiradas da entrevista com as professoras e dos questionários os postais tornaram-se elementos ilustrativos. Neste viés, apresento a reflexão em relação à atividade turística, ao passeio e principalmente à interpretação das narrativas e dos desenhos, a fim de perceber a possível ressonância do turismo enquanto prática que serve ao ensino.

Sobre as práticas pedagógicas atinentes ao Ensino de História Local, no que tange à ação das professoras, estas foram interpretadas à luz das narrativas contidas na entrevista realizada. Para assim compreender como as professoras se veem nesse processo de mediação entre a História Local e a escolha de suas práticas. Além disso, pude perceber o que as professoras entendem por turismo e como o compreendem como uma possível prática pedagógica para o Ensino de História Local. Iniciamos neste momento o trajeto rumo à revelação dos dados, tendo como ponto de partida o que as professoras nos dizem.

#### **3.1 Ensinando a História Local**

O Ensino de História nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental como foco da pesquisa, se torna um campo bastante desafiador à medida que incide entre os saberes e fazeres pedagógicos e os conhecimentos específicos inerentes a História e a Didática da História. Nesta linha tênue, a atuação docente para este nível escolar torna-se ponto estratégico para compreendermos como ocorrem situações de ensino e aprendizagem e quais práticas pedagógicas vem sendo utilizadas pelas professoras no que tange o Ensino de História Local.

Como disciplina escolar, a História assim como a Geografia, a Matemática, Física e a Educação Física tem feito parte do cotidiano escolar de alunos e professores durante muito tempo. Assim se configura uma maneira de ser da escola perante o currículo escolar, com professores, suas respectivas “matérias” e cargo horárias no decorrer do ano letivo. Diante desta organização percebemos um processo de identificação de grupos e *status* entre os professores e seus pares, ocorrendo segundo Bittencourt (2008) uma divisão identitária entre os docentes, os especialistas das disciplinas e os polivalentes dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Nesse sentido, dar aula nos Anos Iniciais está para além de uma simples transposição didática do conteúdo, os professores mobilizam em seu ofício os saberes das disciplinas, os saberes curriculares, os saberes de formação profissional e os da experiência (BITTENCOURT, 2008). Nos remetendo que a junção desses saberes podem reverberar na prática docente em sala de aula, para que possam trazer estratégias para melhor operacionalizar na sala de aula o conhecimento histórico a partir do patrimônio cultural e histórico local. Para tanto,

A sala de aula não é apenas um espaço onde se transmite informações, mas onde uma relação de interlocutores constroem sentidos. Trata-se de um espetáculo impregnado de tensões em que se torna inseparável o significado da relação teórica e prática, ensino e pesquisa. Na sala de aula se evidencia, de forma mais explícita, os dilaceramentos da profissão de professor e os embates da relação pedagógica (SCHMIDT, p. 55, 2010).

Sendo assim o professor na sua prática docente se torna o sujeito principal no que diz respeito ao que acontece na sala de aula, e este profissional que vai transformar o que está sendo ensinado em conhecimento apreendido. Neste intento o conhecimento prévio do professor se torna fundamental, ao passo que aliando a prática de ensino à pesquisa ele terá subsídios que irão suprir suas carências de orientação em relação ao saber histórico.

A pesquisa então se torna um elemento indissociável em relação a prática pedagógica docente, pois: “Mais do que o livro, o professor precisa ter conteúdo, Cultura. Até um pouco de erudição não faz mal algum. Sem estudar e saber a matéria não pode haver ensino” (PINSKY; PINSKY, p. 22, 2010). Além do mais deve se considerar tanto o conhecimento prévio do professor quanto o do aluno como elementos fundamentais para exercer as atividades em sala de aula.

Pois, é a partir do que o aluno já tem estabelecido no campo cognitivo que irá fazer relação com os novos conhecimentos e assim concretizar os novos significados. E o professor a partir dos seus conhecimentos, sua bagagem vai determinar o uso de tais práticas pedagógicas. Para isso, é importante perceber qual a formação inicial das professoras atuantes nos 4º anos e seu tempo de atuação na área da educação.

Neste intento, o primeiro questionamento para as professoras foi em relação há quanto tempo elas vêm trabalhando na área da educação. As professoras PF e a PL estão trabalhando na área há 19 anos, a PS está atuando a 13 anos na área, ambas ligadas a Prefeitura Municipal, e a PM há 17 anos como docente, sendo professora da rede há 11 anos. Em relação às formações iniciais 3 professoras são pedagogas e a PL tem sua formação inicial

em Biologia. Cabe ressaltar que, ao falar sobre sua formação percebe-se um agrupamento identitário, pois quando questionadas se todas eram pedagogas somente a PL não era e ela exclamou em voz alta: “Não! Eu sou bióloga”. Enquanto as outras docentes responderam que sim, em seguida a PL em voz baixa se manifestou dizendo “Só eu que não”.

A partir deste questionamento inicial o grupo de professoras mobilizou suas memórias em relação a sua própria formação inicial e continuada, e começaram a expor suas trajetórias. Como podemos observar na fala da professora PF:

[...] esse ano vou fazer 19 anos de prefeitura, mas com o 4º ano esse é o primeiro ano. Eu trabalhei dez anos, eu comecei no Ensino Fundamental, mas trabalhava com a segunda série na época né, trabalhei com o Ciclo, e depois já tive trabalhando na secretaria da educação com o Programa de Educação Ambiental [...]  
Pedagoga, e eu fiz especialização em pisco pedagogia e fiz uma especialização em Educação Ambiental. Como eu trabalhava no Programa de Educação Ambiental da Secretaria precisava ter uma especialização no assunto e a gente fez [...] (PF, 26 de março de 2018).

A professora PL logo se identificou com a trajetória da professora PF, e exclamou: “Eu fico rindo por que nós somos quase a mesma coisa né” (PL, 26 de março de 2018). Assim, a docente também teve um momento de atuação dentro da Secretaria de Educação do município nos Projetos de Educação Patrimonial. E em relação à atuação delas no 4º explicou que lecionaram primeiramente no 2º ano, depois no 3º ano e agora que estão exercendo a docência para o 4º. E sobre suas formações continuadas a professora PF evidencia as suas duas linhas a pisco pedagogia e a Educação Ambiental já PL mais uma vez destaca que por ter sua formação inicial diferente das demais por sua vez especialização também, como ressalta: “É minha especialização é na tecnologia isso é diferente” (PL, 26 de março de 2018). Em contra partida a PS, que é natural da cidade de Porto Alegre – RS expõe:

[...] não sou de Rio Grande eu sou de Porto Alegre. Então muita coisa eu ainda não peguei aqui de Rio Grande. Eu trabalho a 13 anos no município com o 4º ano aqui nessa escola eu trabalho a uns 8 anos, eu entrei com 3º ano e fiquei 2 anos no 3º ano, não 7 anos, 2 anos no 3º ano e depois eu só trabalhei com o 4º ano. Então eu vejo a dificuldade por que eu trabalhei muito tempo com o 4º ano (PS, 26 de março de 2018).

Na fala da docente PS ela aponta sua experiência de 5 anos atuando no 4º ano, não obstante transparece ainda um certo estranhamento em relação aos saberes associados ao município do Rio Grande, ao passo que evidencia o fato de não ser natural da cidade fez com

que ela não “pegasse” muita coisa em relação a cidade, ao mesmo tempo enaltece que por seu tempo de atuação pode “ver” as dificuldades para o Ensino de História Local. E complementa sua fala trazendo uma de suas dificuldades em relação às informações atinentes a história da cidade.

A gente não tem as informações corretas então quando a gente vai pra a sala de aula a gente vê ali que tem que pular isso e aquilo por que não tá revisado. Ai a gente da uma informação, teve um ano que eu dei uma informação e o aluno – minha mãe trabalha no porto e não é bem assim – acabou que eu tive que olhar de novo né a parte da economia toda está desatualizada (PS, 26 de março de 2018).

Nesse sentido, a partir de sua fala ela mesma percebeu a importância da revisão do seu material de apoio. Torna-se relevante trazer a contribuição de Pierre Bourdieu (1983), quando afirma que há saberes que só podem ser construídos na prática, ou seja, saberes que não comportam construções teóricas tidas como *a priori*, mas que dependem da inserção social do sujeito.

Portanto, a partir da fala de PS é relevante a reflexão em relação ao professor se identificar como pesquisador e reflexivo de suas práticas. Para isso: “Embasado na „reflexão na ação“, o profissional começa a construir um repertório de experiências que são mobilizadas em situações similares” (FAGUNDES, 2006, p.291).

Assim, a reflexão de suas práticas no presente irá possibilitar a mobilização para buscar estratégias e revisão para ações futuras. Além disso, fica evidente como a sala de aula promove momentos de trocas, pois a partir das vivências pessoais do aluno ele pode se posicionar em relação à informação que estava sendo transposta pela docente, se constituindo como um agente fundamental para a reflexão da professora em relação a sua própria prática.

Como a entrevista se caracterizou como uma conversa, a professora PF retoma o assunto sobre as informações referentes ao município “E para quem é de fora da cidade acaba que complica né por que de repente não conhece bem a realidade” (PF, 26 de março de 2018). E a professora PS afirma que: “E a gente busca a informação eu busco a informação, mas a gente não encontra na internet a informação que a gente quer” (PS, 26 de março de 2018). Para tanto a professora PF afirma que “É nem do Rio Grande do Sul e nem muitas vezes da cidade. Que é o que a gente corre atrás e busca” (26 de março de 2018). É inegável que em suas narrativas as professoras demonstram a sua preocupação em buscar as informações. A professora PM salienta que: “Agora esse ano até dei uma modificadinha em algumas coisas, acrescentei outras coisas que fui pesquisando. Eles gostam bastante até, são bem interessados”

(PM, 26 de março de 2018). Neste caso são relevantes as palavras da autora Schmidt, quando nos alerta em relação às inovações tecnológicas, ao acesso de informação e a transposição didática que:

Sabemos que a sociedade contemporânea, particularmente a partir da segunda metade deste século, produziu um aumento substancial de informações e de tecnologias usadas em sua gestão, podendo-se até afirmar que “estamos a nos afogar em informações, mas sedentos de conhecimentos” (2010, p. 63).

Ou seja, a autora quer nos dizer que significativamente está ocorrendo um volumoso aumento de informações e meios de difusão, mas neste mundo vasto de inúmeras informações não estamos sabendo geri-las, articulá-las, pensá-las e refleti-las ao ponto de transpô-las em sala de aula. Agora então, se torna pertinente destacar o que as professoras nos dizem em relação à História Local, como e quando a abordam em suas aulas. Quando questionadas rapidamente, a professora PL pergunta diretamente à professora PF: “Que dia é mesmo?” (PL, 26 de março de 2018). Indicando que elas de certa forma trabalham juntas em alguns momentos. Em seguida a professora PF respondeu:

O nosso é na sexta feira! A gente dividiu, as gurias já vinham em um caminhar não sei como é o horário delas. O nosso é sempre na sexta feira. Então na sexta feira a gente só tem aula de Estudos Sociais que a gente vai trabalhar História e Geografia (PF, 26 de março de 2018).

Deste modo, o Ensino de História Local para as docentes aparece como Estudos Sociais em um emaranhado entre a Geografia e a História, e em um dia selecionado da semana. Ocorrendo somente na sexta feira como foi exposto, então se pode dizer que supostamente a História Local não deva aparecer de forma interdisciplinar, nos outros dias destinados à matemática e ao português, por exemplo, Abud salienta que:

A restrição ao tempo para se ensinar a disciplina (História) e a valorização da Língua Portuguesa e da Matemática constituem-se em fatores primordiais para a exclusão das outras matérias. Fato este que implica na dificuldade de aprendizagem das disciplinas privilegiadas, pois as excluídas significam portas abertas para desenvolver importantes capacidades intelectuais de relatar, raciocinar, compreender, narrar, etc, fundamentais para o desenvolvimento da escrita e domínio da língua e do pensamento científico (2012, p. 556).

Além disso, a partir da fala da professora PF todas as outras docentes afirmaram que

também realizam esta divisão e partem da concepção de Estudos Sociais. Vejamos que tal concepção está associada aos resquícios dos processos históricos inerentes ao Ensino de História, ao passo que os Estudos Sociais começam a ser engendrados no sistema educacional, seguindo a concepção norte americana que tinha como proposta a integração dos indivíduos na sociedade, para isso:

Propunha que os estudos fossem iniciados com base nas realidades próximas das crianças, tanto no tempo como no espaço. Nessa perspectiva, o passado mais próximo era, antes de tudo, o imediato: o familiar, o local, o escolar (BITTENCOURT, 2008, p. 73).

Este movimento começa a surtir efeitos na fase da Ditadura Militar instaurada no Brasil. Os Estudos Sociais começam a ser introduzidos no sistema de ensino, assim a História como campo do saber foi diluída junto aos conceitos genéricos de Geografia, Política, Sociologia e Filosofia (FONSECA, 2011). Com a reforma do ensino em 1971, por meio da Lei Nº 5.692/71, foi proposta a efetiva adoção de Estudos Sociais a todo sistema de ensino, que passou a englobar a História e a Geografia em uma só disciplina, ocorrendo uma “[...] significativa mudança no âmbito da concepção de ensino dessas disciplinas e de seus respectivos objetos de estudo” (GERMINARI, 2010, p. 28).

Então é na década de 80, com a redemocratização da política brasileira, que a História como disciplina escolar passa a buscar sua ressignificação como disciplina autônoma. Fez-se pertinente neste momento, olharmos para estes breves apontamentos no que toca aos Estudos Sociais, a fim de compreendermos por que tais referências ainda estão/são presentes na prática docente. Pressupondo que talvez seja por marcas ainda deste processo histórico, arraigadas entre os docentes, ou seja, por terem tido esta vivência durante o seu próprio cotidiano escolar.

Retornando às questões relativas à como e quando a história local é abordada em sala de aula, três professoras explicam que começam pela localização geográfica, utilizando de materiais como mapas e o globo terrestre, e questionamentos tais como: Onde é que a gente vive? Como é que é o Planeta Terra? Onde é que está o Brasil? Para tanto, a professora PF explica como utilizou os materiais concretos (mapas e o globo) com eles,

É. Depois tirei o pezinho do globo e dei para eles, então eles foram manuseando, foram mexendo, foram olhando. Eu digo, pois é e será que realmente o planeta é desse tamanho? e eles - não prof.! Se não a gente não cabia! - Eles localizaram o Brasil no planeta e essa coisa toda. E depois então que eles mexeram naquele concreto, naquela bola, a gente foi então

para o planejado aí a gente esticou o mapa mundi né. Então esse globo que vocês estão vendo aqui, que é imenso para caber todo mundo, para caber tudo a gente pode enxergar assim também. Então cada vez que tu abre o mapa para eles, eles aaaaah, fazem assim né? Então a gente botou o mapa e mostrou que o mundo está dividido em continentes, e onde está o Brasil? Está aqui no continente americano, é na América do Sul que é mas aqui embaixo, então tudo isso a gente foi fazendo. Depois a gente abriu o mapa do Brasil, eles foram ver onde estava o Estado, que o Brasil está dividido em Estados, e qual era o Estado, ah é o Rio Grande do Sul. Que a gente também tem muitos alunos de fora, né muitos pais que são aí de outros Estados que vieram para cá e as crianças se adaptam aqui. E aí a gente fez esse trabalho também o Rio Grande do Sul tá aqui ah! eu sou do Estado tal. Então tem tudo isso para trabalhar com eles, e depois então botamos o mapa do Estado que é dividido em cidades, e onde é que está a nossa cidade? Aí então a gente fez todo esse trabalho de localização aí a gente deu depois os mapas para eles, o mapa mundi para eles, para pintarem a onde está o Brasil né, e a gente deu o mapa do Brasil para eles pintarem a onde está o Rio Grande do Sul e o mapa do Rio Grande do Sul para eles identificarem Rio Grande né. E depois disso a gente então escreveu um texto e uma atividade para eles completarem que a gente faz toda, recorda tudo aquilo, que a gente mora num planeta, que o planeta está dividido em continentes, que os continentes estão divididos em países, tudo isso que a gente fez lá no prático a gente colocou no papel para eles levarem isso com eles (PF, 26 de março de 2018).

Observamos que elas tentam flexionar a prática pedagógica inerente à localização geográfica, partindo da visão macro espacial para a micro espacial, ou seja, planeta, continentes, países, estados e cidades. Não obstante, não percebemos a junção destas noções com os processos históricos que levaram a tais divisões, principalmente no que tange a cidade do Rio Grande, que durante muito tempo teve sua posição geográfica como ponto estratégico para as delimitações das fronteiras no extremo sul do Brasil.

Talvez, pela visão espacial a partir dos mapas, seria uma forma dos alunos visualizarem e entenderem questões relativas à origem do município, sendo assim a Geografia poderia estar articulada a História Local. Diante disso, a professora PS indaga a professora PF, “Tu chegou até o mapa do Rio Grande? Eu cheguei até o mapa do Rio Grande. Eu peguei um pequenininho” (PS, 26 de março de 2018). Sendo que, a professora PF responde da seguinte forma:

Não! O mapa de Rio Grande eu até peguei o mapa de Rio Grande que tem ali, mas ele não é um mapa mais assim de divulgação, assim tem muita propaganda né, até isso! Não é um mapa didático, o mapa de Rio Grande que a gente tem aqui na escola não é um mapa didático, e isso faz falta. Para tu trabalhar as questões dos limites e tal.

Aí a gente depois trabalhou então o que era a origem né do município. Então a gente contou por que Rio Grande é a primeira cidade do Estado né. Então a gente foi contando um pouquinho da história da fundação da cidade para

eles, a gente parou por enquanto aí. A gente já chegou até a história de fundação (PF, 26 de março de 2018).

Desta maneira, podemos perceber que a fundação do município é o marco inicial no que se refere à história do município, seguindo uma lógica de uma história oficial marcada por grandes vultos da história local. E não a sua origem ou a sua história “pré fundação” que poderia ser utilizada como meio também explicar as delimitações geográficas, ou seja, entender o porquê de tais delimitações tanto como de sua localização. Um dos anseios que permeiam a fala da docente PF é a questão do material didático, mas, doravante a docente PS mesmo assim viu aquele “mapa de divulgação” como um material para sua prática, pois como ressaltam Pinsky e Pinsky:

Um professor mal preparado e desmotivado não consegue dar boas aulas nem com o melhor dos livros, ao passo que um bom professor pode até aproveitar-se de um livro com falhas para corrigi-las e desenvolver o velho e bom espírito crítico entre seus alunos (2010, p. 22).

Assim, compreendemos que mesmo que tal material não seja adequado ou desatualizado, ele pode servir como um elemento que permitirá a problematização com os alunos sobre tal. E, além disso, pode vir a mobilizar para que eles pesquisem aliando o Ensino de História a elementos do fazer do historiador, como exemplo, se o material está desatualizado vamos convidar a turma a realizar uma pesquisa historiográfica sobre a história da cidade, esse material pode ser montado em conjunto com os alunos, assim, eles perceberam que são sujeitos da história e podem “fazer” história.

Não temos mapas? Vamos construir um em conjunto, em folha de papel a metro, com canetinhas, lápis, giz de cera, aliando o ensino de artes, as noções de localização e etc. A utilização de mapas em sala de aula permite ir além da questão geográfica, e sim política, social e econômica, por isso, se torna pertinente chamar a atenção dos alunos para a não existência de fronteira natural, por exemplo, entre dois territórios é fundamental para a compreensão de que há sempre a delimitação da ação humana. Exemplo disto, também são as expressões “meu país”, “minha região”, “minha cidade,” “meu bairro”, “minha rua”, as quais funcionam como demarcadores espaciais do cotidiano, tanto do aluno quanto do professor.

Esse tipo de implicação redireciona às noções de identidade, território e pertencimento. Saliento que aqui não estou a fazer uma crítica, mas sim apresentando propostas possíveis a partir da constatação destes anseios e necessidades expostos, entendendo que o currículo prevê que os conteúdos escolares devam corresponder à



integração dos diversos conhecimentos adquiridos na escola (BITTENCOURT, 2008), para tanto:

Em História, não se entende como apreensão de conteúdo apenas a capacidade dos alunos em dominar informações e conceitos de determinado período histórico, mas também a capacidade das crianças e jovens em fazer comparações com outras épocas, usando, por exemplo, dados resultantes da habilidade de leitura de tabelas, gráficos e mapas ou de interpretação de textos (BITTENCOURT, 2008, p. 106).

Vejamos que a professora PM parte de um ponto de vista diferente das demais, pois, começa a trabalhar de uma forma diferenciada ela salienta que começa pela história do município para depois incidir sobre a localização geográfica.

E utiliza as fotografias de lugares da cidade que tiveram importância histórica como estratégia para o Ensino da História Local, como podemos notar: “É eu ontem peguei as fotinhos né da cidade. E alguns já olham e dizem ah esse e tal local, mas alguns, poucos conhecem. Muitos até nem vão ao centro, às vezes é difícil ir ao centro” (PM, 26 de março de 2018). Neste intento, as fotografias revolucionam a memória dando “[...] uma precisão e uma verdade visual nunca antes atingidas” (LE GOFF, 1990, p. 466). E ao utilizá-las como suporte pedagógico nas aulas de História, ela suscitará o desenvolvimento de um pensamento histórico através da incorporação das memórias que compreendem o entorno do aluno.

As fotos, transformadas em recursos didáticos, favorecem a introdução dos alunos no método de análise de „documentos históricos“ e, em se tratando da fase inicial da alfabetização, contribuem para que identifiquem ano, nome de lugares e de pessoas ou grupos sociais, além de favorecerem a compreensão do *antes* e *depois* e a interiorização do conceito de *geração* (BITTENCOURT, 2008, p. 369).

Então, o uso de imagens no Ensino de História se torna pertinente, que fala de um tempo e de um espaço, que não é o do aluno, além disso, visualidade colabora com a percepção da representação sobre o tempo histórico. Este momento se tornou peculiar, à medida que, as docentes começaram a dialogar entre si, e a partir da prática de uma afirmaram as suas escolhas, vejamos:

**PM:** Eu começo, eu não começo, eu começo sempre pela a história né com os meus. Eu procuro ir até o meio do ano lá com a história para terminar e aí eu começo com a parte geográfica essas coisas com os meus.

**PS:** Eu já gosto mais de começar pela localização.

**PF:** É! A gente começa pela localização.

**PM:** É! Não eu começo pela história.  
**PS:** É! Cada um tem um ...  
**PM:** Para ti vê né.  
**PS:** Mas vai dar no mesmo né. No final do ano vai..  
**PF:** No final do ano tudo mundo vai ter feito a mesma coisa  
**PM:** É!  
**PF:** Só que em tempo diferentes.  
**PM:** Sim! Em tempos diferentes.  
**PF:** Exatamente! (trecho da entrevista realizada, 26 de março de 2018)

Observamos que juntas entraram em uma reflexão em relação à ordem dos temas a serem trabalhados em sala de aula. Em um consenso elas consideram aqui que a ordem não vai alterar no conhecimento aprendido pelos alunos, mas que se dará em “tempos” diferentes. Neste intento, as professoras,

[...] continuam a aprender com a própria prática, na interação com outros professores; alguns se inserem em cursos de Pós- Graduação, outros destacam que aprendem também fora do trabalho na sua atuação como pais e em outros trabalhos relacionados aos jovens e com a comunidade (CAINELLI; OLIVEIRA, 2011, p. 130).

Podemos considerar esta forma de compartilhamento como uma forma de se relacionar com o mundo, consigo mesmo, com os outros, com os lugares, com a escola, pares, alunos e pais. Como podemos perceber em relação à preparação do material, as docentes salientam que somente em uma atividade que elas juntaram as turmas normalmente elas não juntam mas há uma interação entre elas:

**PL:** Não! A gente prepara as coisas juntas.  
**PM:** A gente prepara e troca né (trecho da entrevista, 26 de março de 2018).

Então, todo esse movimento gira em torno do saber, a ser ensinado e a ser apreendido. Outro aspecto importante que podemos identificar com forte incidência nas falas das docentes, é sobre o principal desafio enfrentado por elas, todas apontaram para a falta de material didático, especialmente o livro didático não só para elas, mas para os alunos, como exaltam as professoras PM e PS:

**PM:**Bom é eles terem né esse, um livro.  
**PS:** Sim eu acho! É o principal incentivo né. Se a gente tivesse o material atualizado seria maravilhoso (trecho da entrevista, 26 de março de 2018)

Neste viés, entendemos a necessidade de um livro didático que traga conteúdos

referentes aos aspectos locais. Considerando que:

O livro didático tem sido, desde o século XIX, o principal instrumento de trabalho de professores e alunos, sendo utilizado nas mais variadas salas de aulas e condições pedagógicas, servindo como mediador entre a proposta oficial do poder expressa nos programas curriculares e o conhecimento escolar ensinado pelo professor (BITTENCOURT, 2010, p. 72).

Mas, é importante ter em vista que esse não deve ser o único dispositivo pedagógico e deve sempre ser problematizado, à medida que, este foi elaborado por um determinado grupo de profissionais e que subjetivamente este material possa estar calcado sobre uma determinada ideologia atendendo a determinados propósitos.

Retomando a fala das docentes em relação as práticas pedagógicas, percebemos que a principal prática gira entorno da aula expositiva “Práticas pedagógicas, é isso que eu te coloquei assim, o que a gente já fez, a gente reuniu as duas turmas, a gente, o pouco que a gente tem a gente expõe” (PM, 26 de março de 2018).

O que nos leva a crer que a ideia de conhecimento histórico como uma narrativa linear está presente nas práticas destas professoras, no entanto devemos salientar que: “A utilização de uma história narrativa no ensino decorre de determinada concepção histórica e não pode se limitar a despertar interesse pelo passado nos alunos” (BITTENCOURT, 2008, p. 143). Neste caso, a narrativa deve fazer articulações entre o passado, o presente e o futuro.

Neste momento, vamos adentrar no que tange à concepção de turismo, e como elas o veem como um possível instrumento que possa servir ao ensino, sendo um facilitador nos processos de ensino e aprendizagem histórica.

Para tanto, como ponto de partida para as questões referentes ao turismo, a primeira pergunta norteadora foi a seguinte: Em algum momento então tu já pensou no turismo como uma prática pedagógica? Se sim ou não por quê? A partir deste questionamento elas demonstraram que consideram o turismo como uma forma de conhecer os locais, de ressignificar o que vem sendo exposto na teoria. Como podemos observar na fala da professora PF: “E com a explicação que eles têm aqui e eles irem para o lugar e conhecer melhor ainda” (PF, 26 de março de 2018). Em seguida, a professora PM relembra um passeio realizado com a turma do ano anterior, às dependências da Biblioteca Rio Grandense:

Por que é diferente lá na biblioteca pública né? – olha o tamanho dessa porta! – Olha as estatuas de bronze, os bustos, acho que eles nunca tinham visto aquilo ali. Então com certeza deve ter ficado ali na cabecinha deles (PM, 26 de março de 2018).

A partir desta fala, percebemos o quanto o visitar algum espaço pode ser significativo para a aprendizagem das crianças. Além disso, ela aponta para aspectos arquitetônicos, como por exemplo, a porta e os bens materiais, as estátuas e bustos, o que esboça a noção de patrimônio cultural ligada aos bens materiais. E possibilita um olhar diferenciado segundo a docente PS, que completa a fala da professora PM: “Claro! Eles vão olhar diferente” (PS, 26 de março de 2018). As docentes partilham da ideia de que a vivência e a experiência de ir a determinado local gera uma ressignificação no modo de enxergar os nuances da História Local.

Neste momento, torna-se relevante destacar que o Turismo Pedagógico então teria supostamente promovido este olhar diferenciado, e despertado o interesse do aluno pelo conhecimento e o local, sendo assim:

Afinal é por intermédio do querer saber mais, que o ser humano desenvolve seu censo analítico e crítico e a vontade de conhecer mais a respeito de determinado assunto, enfim, de pesquisar (ANSARAH, 2005, p. 294).

Desta maneira, a atividade turística aplicada ao Ensino de História também seria a forma de ir à busca de algo novo, de descobertas, onde o aluno continua sendo aluno, mas também turista, num espaço extraclasse. Agora procuro entender se as docentes em suas vidas pessoais costumam realizar turismo, na tentativa de perceber se está é uma prática comum e se isso reverbera em suas práticas. Neste instante todas afirmaram que sim, em algum momento já realizaram turismo, mas duas enalteceram que:

**PF:** Eu depois que me organizei eu consigo agora viajar, mas antes não dava.  
**PS:** Para mim isso é prioridade. Tem que ter.  
**PM:** Prioridade até não. Mas gosto!  
**PS:** Adoro, adoro!  
**PM:** Nem que seja uma saidinha, um final de semana.  
**PS:** Eu tenho assim oh. Todo ano eu tenho que conhecer um lugar novo. Tenho que conhecer!  
**PM:** É um objetivo?  
**PS:** É!  
**PM:** Ah isso é bom! (trecho da entrevista, 26 de março de 2018).

O turismo na vida pessoal das professoras não se trata de uma atividade *a priori*, mas, elas deixam transparecer que possuem bastante afeição à prática turística. Destacamos como a docente PS tem certa prioridade em relação a conhecer lugares novos, e liga esta experiência ao turismo, o que reforça a ideia que o turismo gera expectativa em conhecer,

saber algo novo.

Neste intento, quando mobilizadas a falar se já tinham realizado passeios turísticos com seus alunos, não no cunho de fazer passeio ou uma saída de campo, mas com a ideia de passeio turístico, com roteiro. Todas afirmaram que não, então desta forma a ideia de utilizar o turismo como instrumento pedagógico não tinha sido utilizado, mesmo que elas já tenham demonstrado que consideram as saídas importantes, nunca viram seus alunos como alunos-turistas e nem as saídas como turismo, e o turismo como prática pedagógica. Como podemos perceber no seguinte trecho da entrevista:

**PL:** Nunca pensamos nisso.

**PM:** Por que turismo tu tem uma ideia assim, sair do teu local e ir para outro. Essa é a ideia de turismo né. Como é que eu vou fazer turismo na minha cidade que coisa mais sem graça (Trecho da entrevista, 26 de março de 2018).

Assim, está presente a concepção de que o turismo consiste num movimento de deslocamento, “sair do teu local e ir para o outro”, atravessando os limites da cidade de origem. Se aproximando das concepções tradicionais de turismo, dentre elas destacamos a de Fuster (1974): “Turismo é o conjunto das relações e dos fenômenos produzidos pelo deslocamento e permanência de pessoas fora do seu local de domicílio, sempre que ditos deslocamentos e permanência não estejam motivados por uma atividade lucrativa” (p. 27). Para Oscar de La Torre (1992), algumas definições de turismo são parciais visto que analisam o fenômeno com um enfoque limitado, seja do ponto de vista econômico ou de um simples movimento migratório.

Trago estas reflexões em relação ao turismo, pois ainda são estas concepções que são presentes aos leigos na área do turismo. Talvez por que, as novas discussões e concepções do fenômeno turístico ainda devam estar presas aos muros das universidades, e o mercado turístico ainda incide suas vendas e promoções sobre a lógica do turismo de massa. Assim, destaco que talvez seja essa a impressão que as docentes têm em seu imaginário sobre turismo, pois em suas vivências elas se deparam com a imagem midiática e publicitária do turismo.

Deste modo, através dessa atividade a qual proponho neste estudo, poderá ocorrer uma mobilização desta concepção inicial que elas têm de turismo, chegando ao que me refiro à sensibilização para o turismo no que tange às professoras.

Para isso, devo destacar que, “O Turismo é um campo de práticas histórico-sociais

que pressupõem o deslocamento dos sujeitos em tempos e espaços diferentes daqueles cotidianos” (GASTAL, 2007, p. 11). Neste caso, partimos da concepção de que o turismo é um fenômeno social e prevê o deslocamento como sua parte fundamental, nestes deslocamentos viajamos em tempos e espaços diferentes dos que estamos acostumados a vivenciar, neste sentido, não se trata da dimensão da distância percorrida e sim do processo de interação social, de estranhamento e identificação, e num tempo das coisas diferentes do que os rotineiros. Neste ponto de vista, um bairro da cidade pode ser um espaço diferente e distante do bairro em que moramos, além disso, pode ter um tempo de proceder diferente, um ritmo de vida diferente.

Todavia, com a entrevista se encaminhando para o final, entusiasmada uma das professoras pergunta: “Tá e aí então tu vai nos levar para passear?” (PF, 26 de março de 2018). E surge a preocupação delas em relacionar o passeio turístico com o cronograma e as propostas que elas têm em vista:

**PF:** Mas eu acho, eu penso que como a gente tá falando do município, para eles terem esse conhecimento, tem que ser antes de tudo. Antes até da gente continuar o trabalho com Estudos Sociais. A gente vai continuar dando as coisas que a gente quer, o que está no programa.

**PM:** que aí depois a gente vai ter referências para eles.

**PF:** É! Exatamente!

**PM:** Lembra aquele dia que a gente foi.

**PS:** Olhando por esse lado, por que se eles também conhecem os pontos turísticos na sala de aula e depois vão ver a outra parte também é interessante. Mas já que tu vai fazer essa parte.

**PM:** A gente faz fotos, lembra desse aqui. E mostrar eles vão lembrar com certeza.

**PF:** Então vamos passear por Rio Grande! Vamos turistar!

Assim, percebemos que elas ao fim da entrevista já estão percebendo o turismo como uma prática pedagógica e se preocupam com a articulação que será feita com a rotina já estabelecida por elas, e na preparação dos alunos para o passeio. Entrando em um consenso de que eles visualizarem e depois retomarem em sala de aula também seria produtivo. Tendo em vista que, para elas além de uma prática pedagógica através do turismo, elas terão referências tanto para elas realizarem a transposição didática, como para a cognição dos alunos.

Este movimento deve ocorrer para que, possamos compreender de que forma se dá o processo do conhecimento histórico para a transposição didática em sala de aula e ver no Turismo Cultural e Cidadão como um potente instrumento de ensino e aprendizagem para a História Local, é de suma importância as análises de Rüsen, em relação à matriz do

pensamento histórico. Ele apresenta cinco fatores que compreendem o processo de formação do pensamento histórico:

O pensamento histórico é disparado pelas *carências de orientação*. Em seguida, ele transforma essas carências, no processo de sua satisfação mental, em perspectiva acerca da experiência do passado – em uma *perspectiva de interpretação*. Nesta perspectiva são inseridos, então, metodicamente, *conteúdos experienciais* concretos. O saber acerca do que aconteceu no passado, assim obtido, torna-se representação do passado em *forma historiográfica* (2015, p. 74).

Estes cinco caminhos cognitivos propostos por Rüsen, nos levam ao saber histórico formatado a partir das divergências temporais, estas que devem ser compreendidas e experienciadas na aprendizagem histórica. As diferenças temporais serão apreendidas a partir da carência de orientação, onde o “conhecimento transforma as carências históricas de orientação em interesses do conhecimento” (RÜSEN, 2015, p. 75).

Nesse sentido, o autor não nega a crítica ao distanciamento que o pensamento histórico científico especializado toma em relação às carências de orientação e a vida prática dos sujeitos (professores e alunos). É neste ponto em que o turismo e o Ensino de História começam a estabelecer uma linha tênue, à medida que a carência de orientação começa a ser trabalhada e a partir de indagações instigando os educandos e gerando expectativas.

Dentre os cinco fatores a narratividade é de suma importância, justamente para perceber a projeção cognitiva que o educando tem em relação a determinado conteúdo histórico. Doravante, lembra-se que a centralidade da narrativa não se dá pela sua totalidade factual ou por um modelo interpretativo, mas sim em poder relacionar passado, presente e futuro. A prática turística contribui neste caso para os educandos referenciarem o olhar para as representações do passado no presente. Portanto, a narrativa só se torna histórica quando relaciona presente, passado e futuro.

Neste intento, as narrativas só podem ser compreendidas (quando apropriadas pelos professores) e elaboradas (educandos), quando fazem sentido para a orientação cultural “da vida humana prática” (RÜSEN, 2015, p. 81), neste caso as narrativas<sup>13</sup> só farão sentido se

---

<sup>13</sup> No turismo se utiliza de narrativas, neste caso narrativas turísticas, que são componentes de um discurso, que muitas vezes está centrado no marketing e na construção da imagem do destino, onde se enaltece o destino e conta-se sua história. Nesse sentido, também pode ser trabalhada e problematizada no ensino de história local e, quiçá, servir como uma prática pedagógica, onde a análise da narrativa turística poderia ser problematizada em sala de aula.

manterem uma relação intrínseca com a vida prática e a partir da tomada de consciência de sujeito histórico dos indivíduos, podendo se enxergar no processo histórico. A partir deste breve recorte das contribuições teóricas de Rüsen (2015), é que se tenta compreender o processo cognitivo que perpassa o ensino histórico.

Para isso, é importante considerar que o ensino de História não depende só da relação professor e aluno, mas também da bagagem cultural que os indivíduos possuem e da multiplicidade de informações que estão em circulação pelo mundo.

Os problemas e as potencialidades do ensino-aprendizagem de história não estão restritos à relação professor – aluno na sala de aula, mas envolvem o meio em que o aluno e o professor vivem, os conhecimentos e opiniões que circulam em suas família, na igreja ou outras instituições que freqüentam e nos meios de comunicação de massa aos quais têm acesso (CERRI, 2001, p. 110).

O ensino e a aprendizagem histórica estão para além das discussões entre pares, devem ser pensados como um fenômeno de ordem social de longa duração. Devendo ultrapassar as questões de ordem metodológicas e científica de uma disciplina.

Foi feita a luz da reflexão das palavras de RÜSEN (2015), a fim de que pudéssemos perceber a mobilização cognitiva que perpassa a matriz do conhecimento histórico. Toda via o turismo aliado ao ensino de História pode aparecer como uma forma de suprir as carências de orientação no que tange o conhecer, gerando uma expectativa, e possibilitando o vivenciar e a experiência. Sendo assim o ensino e a aprendizagem histórica através da experiência alarga as possibilidades de percepção das mudanças e permanências entre o passado e o presente. Facilitando a conexão do saber histórico e a vida prática dos sujeitos, tanto de professoras como de alunos.

Agora se torna pertinente adentrar na interpretação do questionário aplicado com os alunos após a realização do roteiro turístico, a fim de percebermos a possível ressonância do turismo na aprendizagem histórica.

### **3.2 Turistando para apreender: possíveis ressonâncias no Ensino de História Local**

No reencontro com a turma, após a realização do passeio turístico, foi aplicado então, um questionário com questões referentes à experiência a partir do roteiro turístico e em seguida foi proposto que o grupo elaborasse um postal.

Entendendo que:



Olhar a cidade com maior cuidado não é mais uma tarefa exclusiva dos turistas que a percorrem. Mesmo para os moradores das cidades, a sua complexidade coloca, cada vez mais, maiores desafios. Decifrá-los é fundamental para sobreviver e viver nas cidades com qualidade (GASTAL, 2007, p. 19).

A cidade passa a ser vista como espaço educativo de forma a oportunizar ao aluno um olhar cuidadoso para com o seu cotidiano, bem como construindo o conhecimento histórico por meio da própria cidade e as estruturas que a compõe. Nessa perspectiva, o Ensino de História na sala de aula deve estabelecer relações com o cotidiano dos alunos e professores, bem como de confrontar a experiência cultural dos alunos e professores com outras fontes de conhecimento histórico, em outras temporalidades e espaços. Segundo Fonseca, é necessário:

Fazer crescer a consciência de jovens por meio de um trabalho de reflexão e de reconstrução da experiência humana. Trata-se, sem dúvida, de uma tarefa de natureza técnica, teórica e política, uma vez que a escolha do que é ensinado e do como ensinar é uma decisão fundamentalmente político cultural e educativa (FONSECA, 2003, p. 46).

Para isso o ensino de História deve instigar o aluno a conhecer a diversidade cultural e os bens culturais do nosso rico e multifacetado patrimônio histórico, pois só assim, estaremos contribuindo para a construção de uma escola plural e cidadã, e formando cidadãos brasileiros conscientes de seu papel como sujeitos históricos.

Assim os PCNs apresentam o que deve ser ensinado no que se refere à História para os anos iniciais:

Os conteúdos propostos estão constituídos, assim, a partir da história do cotidiano da criança (o seu tempo e o seu espaço), integrada a um contexto mais amplo, que inclui os contextos históricos. Os conteúdos foram escolhidos a partir do tempo presente no qual existem materialidades e mentalidades que denunciam a presença de outros tempos, outros modos de vida sobreviventes do passado, outros costumes e outras modalidades de organização social, que continuam de alguma forma, presentes na vida das pessoas e da coletividade. Os conteúdos foram escolhidos, ainda, a partir da idéia de que conhecer as muitas histórias, de outros tempos, relacionadas ao espaço em que vivem, e de outros espaços, possibilita aos alunos compreenderem a si mesmos e a vida coletiva de que fazem parte (BRASIL, 1997, p. 34).

Cabe então, ao Ensino de História aliado ao Turismo, construir uma noção de

patrimônio histórico cultural muito mais amplo. Pois, permite o trabalho em espaços escolares e não escolares, com a História Local, o saber local e com diversas temporalidades que permeiam os objetos, para além dos espaços públicos atribuindo sentido para a sua coletividade. O Patrimônio Cultural também assumiu um caráter importante na formação da memória afetiva com os locais visitados.

Neste viés, vejamos o que nos revelam os questionários, em relação à primeira pergunta: dos lugares que passamos o que você observou? Que teve como objetivo trazer a tona o que perpassou os olhares deles para os espaços que estavam sendo visitados. Assim, este material se tornou extremamente relevante para percebermos as possíveis ressonâncias do turismo para a aprendizagem da História Local, no que tange à transversalidade que a atividade turística incide sobre o olhar dos sujeitos.

Dos 19 alunos que responderam ao questionário, em 7 percebemos que observaram questões específicas em relação à conservação do Patrimônio Ambiental e Cultural, como presente na seguinte fala:

Que todos os lugares guardam histórias e relíquias. Mas fiquei triste que algumas pessoas não souberam conservar o nosso patrimônio, roubaram as estatuas, o chafariz estava sem água e tinha muito lixo espalhado pela Praça Xavier Ferreira (Aluno do 4º ano A).

Nesta fala que o aluno teve um pensamento crítico em relação ao patrimônio, sobretudo, em relação às estruturas físicas, exaltando que ficou triste, demonstrando a preocupação com a preservação do patrimônio. Outra marca nas falas do grupo, diz respeito à questão particular do Chafariz da Praça Xavier Ferreira estar sem água, em um processo de manutenção no dia em que realizamos o roteiro, esta questão esteve presente na fala de mais 4 alunos.

Cabe destacar que ele fez menção aos lugares que passamos como lugares que “guardam histórias e relíquias”, se aproximando da ideia de lugares de memória proposta por Nora, segundo este autor estes espaços são

[...] lugares, com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos. Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é um local de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica (1993, p. 21).

Sendo assim um objeto, uma rua, um monumento, uma porta, uma roupa, pode ser um local de memória se nele for investido imaginação e lembranças, numa articulação entre o

simbólico, o material e o funcional repercutindo em projeções de ações futuras que façam sentido na vida prática do aluno. Assim o Turismo para além projetou uma cognição simbólica e preservacionista a partir do lazer no que tange os espaços visitados.

### Vista da Praça Xavier Ferreira



Fonte: Postal elaborado por um dos alunos do 4º ano A.

No postal acima podemos perceber que a narrativa escrita e a imagética estão interligadas, ao passo que o aluno ao descrever suas sensações e emoções em relação à Praça Xavier Ferreira também expressa isso graficamente, representando o espaço por meio de elementos estéticos – dando ênfase ao chafariz da Praça, à Coluna da Liberdade e aos aspectos da natureza representados (árvores e o céu azul) – torna-se conveniente destacar que o chafariz no momento da realização do roteiro turístico estava em manutenção, portanto, não havia água.

Talvez este cenário criado revele o modo como este aluno mobilizou mentalmente suas significâncias históricas, estéticas e de memória, a partir da experiência turística pensando o passado com vestígios e narrativas do presente.

Então, no que tange ao estado de conservação do Patrimônio tanto Cultural como Ambiental, 4 destacaram que passamos por monumentos pixados, 1 também destacou a presença de lixo no decorrer da Praça Xavier Ferreira, 3 relataram a insatisfação em relação a

terem furtado estatuas da Praça Xavier Ferreira.

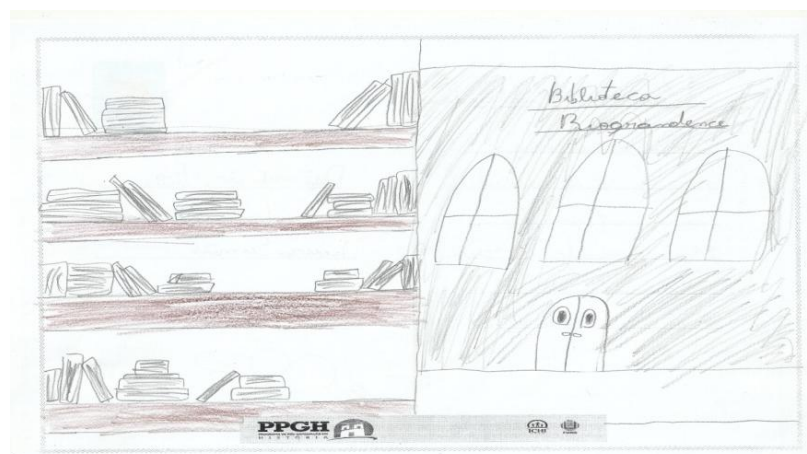
O cheiro foi uma questão que nos chamou atenção na fala dos alunos, diante do que tinham observado 2 alunos destacaram sobre o cheiro de pastel ao adentrar no Mercado Público e o “fedor” nas dependências da Biblioteca Riograndense, “Biblioteca pública. Era tam grande que nem tinha fedor de livros velhos. Mas na infantil tinha muito fedor deve ser porque era muito piquena” (Aluno do 4º ano A). Percebemos o quanto a visita a determinados locais marca a memória em relação aos sentidos dos sujeitos, sensações e emoções, outra aluna destaca o que sentiu ao entrar na Biblioteca Riograndense:

Na Biblioteca Riograndense eu perguntei e tinha 450.000 livros, era muito escuro, parecia um filme de terror, e tinha jornais antigos, até de outras cidades! A parte infantil tinha cheiro de papel velho!(Aluna do 4º ano A).

Nesta fala a aluna faz referencia aos produtos culturais que provavelmente tenha consumido “um filme de terror” e também trás uma importante observação em relação ao acervo da Biblioteca. Ainda sobre o que observaram 3 alunos deram destaques a “coisas antigas”, sendo assim talvez tenham estabelecido uma relação com a história e coisas consideradas antigas, principalmente no que diz respeito ao acervo do Museu da Cidade, “Tinha muitas coisas antigas e bonitas” (Aluna do 4º ano A). Cabe salientar que a aluna estabelece um olhar romântico ao trazer a derivação do adjetivo bonito para caracterizar os objetos apreciados.

Outros evidenciaram os espaços de memória que foram visitados, houve forte evidencias em relação à Biblioteca Rio Grandense onde 4 se referiram a ela: “Nós entramos dentro da Biblioteca Riograndense eu observei que a parede é antiga também a Biblioteca tinha 4 andares” (Aluno do 4º ano A). Assim destacando a sua imponência e suas características arquitetônicas.

### **A Biblioteca Riograndense**



Fonte: Postal elaborado por um dos alunos do 4º ano A.

No presente postal, podemos perceber a representação da Biblioteca Pública, no que se refere a sua fachada arquitetônica e seus 4 andares. O Museu oceanográfico também teve bastante destaque entre os olhares dos alunos, 4 evidenciaram a presença do leão marinho e dos pinguins.

#### O Museu Oceanográfico



Fonte: Postal elaborado por um dos alunos do 4º ano A

Dentre essas falas merece destaque a de uma aluna que a partir de sua vivência pessoal e familiar indaga: “Eu adorei os museu. Você sabia que foi o meu a vô que botou o óculos no peixe?” (Aluna do 4º ano A). Outros 3 alunos também fizeram observações que levaram em conta as suas referencias pessoais, “Nos passamos pela Yara Brasil onde o meu pai trabalha e o mercado publico” (Aluna do 4º ano A). Desta forma consideramos que ocorreu um processo de identificação pelo lugar em que passamos por ele fazer parte do cotidiano de um familiar.

Neste caminho a segunda pergunta do questionário é relativa aos lugares que foram visitados e que eles não conheciam. O maior número de alunos não conheciam o Museu da Cidade e a Fototeca Municipal.

Gráfico 1: Lugares visitados



Fonte: Gráfico elaborado pela autora.

Este gráfico permite percebermos visualmente como o grupo teve por desconhecido o Museu da Cidade foram 10 alunos e a Fototeca Municipal 9 alunos não a conheciam, além disso, a pequena parcela que já conhecia todos lugares visitados, sendo que esta parcela corresponde a 1 aluno e que não conhecia nenhum dos lugares 3 alunos. Neste intento, estes dados veem para reafirmar a importância social deste trabalho com o Turismo no que tange a oportunidade de conhecer espaços da sua própria cidade.

Desta maneira em relação ao lugar como *locus* da atividade turística Gastal, elucidada que: “A visão da modernidade consagrou o *lugar* como o *locus onde* se concretizariam história e geografia e ao qual estariam atrelados cultura e identidade – pessoal e coletiva, local e nacional” (2005, p. 33). Assim, o Turismo para o Ensino de História local, além de proporcionar experiências culturais diversificadas tem como esteira para este processo o local.

Cabe salientar que, esse processo de conhecer foi tão marcante para a bagagem cultural dos alunos, que um deixa expresso que:

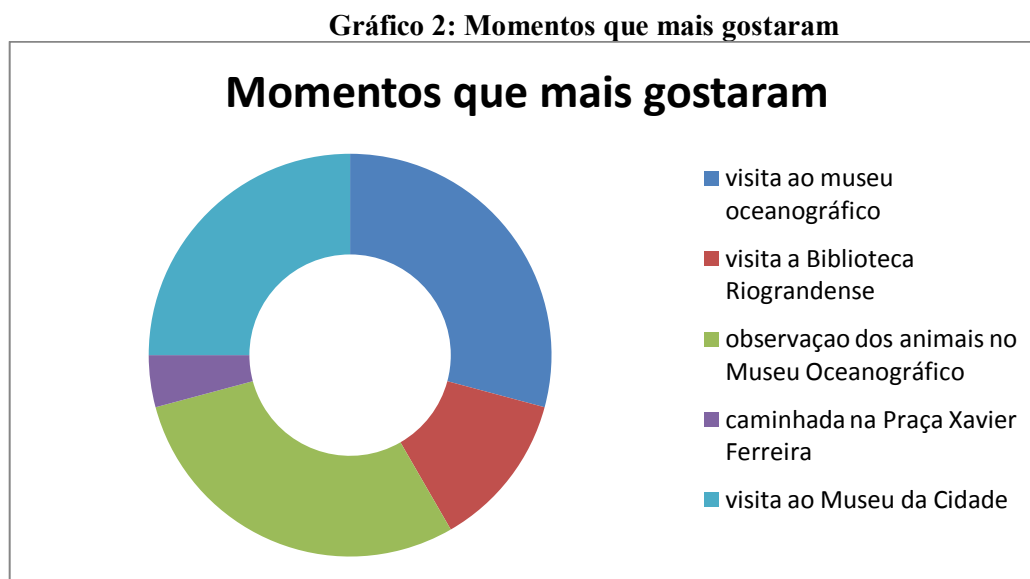
Eu não conhecia a fototeca e o mercado público, e agora que conheço vou convidar meus pais para irmos lá passear e olhar algumas fotos. Eu também não conhecia o museu da cidade e adorei visitá-lo (Aluno do 4º ano A).

Eu na verdade não conhecia nenhum. Nunca avia visitado nenhum deles. Mas disseram que a primeira vez é a melhor! (Aluna do 4º ano A).

Essa experiência então vai além do saber histórico, pois vai perpassar os muros da escola até sua família. Para tanto, fará parte do conhecimento prévio para as outras etapas da vida escolar e do repertório cultural dos alunos. Entendendo então que a maioria estava visitando os espaços pela primeira vez, então a terceira pergunta foi referente à qual momento

tinham mais gostado.

Para isso diante do seguinte gráfico que, novamente, se destacaram os Museus e a observação dos animais (leão-marinho e pinguins) nos tanques do Museu Oceanográfico.



Fonte: Gráfico elaborado pela autora.

Então, nesta pergunta o que tangencia são as preferências dos alunos, os Museus se destacaram, à medida que, para muitos, no Museu da Cidade havia elementos que não são familiares. Além disso, a possibilidade de ver os leões-marinhos e os pinguins nas dependências do Museu Oceanográfico de certa forma mexeu com o imaginário deles. Como observamos na seguinte fala:

De ver o leão-marinho e os pinguins. Foi a coisa mais fofa que eu já vi! Eu não sabia que os pinguins poderiam viver fora do Polo Norte. O Miraguaia é estranho mas ele usa um óculos maneiro! (Aluna do 4º ano A)

Nesse sentido, por mais que tenhamos a incidência destes animais na Costa Oceânica da cidade do Rio Grande, não são lugares cotidianos dos alunos, e provavelmente estão acostumados a vê-los somente na televisão, filmes, revistas e etc. A Miragaia, ou o famoso “peixe de óculos” é um peixe que está exposto em um aquário com formol que faz parte do acervo do Museu Oceanográfico. Este peixe chama muito a atenção, por ele ter tido

uma deformação foi estudado, sua cabeça foi conservada e exposta. Devido a sua deformação sua cabeça se assemelha a de um ser humano, por conta disso colocaram um óculos. Salientamos a peculiaridade deste peixe, pois é um elemento que provoca bastante curiosidade e estranhamento no acervo do Museu Oceanográfico.

Estes dados que nos revelam a afeição dos alunos pelos espaços museais, representam o potencial que estes espaços tem para a discussão da história local a partir do seu acervo. Assim:

O contato com esses documentos materiais, a partir do suporte comunicativo das exposições, permite-nos inserir questões relativas à constituição de uma memória e da preservação (ALMEIDA; VASCONSELLOS, 2010, p. 1007).

No caso do Museu Histórico da Cidade, ele exerceu uma de suas principais funções, contribuiu para o entendimento da História Local e a sua representação no momento presente. Como podemos perceber em outra fala que se torna pertinente em relação ao museu e o momento que mais gostaram, os alunos destacam que:

O momento que eu mais gostei foi no museu da cidade porque eu conheci mais a cidade e como antigamente como as pessoas se visitam, e etc (Aluna do 4º ano A).

Eu mais gostei de ir no museu da cidade, gostei da caixa registradora, das roupas que estavam lá e vi a arma que deu o 1º tiro na guerra. Também gostei do vídeo sobre o navio Altair, que naufragou na praia do Cassino (Aluno do 4º ano A).

Assim, evidenciamos a representatividade que o acervo do museu tem em relação à construção mental e imaginária de como os eventos eram em tempos passados. Cabe salientar que, o Museu da Cidade trabalha com múltiplas linguagens, e a visita foi guiada por pessoas que trabalham no Museu, para isso foi previamente agendada a visita, então quando eles se referem ao vídeo, em um dado momento da visita o grupo foi convidado a assistir um vídeo, de produção do Grupo RBS que fez parte do programa Curtas Gaúchos, intitulado “Os faróis e seus Guardiões”, que versou sobre os Campos Neutrais, as Piratarias, naufrágios, guerras de fronteiras, maré vermelha, os concheiros e atoleiros. Esclarecemos esta questão em relação ao vídeo, porque em diversas falas atinentes a história da cidade irão aparecer referências aos piratas.

Agora, entramos nas questões com o foco mais tensionado para identificação, a ressignificação e a apreensão da História Local. Neste intento, a quarta pergunta do



questionário, não teve tanto o caráter de questionamento, mas que eles fizessem uma relação com a sua história e com o que tinham vivenciado durante o roteiro. Na tentativa de perceber se o que eles experienciaram em relação a História Local faz sentido para a vida prática deles.

Dos 19 alunos que responderam ao questionário, 9 conseguiram estabelecer uma relação de suas vivências e memórias junto com seus familiares com os espaços percorridos durante o roteiro turístico. Destacamos as seguintes falas:

Eu comi pastel com minha mãe mercado público e busquei peixe com meu vô (Aluno do 4º ano A).

Sempre como eu vou no Mercado com a minha mãe eu e minha mãe comemos um picolé eu sempre como de uva e minha mãe como sempre de limão (Aluno do 4º ano A).

Eu já fui no mercado publico comprei ração para meu porquinho da índia o Ted, e foi lá que eu consegui o Ted (Aluna do 4º ano A).

Desta maneira os alunos fizeram um aproximação afetiva e familiar das vivências anteriores nos espaços, mas efetivamente sobre a História Local e a sua não. As marcas do distanciamento do local de residência aos lugares visitados aparecem na fala de 2 alunos:

Isso foi muito diferente para mim já que eu moro no cassino eu já fui no museu oceanográfico eu gostei muito de ir em todos os lugares (Aluna do 4º ano A)

Eu já fui com minha mãe no Museu Oceanográfico, mas eu não costumo ir com frequência porque eu moro no Cassino (Aluno do 4º ano A).

Talvez por conta deste distanciamento do bairro onde moram tenha sido difícil estabelecer uma relação com a sua história, mas suas experiências os constituem como sujeitos históricos de seu tempo, desta maneira mesmo a ausência desta relação pode nos revelar o quanto é importante esse trabalho com o foco do Turismo, principalmente neste caso no que tange o Turismo Cidadão (GASTAL, 2006), todavia, o sentido para a vida pratica é mobilizado operacionalmente, nesta questão eles não demonstraram a articulação entre o passado o presente e o futuro em suas vivências narradas e sim suas memórias. Assim, nos 8 restantes eles não estabeleceram relação nenhuma com sua vida, apenas narraram a ordem de que foi realizado o roteiro turístico.

A quinta pergunta, O que você sentiu ao caminhar pelo centro histórico?, nos possibilitou compreender como a atividade turística mobilizou as sensações e emoções deles em relação ao centro histórico e a história. Neste intento, devemos destacar que estas emoções e sensações são desencadeadas por meio da apreciação estética dos lugares, esse tipo de

emoção não apenas ao nível teórico, mas também através da introdução de situações que favoreçam experiências emocionais de natureza estética. Neste caso, a estética visa à criação de um espaço propício para a educação dos sentidos e desenvolvimento da percepção sensorial e cultural do indivíduo. Segundo Strati (1999):

A estética na vida organizacional [...], relaciona-se a uma forma de conhecimento humano; e especificamente o conhecimento representado pelas faculdades da audição, visão, toque, olfato e paladar, e pela capacidade de julgamento estético. A última é a faculdade utilizada para avaliar se algo é prazeroso ou, alternativamente, se é adequado ao nosso gosto ou, ainda, se nos „envolve“ ou nos é indiferente ou mesmo repelente. Entender a estética no dia a dia da vida organizacional requer que se considerem os elementos não humanos [...], junto com os elementos humanos [...](p.2)

Desta maneira, 14 alunos em suas narrativas destacaram sentimentos tais como: felicidade, animação, orgulho, tranquilidade, alegria, paz e raiva.

Muita raiva por que o nosso centro histórico deixado estragando mas eu amo o nosso centro histórico! (Aluna do 4º ano A).  
Orgulho da nossa cidade por ela ser a primeira do estado do Rio Grande do Sul (Aluno do 4º ano A).  
Senti uma paz de espírito, uma calma a natureza do Centro Histórico tira a gente da agitação do dia a dia (Aluno do 4º ano A).

Nestas falas podemos perceber o sentimento de pertença aflorado nos alunos, diante da palavra orgulho, de amar o centro histórico, e raiva, pois este aluno em especial sente raiva por perceber a falta de consciência da população referente à preservação dos patrimônios. Além disso, quando um aluno destaca que o centro histórico “tira a gente da agitação do dia a dia” nos aproximamos do que Gastal (2007), nos diz em relação ao turismo cidadão, que ao percorrer espaços e tempos diferentes esta a experimentar tempos de viver diferentes do rotineiro.

Assim, 5 alunos em suas respostas se aproximaram da apreensão histórica ao narrarem seus sentimentos, vejamos:

Eu me senti uma menina contando a história de Rio Grande contando que a Biblioteca mais antiga é a biblioteca Riograndense que foi fundada em 1846 (Aluna do 4º ano A).  
Eu senti muita emoção porque eu nunca fui nesse lugares que existiam antigamente! E agora eu já sei mais um pouco da nossa história! (Aluna do 4º ano A).  
Eu me senti viajando no passado do Rio Grande. E uma turista de antigamente! (Aluna do 4º ano A).

Eu já tinha caminhado varias vezes mas quando eu soube da História da cidade comecei a me interessar mais (Aluna do 4º ano A).  
Eu senti que estava no passado! (Aluna do 4º ano A).

Percebemos nestas falas das alunas o quanto a atividade fez sentido para elas no que tange as carências de orientação Rüsen (2015), e a relação passado, presente e futuro. Neste caso, cabe ressaltar que a consciência histórica também venho a tona, pois, “A consciência histórica pressupõe o indivíduo existindo em grupo, tomando-se em referência aos demais, de modo que a percepção e a significação do tempo só pode ser coletiva” (CERRI, 2001, p. 101). Ao momento que uma se sentiu “uma menina contando a história”, e a outra que nunca tinha ido a esses lugares “de antigamente” e que agora sabe um pouco mais da “nossa” história, outra que já tinha passado por ali, mas quando soube mais sobre começou a se “interessar mais” percebemos que a partir do conhecimento adquirido elas projetaram ações futuras, representado, por exemplo, no interesse de saber mais, e ao usar o termo nossa para a história pensou no coletivo, não é a história da cidade e sim a nossa história.

Assim, a utilização da palavra antigamente, e as sensações de estar no passado, viajando no passado, se sentir uma turista de antigamente, nos mostram que elas realizaram uma mobilização cognitiva no que tange o tempo, ou seja, estavam experienciando com os olhos do tempo presente para o passado.

A sexta pergunta então teve como perspectiva que a turma construísse uma narrativa histórica sobre a história da cidade. Deste modo, percebemos que ao construir a sua escrita sobre a história da cidade muitos apresentaram uma narrativa fragmentada, parecendo-nos que os conceitos, fatos, procedimentos, atitudes planejados e trabalhados no decorrer do ano letivo pouco ajudaram para a resolução para a incorporação destes nas suas narrativas. Visto que verificamos a presença das referências tidas nas atividades da Aula Oficina e do roteiro turístico propostos nesta pesquisa que não estão articulados com outros conhecimentos que provavelmente foram expostos pela professora em sala de aula.

Diante de tais premissas em relação à construção das narrativas históricas dos alunos, seguimos:

No século passado não existia carros e motos eles não tinham banheiro só tinha pinico. Não era tão moderno (Aluna do 4º ano A).  
Há 2 anos muitas pessoas trabalhavam no estaleiro mas agora não tem mais estaleiro (Aluna do 4º ano A)  
Tinha muita pessoa que trabalhava no estaleiro mas hoje não existe mais o estaleiro. Isso é uma pena que não existe mais (Aluna do 4º ano A).  
Eu lembro que há dois anos as pessoas trabalhavam muito no estaleiro e o

fundador da cidade é o Brigadeiro José da Silva Paes (Aluna do 4º ano A).

Percebemos a proficiência histórica que coloca a história da cidade no tempo presente e passado, no contexto contemporâneo em um processo de rupturas e continuidades. Pois um dos alunos destaca que “Não era tão moderno” a concepção de moderno dele parte da tecnologia, dos carros, motos, o não ter banheiro, mas se pensarmos no século passado o ter um pinico ou andar de trem poderia representar uma modernidade para aquele tempo.

Outros destacam a questão da importância social do estaleiro e fazem um movimento temporal interessante quando se referem ao estaleiro nos chama a atenção é o recuo no tempo, narrativas foram construídas relacionando tempos e espaços diferentes. Como percebemos na seguinte narrativa “O estaleiro parou de trabalhar a 2 anos. Numa época o chafariz fazia um grande papel porque antes eles precisavam pegar um balde para pegar água” (Aluno do 4º ano A). Ao passo que parte de uma história mais próxima do presente vivido por ele, ele também utiliza o termo “numa época” para se referir a um passado longínquo.

Outras narrativas se dedicaram a versar sobre as disputas pela região entre espanhóis e portugueses:

Eu aprendi que os espanhóis e os portugueses que brigavam durante muito tempo (Aluna do 4º ano A).

Eu aprendi sobre a briga dos espanhóis e os portugueses que brigaram durante muito tempo e também sobre a catedral de São Pedro, que a Catedral passou por muitas reformas até ficar nova (Aluna do 4º ano A).

Que o Rio Grande é muito antigo e era muito rico em terras e pessoas brigavam pelo Rio Grande (Aluno do 4º ano A).

Assim em narrativas curtas eles expressam que houve disputas em relação a cidade, antecedendo a sua fundação mas se trata de narrativas factuais que não apresentam uma relação de causa e consequência e por menos ainda de uma história problema, procurando esquematizar o conhecimento e trazer o por que destas disputas.

Agora 3 narrativas incidem sobre os piratas, esta alusão aos piratas e aos naufrágios da na Costa, a caracterização da cidade e a presença das águas em sua localização.

A cidade do Rio Grande é a primeira cidade do Rio Grande do Sul e é rodeada por águas (Aluno do 4º ano A).

Que os piratas assaltavam os navios de carga. Faziam fugueiras os piratas incalhavam e assaltavam (Aluno do 4º ano A).

Rio Grande é a mais antiga do Rio Grande do Sul (RS). Existiu piratas em Rio Grande eles faziam fugueiras nas dunas de 3 metros tem até naufrágio na praia de Rio grande (Aluno do 4º ano A).

Nestas construções narrativas destacamos a articulação com a geografia quando um dos alunos se refere a cidade estar rodeada por águas, pois sua posição geográfica lhe confere o *status* de uma península em meio as lagoas e o Oceano, por tanto a movimentação de embarcações, os constantes naufrágios e saques se dão em função desta posição. Mas, cabe salientar que, mais uma vez, eles só apresentaram de forma informacional e não estabeleceram reflexões em relação a estes fatos.

Assim, seguindo a mesma lógica outras cinco narrativas são incisivas em relação ao discurso narrativo que exalta a cidade mais antiga, o seu fundador e a biblioteca como podemos perceber:

Rio Grande tem a biblioteca mais antiga do Rio Grande do Sul (Aluno do 4º ano A).

A nossa cidade é a mais antiga do estado ela é a nossa cidade é circundada por água e a Biblioteca Riograndense foi fundada em 1846 (Aluno do 4º ano A).

Tem a biblioteca antiga do Rio Grande é a biblioteca riograndense (Aluno do 4º ano A).

A Biblioteca Riograndense é a mais antiga do Rio Grande (Aluna do 4º ano A).

O Brigadeiro José da Silva Paiz foi o fundador da cidade (Aluna do 4º ano A).

Torna-se conveniente destacarmos que a Biblioteca Riograndense marcou a experiência da turma, e de certa forma eles demonstram certo orgulho e pertencimento em relação a “nossa” cidade e a biblioteca, o que expressa a construção de uma ideia de coletividade. No que tange o saber histórico eles evidenciam somente os marcos históricos e o distanciamento temporal está reverberado nos termos como “a mais antiga”.

Por último e não menos importante destacamos uma narrativa que se aproximou de um discurso turístico.

Rio Grande tem a maior biblioteca do estado, no bairro Cassino tem a maior praia do mundo, tem também vários pontos turísticos lindos como: As praças Xavier Ferreira, Tamandaré e Sete de Setembro (Aluno do 4º ano A).

Notamos que nesta narrativa há a predominância do discurso turístico em relação ao histórico. Doravante, cabe salientar que este aluno trouxe em sua fala pontos turísticos aos quais não visitamos, somente foi feita uma menção durante a aula expositiva, em relação a onde se localiza a Praça Sete de Setembro hoje, elucidando que antes era naquele espaço que se situava o forte Jesus, Maria e José e sobre os primórdios do Balneário Cassino.

### Molhes da Praia do Cassino



Fonte: Postal elaborado por um dos alunos do 4º ano A.

O que nos leva a crer que ele articulou seus conhecimentos prévios com os apreendidos trazendo a “maior praia do mundo”, a Praia Tamandaré e a Sete de Setembro para a sua narrativa.

Desta maneira percebemos que grande parte do grupo se apropriou e compreendeu o passado por meio das evidências históricas presentes nos lugares onde passamos. Numa construção mental os alunos se apropriaram do passado a partir dos indícios documentais e da experiência cultural a partir da realização do roteiro turístico proposto.

A forma da construção das narrativas dos alunos revela pouca habilidade com o texto escrito e pouco repertório que permita uma argumentação em relação aos adjetivos e sentimentos que aparecem demasiadamente empregados em suas falas, tais como lindos, fofos, grandes, incríveis, felicidade e etc.

Além disso, a experiência turística levou os alunos a reconstrução do que havia sido vivido até aquele momento, “eu não conhecia”, “eu já tinha passado por ali” e assim por diante. Entendemos que o Turismo possibilitou a construção social dos sujeitos a partir do roteiro turístico, assim:

A experiência da viagem pode levar a pessoa a reconhecer características que foram manifestadas mais intensamente do que no tempo cotidiano, e a relação dialética entre expectativas e resultados (SANTOS, 2001, p. 208).

Neste sentido, o turismo como prática pedagógica neste estudo possibilitou que aos alunos perceberem as diversas temporalidades materializadas e que estão presentes em determinado espaço.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das revelações das narrativas de professoras e alunos, consideramos que o Turismo servindo ao ensino reverberou, significativamente, a forma de se perceberem em relação ao mundo externo e a si mesmos. No entanto, em relação ao fazer do professorado seus anseios e necessidades incidem na falta de material didático atualizado. Suas principais práticas pedagógicas estão litigadas a aula expositiva, utilização de mapas e materiais concretos (globo).

No que toca à visão das docentes em relação ao Turismo, como uma possível prática pedagógica, elas se mostraram entusiasmadas, mas anteriormente a proposta a qual esta pesquisa se mobilizou, não haviam pensado que a prática turística organizada para os devidos fins pedagógicos poderia vir a servir como instrumento facilitador, tanto no processo de ensino como no de aprendizagem de seus alunos, mas acreditaram em seu potencial abrindo as portas de suas salas de aulas. Então, envolvidas pela presente pesquisa no decorrer das suas falas, as professoras evidenciaram que consideram o Turismo como um instrumento que permite vivenciar e conhecer os lugares.

Neste percurso, a turma de alunos a partir da experiência turística, ressignificou o olhar para a sua cidade, numa perspectiva cultural da dialética do conhecer e não conhecer, do cotidiano e do distante, do presente e do passado. A partir deste “novo olhar”, momento da realização do roteiro turístico, um olhar formado a partir de um novo sujeito que emerge o aluno-turista, percebemos a afluência de sentimentos e emoções que antes não haviam presenciado até mesmo ao percorrer os mesmos espaços sem o olhar turístico.

Desta maneira, os alunos de certa forma acionaram a consciência histórica, mas enfaticamente consideramos que a mobilização a partir do roteiro despertou o pertencimento histórico, em suas narrativas conseguiram fazer um deslocamento temporal a partir das vivências do presente, estranharam e se identificaram com o passado, às vezes não tão distante.

Sentimos falta de uma narrativa histórica mais argumentativa partindo dos alunos, tendo em vista que a atividade proposta sofreu ajustes nas datas e por conta disso, a aula expositiva que fazia parte da Aula Oficina, foi realizada no mês de maio de 2018 e o passeio turístico no dia 7 de novembro de 2018, sendo assim, em tese tiveram tempo da apreensão do conteúdo em sala de aula para depois articular com as materialidades dos espaços citadinos.

Mas as narrativas tiveram a presença de um discurso histórico restrito talvez pela falta de domínio da escrita.

Concluimos que, os patrimônios culturais foram os principais vestígios do passado que levaram aos alunos a mobilizar seus sentidos, o desejo de conhecer, saber mais, de rememorar o passado e preservar. Neste intento, as principais ressonâncias desta atividade não incidiram sobre as práticas pedagógicas das professoras, mesmo que elas tenham sinalizado que serviria de referência para contextualizar o que elas iriam ensinar nas aulas de História. Mas, o Turismo a partir da proposta inicial desta pesquisa teve repercussão em relação ao repertório cultural dos alunos, do modo a se posicionar e perceber os diferentes espaços e tempos em que passamos.

Contudo gostaríamos de destacar a importância de se pensar o Turismo para/na formação de professores, tanto a inicial como a continuada, visto que a prática turística pode sensibilizar os sujeitos à compreensão das concepções de lugar, espaço e tempo. Valorizar o turismo na formação de professores atualmente torna-se necessário, pois tais conhecimentos podem ser revertidos aos alunos e se transformar em uma potência de ensino interdisciplinar.

Não devemos lançar mão da concepção do Turismo como mera atividade econômica, mas percebê-lo como um fenômeno social, e que aliado a Educação permite experiências educacionais significativas e a formação de sujeitos críticos e ativos. Convém destacar que o Turismo nas Escolas também desenvolve a sensibilização turística dos alunos, se constituindo como uma via de mão dupla, neste viés almejamos que o Turismo e a Educação estreitem os laços e quem sabe possa emergir nos planos curriculares das Escolas Municipais de Ensino Fundamental.



## REFERÊNCIAS

ABREU, Carina Vasconcellos. **Educação e o turista cidadão**: viva o centro a pé. 2011. Disponível em: <[http://tede.pucrs.br/tde\\_arquivos/10/TDE-2012-04-17T151942Z-3758/Publico/437867.pdf](http://tede.pucrs.br/tde_arquivos/10/TDE-2012-04-17T151942Z-3758/Publico/437867.pdf)>. Acesso em: 10/09/2017.

ABUD, K. M. O ensino de História nos anos iniciais: como se pensa, como se faz. *In: Antíteses*. v. 5, n. 10, jul./dez. 2012. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/14505>. Acesso em 14/03/2019.

ALMEIDA, Adriana Mortara; VASCONCELLOS, Camilo de Mello. Por que visitar museus. *In: O saber histórico na sala de aula*. 11. Ed, São Paulo: Contexto, 2010.

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. Fazer defeitos nas memórias: para que servem o ensino e a escrita da história? *In: GONÇALVES, Márcia de Almeida et.al. (org). Qual o valor da história hoje?* Rio de Janeiro: FGV, 2012.

ALVES, Francisco das Neves; TORRES, Luiz Henrique. **A cidade do Rio Grande**: uma abordagem histórico-historiográfica. Rio Grande: Universidade do Rio Grande, 1997.

ANSARAH, Marília Gomes dos Reis. Turismo e Segmentação de Mercado: Novos segmentos. *In: Análises regionais e globais do turismo brasileiro*. Ed. Luiz Godoi Trigo ; Co Ed. Alexandre Panosso Netto; Mariana Aldrigui Carvalho; Paulo dos Santos Pires. São Paulo: Roca, 2005.

AVILA, Marco Aurélio. Políticas e planejamento em cultura e turismo: reflexões, conceitos e sustentabilidade. *In: AVILA, Marco Aurélio (Org.). Política e planejamento em cultura e turismo*. Ilhéus: Editus, 2009.

BARCA, Isabel. Aula Oficina: do Projeto à Avaliação. *In. Para uma educação de*

**qualidade:** Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica. Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED)/ Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004.

\_\_\_\_\_. Educação Histórica como área de investigação. *In: Revista da Faculdade de Letras HISÓRIA*. Porto: III série, v. 2, 2001.

\_\_\_\_\_. **Ideias chave para a educação histórica:** uma busca de (inter)identidades. *In: Hist. R.*, Goiânia, v. 17, n. 1, p. 37-51, jan./jun. 2012.

BARBOSA, Vilma de Lurdes. Ensino de história local: redescobrimo sentidos. *In: SEACULUM – Revista de História*. p. 57- 85. João Pessoa, Jul./ dez. de 2016. Disponível em: <<http://www.biblionline.ufpb.br/ojs/index.php/srh/article/viewFile/1357/6471>> Acesso em: 06/06/2017.

BARROS, José D<sup>o</sup> Assunção. **Teoria da História**. 5ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

BENI, Mario Carlos. **Análise estrutural do turismo**. 8ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2003.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história:** fundamentos e métodos. 4ed. São Paulo: Cortez, 2011.

\_\_\_\_\_. Capitalismo e cidadania nas atuais propostas curriculares. *In: O saber histórico na sala de aula*. 11. Ed, São Paulo: Contexto, 2010.

BOMFIM, Mailane Vinhas de Souza. Por uma pedagogia diferenciada: Uma reflexão acerca do turismo pedagógico como prática educativa. *In: Revista Turismo Visão e Ação – Eletrônica*, v. 12, n. 1. p. 114 – 129, jan./abr. 2010. Disponível em: <[WWW.univali.br/revistaturismo](http://WWW.univali.br/revistaturismo)> Acesso em: 06/06/2017.

BOSCHI, Caio César. **Por que estudar história?** São Paulo: Ática, 2007.

BORDIEU, Pierre. Esboço de uma teoria da prática. *In: ORTIZ, R. (Org.)*. Pierre

Bordieu. São Paulo: Ática, 1983.

BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: BURKE, Peter (Org.), **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

BLOCH, Marc. **Apologia da História, ou, O ofício de historiador**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: história**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: história, geografia**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CONCEIÇÃO, Juliana Pirola da. DIAS, Maria de Fátima Sabino. Ensino de História e consciência histórica latino-americana. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 31, n. 62, p. 173-191, 2011. Disponível em:  
<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/porescrito/article/viewFile/14376/9703>  
> Acesso em: 06 de junho de 2017.

CAINELLI, Marlene; OLIVEIRA, Sandra Regina de. A relação entre aprendizado histórico e formação histórica no processo de ensinar história para crianças. In: **Educação histórica: teoria e pesquisa**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2011.

CANCLINI, N. G. **Consumidores e cidadãos**. Conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti. **Pesquisa em turismo: planejamento, métodos e técnicas**. São Paulo, 1998.

DIAS, Reinaldo. **Sociologia do turismo**. São Paulo: Atlas, 2008.

ENKE, Rebecca Guimarães. A vilegiatura marítima: Sociabilidades na praia do Cassino de 1950. In: **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**. São Paulo,

julho, 2011. Disponível em:

<[http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300932726\\_ARQUIVO\\_AVilegiaturaMaritima.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300932726_ARQUIVO_AVilegiaturaMaritima.pdf)>. Acesso em: 23/5/2017.

\_\_\_\_\_. **O espetáculo do mar em uma estação balneária no Rio Grande do Sul: A vilegiatura marítima na Villa Sequeira/Praia do Cassino (1885-1960).** São Paulo: Universidade de São Paulo, 2013. Programa de Pós- Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-13012014-110207/en.php>> Acesso em: 21/5/2017.

FAGUNDES, José Evangelista. **A história local e seu lugar na história: histórias ensinadas em Ceára-Mirim.** Natal – RN, 2006. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Programa de Pós-Graduação em Educação.

FERREIRA, Felipe Nóbrega. Imprensa em dia de sol publicidades de um balneário no ano de 1890 (Rio Grande, RS). In: **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH.** São Paulo, junho, 2011. Disponível em: <[http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308173155\\_ARQUIVO\\_Anpuhhfinal.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308173155_ARQUIVO_Anpuhhfinal.pdf)>. Acesso em: 8/5/2017.

FONSECA, Selva Guimarães. **História local e fontes orais: ma reflexão sobre saberes e práticas de ensino de história.** História Oral, v. 9, n. 1, p.125-141, jan.-jun. 2006. Disponível em: <<http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=view&path%5B%5D=193>> Acesso em: 27/07/2017.

\_\_\_\_\_. **Didática e prática de ensino de história: experiências, reflexões e aprendizados.** Campinas-SP: Papyrus, 2003.

FONSECA FILHO, Ari da Silva. Educação e Turismo: Reflexões para Elaboração de uma Educação Turística. In: **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 1, nº 1, p. 5-33, set. 2007. Disponível em:

<<https://www.rbtur.org/rbtur/article/view/77/76>> Acessado em: 20/06/2017.

FUNARI, Pedro Paulo; FUNARI, Raquel dos Santos. **Educação Patrimonial: teoria e prática**. In: SOARES, André Luiz Ramos (Org.). Educação Patrimonial: teoria e prática. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2007.

Fuster, Fernandez. **Introdução a Técnica e Teoria del Turismo**. 4 ed. Madrid: Nacional, 1974.

FRONZA, Marcelo. As narrativas históricas gráficas como expressão da aprendizagem histórica de jovens estudantes do ensino médio: perspectivas da educação histórica. In: **Revista História Hoje**, v. 4, nº 8, p. 81-103, 2015. Disponível em: <<https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/188/143>> Acesso em: 25/10/2019.

GASTAL, Susana. **Turista cidadão: uma contribuição ao estudo da cidadania no Brasil**. 2006. Disponível em: <[www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0338-2.pdf](http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0338-2.pdf)> Acesso em: 09/09/2017.

\_\_\_\_\_. Nomadismo e Turismo: Viagem como Vida no Espaço. In: **Análises regionais e globais do turismo brasileiro**. Ed. Luiz Godoi Trigo ; Co Ed. Alexandre Panosso Netto; Mariana Aldrigui Carvalho; Paulo dos Santos Pires. São Paulo: Roca, 2005.

GERMINARI, Geyso D. O ensino de história local e a formação da consciência histórica de alunos do 6º ano do ensino fundamental: uma experiência com a unidade temática investigativa. In: **XIV ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA 1964 – 2014: 50 anos do golpe militar no Brasil**. 7 a 10 de Out. de 2014. Disponível em: <<http://www.erh2014.pr.anpuh.org/anais/2014/335.pdf>> Acesso em: 8/06/2017.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2014.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade**: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

HUNT, Lynn. A Nova História Cultural. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

IGNARRA, Luiz Renato. **Fundamentos do turismo**. São Paulo: Pioneira Thomson Laerning, 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, São Paulo: Editora UNICAMP, 1990.

MARTINS, Solismar Fraga; PIMENTA, Margareth Afeche. **A constituição espacial de uma cidade portuária através dos ciclos produtivos industriais**: o caso do município do Rio Grande (1874-1970). **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v.6, n 1, 2004. Disponível em:

<<http://unuhospedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/rbeur/article/view/106/90>>.

Acesso em: 7/5/2017.

MATOS, Júlia Silveira. **Ensino de história, diversidade e livros didáticos**: história, políticas e mercado editorial. Rio Grande: Ed. Da Universidade Federal do Rio Grande, 2013.

MENESES, José Newton Coelho. **História e Turismo cultural**. 1ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Guia de livros didáticos: PNLD 2013**: história. Brasília: Secretaria de Educação Básica, 2012.

MILAN, Priscila Loro. **Viajar para aprender**: turismo pedagógico na região dos Campos Gerais-PR.2007. Disponível em:

<[http://www6.univali.br/tede/tde\\_arquivos/2/TDE20070912T064409Z242/Publico/Priscila%20Loro%20Milan.pdf](http://www6.univali.br/tede/tde_arquivos/2/TDE20070912T064409Z242/Publico/Priscila%20Loro%20Milan.pdf)>. Acesso em: 15/09/2017.

MOESCH, Marutschka. **A produção do saber turístico**. São Paulo: Contexto, 2000.

MOLINA, Sergio; RODRÍGUEZ, Sergio. **Planejamento Integral do turismo: um enfoque para a América Latina**. Bauru: Edusc, 2001.

NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. Projeto História. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História do Departamento de História**. São Paulo: n. 10, 1993.

NORONHA, Isabelle de Luna. Livro didático e ensino de história local no ensino fundamental. *In: XXIV Simpósio Nacional de História*, Associação Nacional de História – ANPUH, 2007.

NOVAIS, Fernando; SILVA, Rogério (org.). **Nova História em perspectiva**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

OLIVEIRA, Eduardo Romero. Memória, história e patrimônio: perspectivas contemporâneas do pesquisa histórica. *In: Revista Fronteiras*, Dourados, MS: v. 12, n. 22, p. 131-151. jul./dez. 2010.

PEREIRA, Maria Aparecida Batista; BIANCHEZZI, Clarice. O Ensino de História nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental: desafios e possibilidades em uma escola municipal de Parintins/ Amazonas. *In: FRONTEIRAS Revista Catarinense de História*, ANPUH – seção SC, n. 25, 2015. Disponível em: <[http://www.anpuh-sc.org.br/revfront\\_25\\_sumario.htm](http://www.anpuh-sc.org.br/revfront_25_sumario.htm)> Acesso em: 15/05/2017

PERINOTTO, André R.C. **Turismo pedagógico: uma ferramenta para educação ambiental**. 2008. Disponível em: <<http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/index.php?journal=caderno&page=article&op=view&path%5B%5D=261&path%5B%5D=186>> Acesso em: 10/09/2017.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 3ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi. O que e como ensinar? Por uma História

prazerosa e conseqüente. In: KARNAL, Lendro (org) **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. 6.ed. São Paulo, Contexto, 2010.

ROCHA, Helenice. A presença do passado na aula de História. In: MAGALHÃES, Marcelo *et al* (orgs) **Ensino de História: usos do passado, memória e mídia**. Rio de Janeiro, FGV, 2014.

RAMOS, Érica Souza. Uma leitura turística da formação da Vila Sequeira através da imprensa do século XIX. In: **Fólio - Revista Científica Digital - Jornalismo, Publicidade e Turismo**, 2015. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ipa/index.php/folio/article/.../376/316>> Acesso em: 13/11/2017.

RÜSEN, Jörn. Teoria da História: uma teoria da história como ciência. Curitiba: Editora UFPR, 2015.

SILVA, Marcos Antônio da. FONSECA, Guimarães Selva. Ensino de História hoje; errâncias, conquistas e perdas. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v.31, n. 60, p.13-33, 2010. Disponível em: <[http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer\\_histedbr/jornada/jornada10/\\_files/VOvTHqqQ.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada10/_files/VOvTHqqQ.pdf)> Acesso em: 6/6/ 2017.

SANTOS, Àgatha Alexandre. Construção social da pessoa no turismo: um estudo de caso. In: **Turismo e identidade local: Uma visão antropológica**. Álvaro Banducci Jr. Margarita Barretto (orgs.). Campinas: Papyrus, 2001.

SOUZA, Ivana Carolina Alves da Silva. SILVA, Francisca de Paula Santos da. Educação para o turismo: uma análise das práticas pedagógicas no ensino fundamental. In: **I Encontro Semintur Jr. Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul**, jun. 2010. Disponível em: <[https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/educacao\\_para\\_o\\_turismo.pdf](https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/educacao_para_o_turismo.pdf)> Acesso em 20/06/2017.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. A formação do professor de História e o cotidiano da



sala de aula. *In: O saber histórico na sala de aula*. 11. Ed, São Paulo: Contexto, 2010.

STRATI, Antonio. **Organization and Aesthetics**. London: Sage, 1999.

TORRE, Oscar de La. **El turismo fenómeno social**. Cidade do México: Fondo de Cultura Económico, 1992.

TORRES, Luiz Henrique. **Espaços da memória: a Praça Xavier Ferreira**. Rio Grande: Pluscom Editora, 2016.

\_\_\_\_\_. **História do Município do Rio Grande: fundamentos**. Rio Grande: Pluscom Editora, 2015.

\_\_\_\_\_. **Rio Grande: cartões-postais e patrimônio na belle époque**. Rio Grande: Editora da Furg, 2013.

URRY, John. **O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas**. São Paulo: Studio Nobel, 1996.

VEAL, A. J. **Metodologia de pesquisa em lazer e turismo**. São Paulo: Aleph, 2011.

VENERA, Raquel Alvarenga Sena. Turismo e Ensino de História: potencialidades e interpretações locais. *In: Turismo em Análise*, v.21, n. 2, agosto, 2010.

## ANEXOS

### Anexo I

#### Plano de aula

#### Cidade do Rio Grande: conversando sobre sua história

<p><b>Escola:</b> Escola Municipal de Ensino Fundamental Profª Wanda Rocha Martins</p> <p><b>Turma:</b> 4º anos (4ªa-4ºb-4ºc – 4ºd)</p> <p><b>Período:</b> tarde ( 13:30 às 15:30)</p> <p><b>Proponente:</b> Érica Souza Ramos, mestranda no Programa de Pós - graduação em História – PPGH, pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG.</p> <p><b>Data:</b> 05/04/2018</p>
<p><b>Tema:</b> História local e Turismo</p>
<p><b>Conteúdo:</b></p> <ul style="list-style-type: none"><li>- Origem do município</li><li>-Fundação do município</li><li>-Economia rio-grandina</li><li>-Processos de urbanização</li><li>-Aspectos sociais</li><li>-transformações na cidade na virada do século XIX para o XX</li><li>-Aspectos sobre a formação do Balneário Cassino e da Ilha dos Marinheiros</li><li>-Noções fundamentais de turismo</li></ul>
<p><b>Objetivo geral:</b></p> <p>Elucidar noções sobre a história local</p>
<p><b>Objetivos específicos:</b></p> <ul style="list-style-type: none"><li>-compreender os processos históricos locais</li><li>-reconhecer o cenário histórico do meio em que estão inseridos</li><li>-perceber as diferenças temporais no meio</li><li>-associar os conhecimentos prévios sobre a história local e turismo com os novos a serem apreendidos</li><li>-entender e refletir sobre o turismo</li><li>-associar o turismo, a história local a sua vida cotidiana</li></ul>
<p><b>Metodologia</b></p>

A aula se dará de forma expositiva e interativa com a turma, que será dividida em quatro momentos:

1º momento: breve exposição sobre a origem e fundação da cidade do Rio Grande –RS e consequentemente as transformações que essa sofre ao longo do tempo.

2º momento: reflexões sobre a gênese do Balneário Cassino.

3º momento: a importância da Ilha dos Marinheiros para o desenvolvimento dos processos históricos da cidade de Rio Grande.

4º momento: sensibilização para o turismo a partir da história local, contando com o vídeo “bira e Beto amigos do turismo”.

#### **Recursos**

-uso de imagens fotográficas antigas e contemporâneas

-uso de fontes, recortes de jornais do século XIX

-uso de recurso audiovisual

- multimídia

#### **Referências**

ALVES, Francisco das Neves. TORRES, Luiz Henrique. **A cidade do Rio Grande:** uma abordagem histórico-historiográfica. Rio Grande: Universidade do Rio Grande, 1997.

TORRES, Luiz Henrique. **Os leões da Praça Tamandaré:** história da Geribanda e do monumento a Bento Gonçalves da Silva. Rio Grande: Pluscom, 2016.

## Anexo II

### Roteiro da Entrevista

**Proponente: Érica Souza Ramos – mestranda no Programa de Pós – Graduação em História – PPGH – FURG**

- 1) Há quanto tempo você atua na área da educação? E quanto a sua formação?
- 2) Como é o seu cotidiano em sala de aula quando abordas a História Local para seus alunos?
- 3) Quais são as práticas pedagógicas que você vem desenvolvendo referente ao ensino de História Local?
- 4) Que tipo de estratégias, tu consideras importantes desenvolver para oportunizar situações de interação e aprendizagem significativas no ensino de História Local?
- 5) Quais os desafios enfrentados na sala de aula para o Ensino de História Local?
- 6) Em algum momento tu já pensaste no turismo como uma possível prática pedagógica? Se sim ou não por quê?
- 7) O que tu entendes por turismo? Costumas realizar viagens de turismo?
- 8) Você já realizou passeios turísticos com seus alunos?

**Anexo III**

**Questionário**

**Proponente: Érica Souza Ramos – mestranda no Programa de Pós –  
Graduação em História – PPGH – FURG**

**Nome:** \_\_\_\_\_ **Ano:** \_\_\_\_\_

1) Dos lugares que passamos o que você observou?

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

2) Qual dos lugares visitados você não conhecia?

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

3) Qual momento você mais gostou? Por que?

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

4) Faça uma relação da sua história com o que vivenciamos durante o roteiro:

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

5) O que você sentiu ao caminhar pelo centro histórico?

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

6) Escreva sobre a história da cidade:

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

## Anexo IV

Material elaborado para a Aula Oficina – Aula expositiva “Cidade do Rio Grande: conversando sobre sua história”

**PPGH**  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
HISTÓRIA

**ICHI**  
FURG

# CIDADE DO RIO GRANDE

## CONVERSANDO SOBRE SUA HISTÓRIA

Proponente: Érica Souza Ramos  
Aluna do Programa de Pós-Graduação em História.  
Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dra. Rita Grecco  
Eixo Temático: História Local

## A origem

➤ Formação do Presídio Jesus –Maria-José dá origem à povoação do Rio Grande, em 1737.



Manuel Vieira Leão, 1754, *Planta da Fortaleza de Jesus, Maria e José*

Fonte da imagem: [http://www.multirio.rj.gov.br/historia/modulo01/oc\\_santa\\_catarina.html](http://www.multirio.rj.gov.br/historia/modulo01/oc_santa_catarina.html)

## Praça 7 de Setembro



Fonte da imagem: <http://www.riogrande.rs.gov.br>

## A fundação

- Em 1737 → povoação do Rio Grande
- Em 1747 → Vila do Rio Grande
- Em 1835 → Cidade do Rio Grande

Brigadeiro José da Silva Paes

➤ Qual a importância estratégica do Rio Grande para os portugueses? Fazia parte do projeto português de expansão a defesa dos territórios que disputava com a Espanha (hoje país vizinho Uruguai). Defesa de Colônia do Sacramento.



## Posição estratégica



Fonte da imagem: <http://udoirma.wixsite.com/imgardiemens/salto-no-uruguai>

## Economia rio-grandina

- Aos poucos, a cidade após as disputas com os espanhóis foi se tornando centro de escoamento da produção rio-grandense e de comércio da região.
- A cidade servia como ponto estratégico para escoar a produção charqueadora, a exportação de couros, chifres, charque, tutano, graxa e carnes em barris, além da entrada de produtos importados (ALVES; TORRES, 1997).

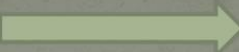
## Processo de urbanização

- Muitos aterros para evitar alagamentos e plantação de vegetações para segurar as areias móveis.

## Aspectos sociais

- Imigrantes portugueses
- Comerciantes
- Militares
- Escravos
- Índios e afro-descendentes

## Transformações na cidade do Rio Grande

• SÉCULO XIX  Século XX

- grandes avanços urbanos;
- de crescimento populacional e ocupação territorial;
- a chegada do trem;
- a construção e prolongamento do cais;
- desenvolvimento do comércio ;
- o aparecimento de uma indústria não artesanal.

(ALVES; TORRES, 1997)

## RIO GRANDE UMA CIDADE INDUSTRIAL

- de 1870 até 1960, perdurou o período de industrialização da cidade.
- Companhia União Fabril Rheingantz, produção centrada nos tecidos de lã e derivados.

## Avenida Rheingantz



## Companhia União Fabril Rheingantz



Fonte da imagem:  
<http://caferiogrande.blogspot.com.br/2010/08/fachada-detelhe-da-fachada-detelhe-da.html>



Fonte da imagem:  
<http://jacquelinebriao.blogspot.com.br/2012/08/eeem-brigadeiro-jos-e-da-silva-paes.html>



VILA OPERÁRIA  
FÁBRICA RHEINGANTZ

rosana imagens

Fonte da imagem: [http://riograndefotos.blogspot.com.br/2013\\_09\\_22\\_archive.html](http://riograndefotos.blogspot.com.br/2013_09_22_archive.html)

## Pórtico da cidade



Fonte: <http://maratonavenhaparastaaventura.blogspot.com.br/2011/02/super-do-rio-grande-ta-chegando-hora.html>

Leal Santos Fabrica de Bolachas



Fonte das imagens: <http://theatropolytheama.blogspot.com.br/2010/09/>

Poock e Cia, que fabricava charutos com matéria prima vinda de cuba



Fonte das imagens: <http://theatropolytheama.blogspot.com.br/2010/09/>

UM dos DEPOSITOS de 'CHARUTOS POOCK'

➤ Século XX e XXI

- A cidade do Rio Grande começa a se desenvolver em função do Porto .
- Construção do Porto Novo.
- Indústria pesqueira.

Porto Novo



Estaleiro

Fonte da imagem: <http://www.osul.com.br/porto-rio-grande-tem-melhor-primeiro-trimestre-da-historia/>

➤ Construção dos molhes da Barra em 1908.



Fonte das imagens:  
<http://clubedosentastajai.blogspot.com.br/2014/05/nosso-porto-os-molhes-da-barra.html>

## Em 1890 foi inaugurada a Estação Balneária Vila Sequeira

- A estação de banhos foi idealizada pela Companhia Carris Urbanos do Rio Grande, também responsável pela realização do transporte para a costa; a empresa estava sob a gerência de Antonio Candido de Sequeira.

### Estação balnear Villa Sequeira

Vocês já ouviram falar sobre? O que vocês sabem sobre a Estação balnear?

Chalé e restaurante à beira-mar



Fonte da imagem: "Os primórdios do turismo do Cassino: Vila Sequeira e a gênese do balneário."



## Transporte ferroviário Costa do Mar



3ª parte da vista geral da Estação Balnear

Fonte da imagem: "Os primórdios do turismo do Cassino: Vila Sequeira e a gênese do balneário."

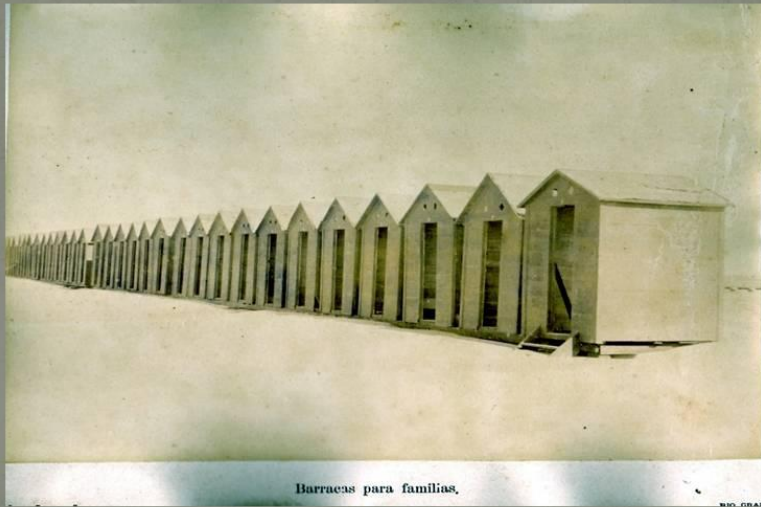
## A infra-estrutura balneária



Abrigo provisório para máquinas e estribaria

Fonte da imagem: "Os primórdios do turismo do Cassino: Vila Sequeira e a gênese do balneário."

## A infra-estrutura balneária



Barracas para famílias.

Fonte da imagem: "Os primórdios do turismo do Cassino: Vila Sequeira e a gênese do balneário."

## A infra-estrutura balneária



100 Camarotes para banhistas, lado Sul.

Fonte da imagem: "Os primórdios do turismo do Cassino: Vila Sequeira e a gênese do balneário."

## Banhos no mar

Esplendido e enorme sortimento de roupas de banho para homens, senhoras, crianças e mocinhas, Chambres de felpa para enchugar, 150 toalhas de felpa de cores, brancas e listradas para banho e rosto. Fazenda felpuda para toalhas a 200 rs. o metro. 100 gorros e toucas de borracha para banhos. Sapatos de lona para banhos.  
F. BASTEIRO & C.  
*Au Louvre*

Fonte: O Diário do Rio Grande, 10 de março de 1891

## Transporte ferroviário Costa do Mar

Em todas foram os visitantes recebidos cavalheirescamente.

A deficiência de meios de transporte cada vez mais se accentúa. Ante-hontem muitas pessoas tiveram de fazer o trajecto em pé e apertadas nos carros.

Fonte: O Diário do Rio Grande, 18 de março de 1890.

# Os banhistas

Segunda metade do século XIX

2018



Visão da praia de banhos.



Fonte da imagem: "Os primórdios do turismo do Cassino: Vila Sequeira e a gênese do balneário." Fonte da imagem: <http://fimdeano.sortimentos.com.br/revillon-cassino-em-rio-grande-revillon-praia-do-cassino/>

# Hotel Cassino hoje Hotel Atlântico



## Hotel Cassino voltado para o entretenimento

- Fachada do Hotel Cassino



Hotel Cassino ( frente ao mar, com 130 quartos )

Fonte: "Os Primórdios do turismo do Cassino: Vila Sequeira e a gênese do balneário"

## Ilha dos Marinheiros

➤ Vocês conhecem? Já ouviram falar ?



➤ A Ilha foi muito importante e ainda continua sendo no abastecimento de hortaliças para a cidade.

➤ Por que recebeu esse nome?



### Cultivo de tomates



Fonte: acervo da autora

### Trapiche da Localidade Porto do Rey



Fonte: acervo da autora

Recanto N. S. de Lurdes  
Porto do Rey  
Aqui Desembarcou  
S.S. MM. D. Pedro II  
e sua Corte em  
18/ 4/1845

Paisagem, ao fundo vista da cidade do Rio Grande, caicos e pescador



Fonte: acervo da autora

Lagoa do Vêu da Noiva



Fonte: acervo da autora

Trilha que leva a lagoa do Véu da Noiva



Fonte: Acervo da autora

Vista de plantações em um propriedade na Ilha



Fonte: acervo da autora



Modo de fazer a Jurupiga  
Patrimônio Imaterial da cidade



Fonte: Acervo da autora

Cultivo de alface e hortaliças



Fonte: acervo da autora

## **Vamos fazer turismo para aprender?**

- A partir do vídeo, vocês acham que têm turismo em Rio Grande?
- Onde? De que forma?
- Quais são os pontos turísticos do Rio Grande?

# O que é turismo?

Vamos assistir o Vídeo: Bira e Beto “amigos do turismo”, Desenho produzido pela BM Produções em parceria com a Secretaria de Turismo de Coronel Fabriciano.

- O que é atrativo turístico?
- Quem são os turistas?
- Quais são os serviços turísticos de uma cidade?

**O que é patrimônio  
para vocês?**

## Quais são os patrimônios da cidade?

### Referências

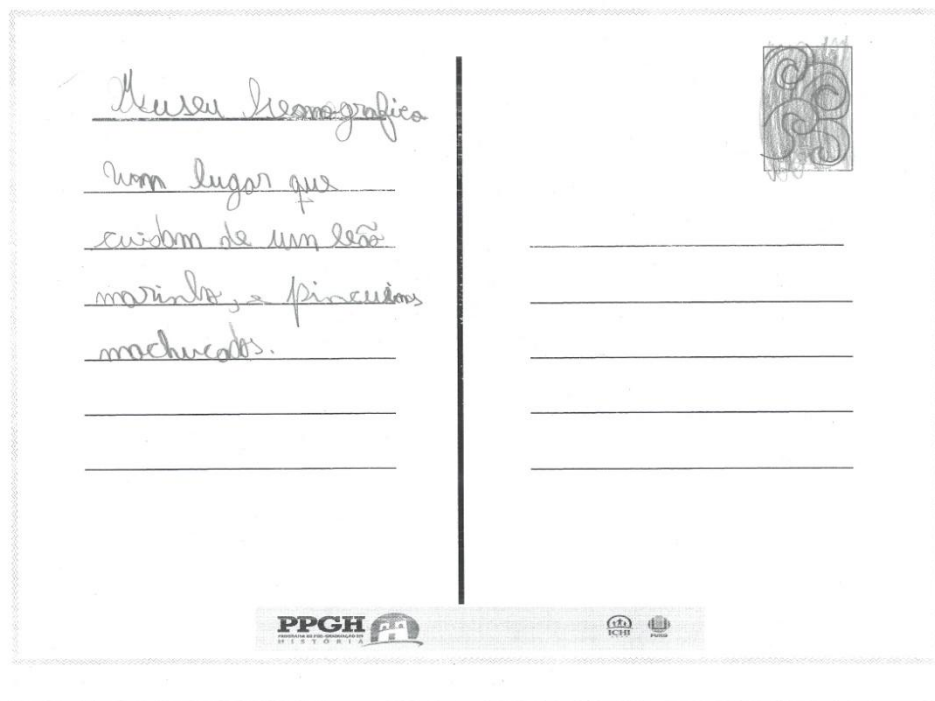
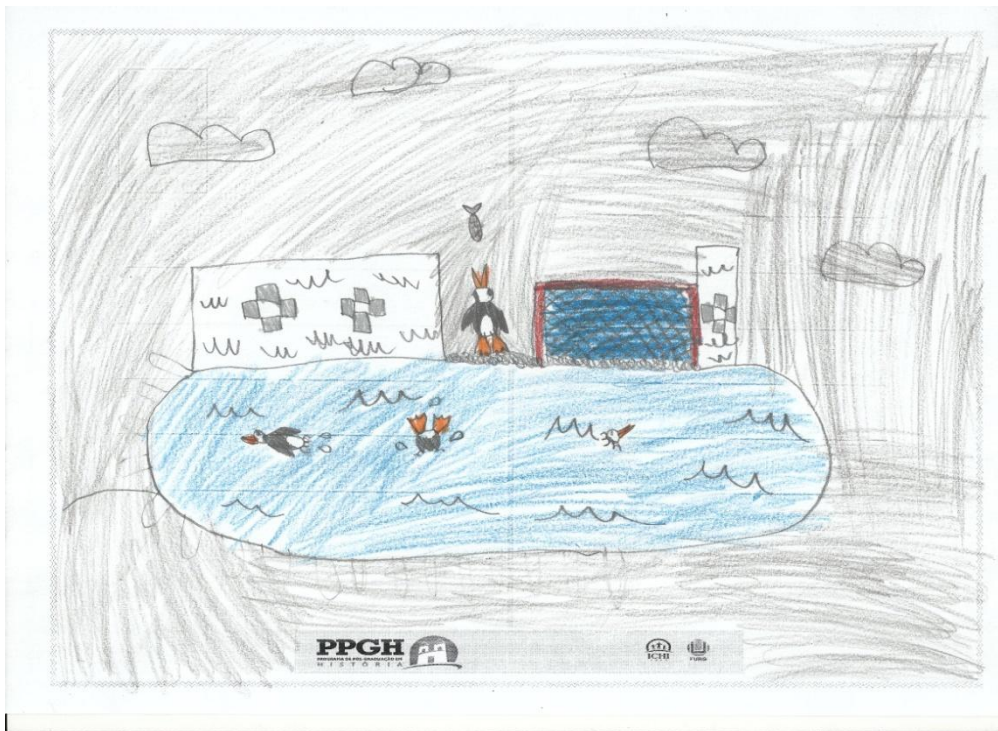
ALVES, Francisco das Neves. TORRES, Luiz Henrique. **A cidade do Rio Grande: uma abordagem histórico-historiográfica.** Rio Grande: Universidade do Rio Grande, 1997.

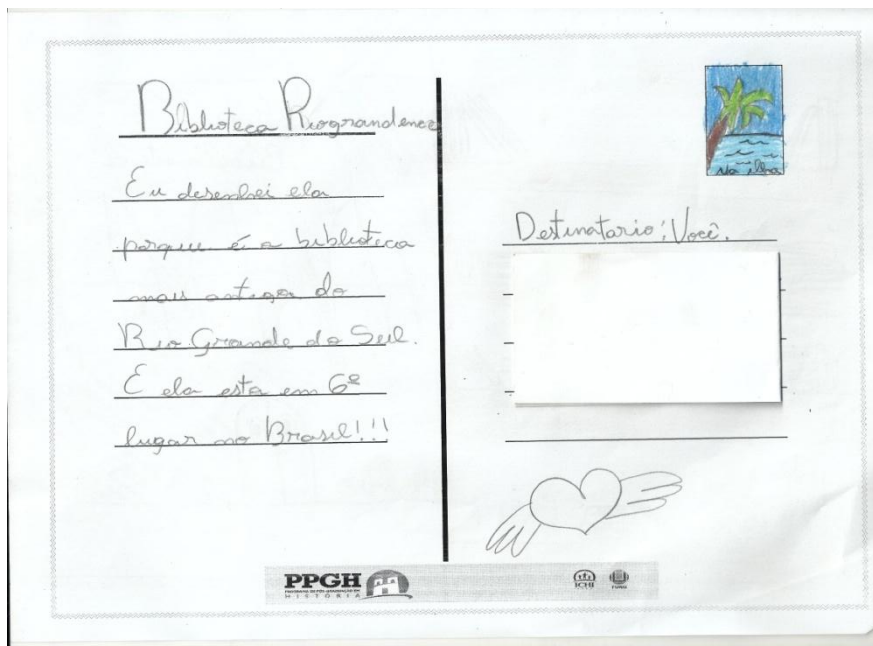
TORRES, Luiz Henrique. **Os leões da Praça Tamandaré: história da Geribanda e do monumento a Bento Gonçalves da Silva.** Rio Grande: Pluscom, 2016.

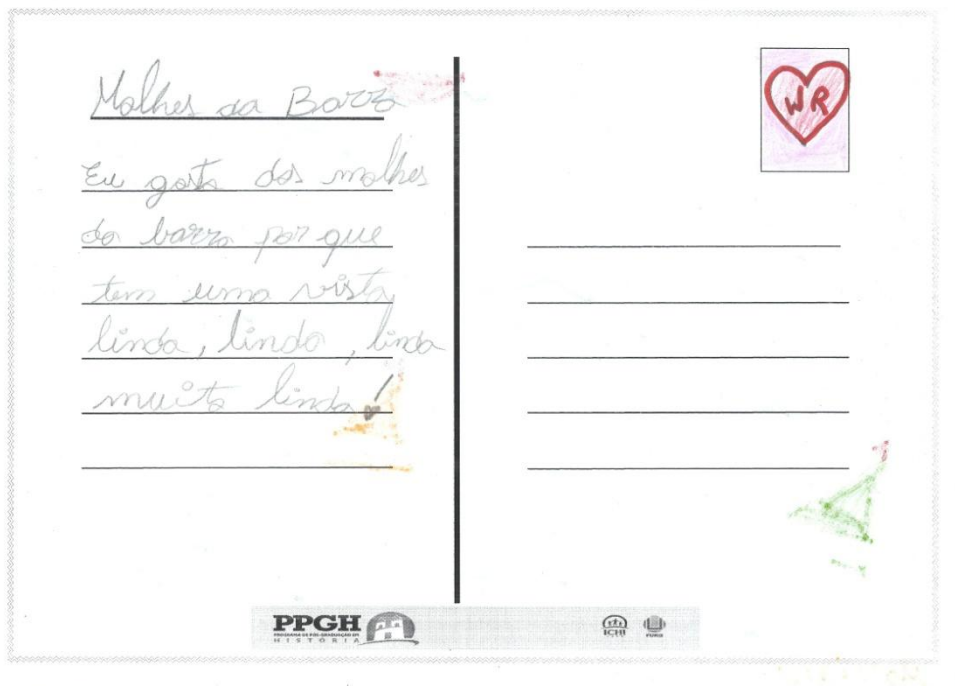
**OBRIGADA, PESSOAL**

Anexo V

Postais









# RIO GRANDE

## TERMINAS PORTUÁRIOS

A cidade do Rio Grande teve seu desenvolvimento econômico e social ligado as movimentações portuárias. Muitas pessoas passaram a vim para cidade de outras regiões do Brasil, motivadas pelas oportunidades de empregos e qualificação profissional, assim ao longo do tempo o município sente os reflexos do ligeiro crescimento do Porto e implementações de estações.

### Balneario Cassino

Em 1890 era inaugurada a Estação de Banhos Via Segueira na costa ocidental da cidade do Rio Grande-RS hoje conhecida como balneario ou praia do Cassino. E o mais antigo balneario marítimo a ser planejado do Brasil. Tem a denominação de Cassino por ter tido um salão de jogos de grande prestígio no século XIX, nas dependências do hotel Cassino, hoje hotel Atlântico.

Este balneario a principio foi planejado para banhos terapêuticos de mar e aos poucos se transformou em um espaço de lazer, entretenimento e ócio. Atualmente nos eventos de verão recebe um grande numero de turistas em busca de sol e praia.



Ola Maritima do Balneario Cassino



## CONHECENDO A CIDADE APREENDENDO SUA HISTÓRIA

### ROTEIRO TURÍSTICO PEDAGÓGICO - TURISMO HISTÓRICO-CULTURAL NA CIDADE DO RIO GRANDE - RS



PRODUTOS EDUCACIONAIS - FERRAMENTAS PEDAGÓGICAS - METODOLOGIA DE PESQUISA EM GEOGRAFIA - HISTÓRIA - PROJETO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - SUPORTE COM ORGANIZAÇÃO DA FROTA DO RUA DE CASSINO CASINO DOS JARDINS - RIOGR.

## Lembranças para a vida toda

Nessa cidade faz parte de nossas histórias e memórias que nos conduziram como sujeitos históricos de nosso tempo.

Já pensou poder aprender história fazendo turismo? Então nessa viagem vamos embarcar na história local!

Compartilhe!!! Por que Rio Grande?

A cidade recebeu este nome quando aqui chegaram em 1537, forasteiros em busca de detrapos de uma embarcação perdida, ao chegar na Barra do Rio Grande, perceberam uma grande massa de água que desembocava no mar, aos olhos dos forasteiros se tratava de um grande rio. Dando origem a denominação da Cidade do Rio Grande. Este Rio Grande trata-se do Estuário da Laguna dos Patos aspecto geográfico que marca a história e cultura da cidade.



## ESPAÇOS DE MEMÓRIA

-Museu da Cidade do Rio Grande - MCRG: Através de seu acervo podemos lembrar cenários e perceber as relações entre o passado e o presente.

-Fototeca Municipal Ricardo Giovannini: Através do seu acervo de imagens podemos perceber diversos aspectos paisagísticos, urbanos, rurais e naturais além dos registros das manifestações culturais e sociais da cidade.

-Biblioteca Rio-Grandense: O prédio em estilo neoclássico abriga a mais antiga biblioteca do Estado - Fundada em 1846.



Palácio da Alameda

# Folder turístico

## Verso

### Atrativos turísticos Centro Histórico

#### CATEDRAL DE SÃO PEDRO

A Catedral de São Pedro é considerada a mais antiga do estado construída por portugueses, fundada em 25 de agosto de 1755. Localizada no centro histórico do município possui estilo colonial.

A Catedral passou por inúmeras reformas, atualmente é tombada pelo IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e está aberta ao público.



Catedral de São Pedro



Visão da Praça Xavier Ferreira

#### PRAÇA XAVIER FERREIRA

A Praça Xavier Ferreira é um espaço de grande importância social, pois em seu entorno ocorrem acontecimentos ligados a urbanização da cidade.

Sua primeira planificação foi elaborada em 1809. Desde o século XIX é considerada um espaço de lazer e circulação de pessoas. Possui uma beleza singular mesclando a beleza da vegetação com a malha urbana, se tornando um espaço de contemplação e de tranquilidade no centro da cidade.

A Praça em seu interior possui diversos monumentos e está rodeada por prédios históricos. A um lado está a minutos do centro comercial da cidade e de outro a passarela da orla da Laguna dos Patos.

#### QUEM FOI XAVIER FERREIRA?

Era jornalista e deputado e foi o autor do projeto que elevou o status de Vila a Cidade do Rio Grande em 1835.

#### DIFERENTES DENOMINAÇÕES!

Devido aos diversos acontecimentos históricos da cidade a Praça recebeu diversas denominações até chegar a atual.

-Praça da Constituição; Praça do Império; Praça da Alfândega; Praça do Mercado

#### RELIQUIAS DA PRAÇA

O Calvário Francês - da segunda metade do século XIX, feito de ferro fundido, trazido da França, com sua esplendorosa beleza, teve como funcionalidade inicial o abastecimento de água e até os dias de hoje faz parte do embelezamento urbano da cidade.

A Coluna da Liberdade - Com 18 metros de altura este monumento levou menos de três meses para ser construído, e presta homenagem a data de 13 de maio de 1888, data da Lei Áurea. Mas também é compreendido como o primeiro monumento em homenagem a República, num período de transição do Império para a República.

Monumento ao Brigadeiro José da Silva Paes



#### BRIGADEIRO JOSÉ DA SILVA PAES

O Brigadeiro José da Silva Paes foi um militar português que aportou nas frotas em Rio Grande em 1737, sua vinda faz parte do plano geopolítico de enfrentamento luso-espagnol na região. Silva Paes foi o primeiro militar e administrador da cidade. Ordenou que fosse construído os Forte Jesus-Maria-José.

#### MERCADO PÚBLICO

O Mercado Público do Rio Grande teve grande importância histórica para a movimentação portuária da cidade, situado a beira do conhecido "Cas do Porto Velho", era ponto estratégico para o comércio local. Ao lado nas Docas do Mercado até hoje se comercializa peixe e camarão.

Nas dependências do Mercado funcionam diversas lojas e restaurantes, onde é possível degustar de um saboroso prato de frutos do mar, como o peixe de camarão ou um delicioso peixe frito com feijão e arroz.



Visão das Docas do Mercado

## APÊNDICE

### Transcrição da entrevista realizada com quatro docentes

**Mediadora: M**

**Professora PF**

**Professora PL**

**Professora PS**

**Professora PM**

**PS:** A gente não tem as informações corretas então quando a gente vai pra a sala de aula a gente vê ali que tem que pular isso e aquilo por que não tá revisado. Ai a gente da uma informação – teve um ano que eu dei uma informação e o aluno – minha mãe trabalha no porto e não é bem assim – acabou que eu tive que olhar de novo né a parte da economia toda está desatualizada.

**M:** Então é mais ou menos essa perspectiva que que eu parto assim di di de entender quais as dificuldades de vocês nesse trabalho pedagógico no que no que tem no que diz ... inerente ao ensino da história local, então eu trouxe algumas perguntas aqui, não sei se vocês se sentem mais a vontade de falar na forma oral ou de responder na parte escrita?

**PF:** Eu acho que a gente falando a gente desenvolve mais a ideia do que escrevendo. Não é? (pergunta para as outras professoras)

**PL:** Exato!

**M:** Então há quanto tempo vocês estão trabalhando na área da educação? Primeiro deixa tu te apresentar né.

**PF:** Eu sou a PF, tá eu to na área da educação, esse ano vou fazer 19 anos de prefeitura e mas com o 4º ano esse é o primeiro ano. Eu trabalhei dez anos, eu comecei no ensino fundamental mas trabalhava com a segunda série na época né trabalhei com o ciclo, e depois já tive trabalhando na secretaria da educação com o programa de educação ambiental que a Ana era nossa patrulheira né. Então a gente teve também um trabalho junto com as gurias quando eu trabalhei em 2010 lá no Quero Quero, a gente teve um trabalho com as gurias lá do Helena pra buscar pra atualizar então estava sendo, ia ser construído um livro com tudo mesmo sobre o município e acabou que (risos) (som rítmico da batida da caneta na mesa)

**PL:** Eu lembro! (risos)

**PF:** Ai acabou que aí aí houve a troca de governo entendeu? E aí morreu e então a gente não conseguiu terminar esse trabalho por que era em cima da apostila que as gurias tinham entendeu? I e e depois, antes de ir para a secretaria eu trabalhei 10 anos com a educação infantil entendeu? Então assim eu vou fazer 19 anos de prefeitura.

**PF:** O que é?

**PL:** (risos) Eu fico rindo por que nós somos quase a mesma coisa né.

**PF:** É exatamente!

**PL:** Professora Lilian 19 anos vou fazer de prefeitura (risos). Né recém fomos aprovadas para o 4º ano. (risos)

**PF:** (risos)

**PL:** Trabalhávamos também no segundo, depois no terceiro e agora no quarto.

**PF:** A PL também trabalhava mesma época que eu. Na secretaria de educação só que ela trabalhava no NTE que era do programa escuna né.

**PL:** E também trabalhei no educação patrimonial, na secretaria da educação é não sei se tu chegou a ver o ônibus que tinha?

**M:** eu amo o Rio Grande não? Como eu amo o Rio Grande não?

**PF:** É! Da educação patrimonial.

**PL:** Ame o Rio Grande! É bem legal!

**M:** Ame o Rio Grande!

**PL:** E também a câmara dos vereadores estavam, está, fizeram um livro né sobre a história não sei se tu chegou a pegar aquele livro?

**M:** não.

**PL:** É eu até tenho na época que eu trabalhei né só não trouxe. (risos) eu tenho várias atividades também de quando eu trabalhava na educação patrimonial sobre o Rio Grande só não trouxe (fala foi ficando baixa) como elas estavam junto.

**M:** São todas pedagogas?

**PL:** Não! (em voz alta) Eu sou bióloga.

**PF:** Eu sou pedagoga.

**PS:** Eu sou pedagoga também.

**PL:** Só eu que não. (em voz baixa)

**PF:** Pedagoga e eu fiz especialização em pisco pedagogia i i fiz uma especialização em educação ambiental. Como eu trabalhava no programa de educação ambiental da secretaria precisava ter uma especialização no assunto e a gente fez eu e a Roselle que trabalhava no, trabalhava junto... (voz baixa).

**PL:** É minha especialização é na tecnologia isso é diferente.

**M:** E tu não és de Rio Grande?

**PS:** Meu nome é PS, não não sou de Rio Grande eu sou de Porto Alegre. Então muita coisa eu ainda não peguei aqui de Rio Grande. Eu trabalho a 13 anos no município com o quarto ano aqui nessa escola eu trabalho a uns oito anos, eu entrei com terceiro ano e fiquei dois anos no terceiro ano, não sete anos, dois anos no terceiro ano e depois eu só trabalhei com o quarto ano então eu eu vejo a dificuldade por que eu trabalhei muito tempo com o quarto ano.

**PF:** E para quem é de fora da cidade acaba que complica né por que de repente não conhece bem a realidade da da...

**PS:** E a gente busca a informação eu busco a informação, mas a gente não encontra na internet a informação que a gente quer.

**M:** Muitas vezes na internet é aquela história geral né que ta ligada muito a história do do Estado e não ...

**PF:** Exatamente.

**PL:** E não do Rio Grande.

**PF:** É nem do Rio Grande do Sul e nem muitas vezes da cidade que é o que a gente corre atrás e busca.

**M:** Então eu gostaria de saber um pouco então como é o cotidiano de vocês em sala de aula e quando vocês abordam a história local para os seus alunos? Em que momento?

**PL:** Que dia é mesmo? (em voz baixa)

**PF:** O nosso é na sexta feira! A gente dividiu as gurias já vinham em um caminhar não sei como é o horário delas o nosso é sempre na sexta feira. Então na sexta feira a gente só tem aula de Estudos Sociais que a gente vai trabalhar História e Geografia. E a gente já fez um começo assim aah ..

**PL:** Eu tenho aqui tu tens ai às coisas que tu deu?

**PF:** Eu tenho eu tenho. A gente fez um começo com eles um trabalho de localização geográfica e então a gente levou os mapas pra a sala de aula, juntamos as duas turmas, levamos os mapas pra a sala de aula e levamos o globo terrestre né para eles, a onde é que a gente vive? A gente vive no Planeta Terra. Como é que é o Planeta Terra? Aí a gente apresentou o planeta, onde é que está o Brasil? Essa coisa toda até eles se localizarem, então depois tirei do coisinha.

**PS:** Essa parte toda eu fiz também.

**PF:** É. Depois tirei o pezinho do globo e dei para eles, então eles foram manuseando, foram mexendo, foram olhando. Eu digo, pois é e será que realmente o planeta é desse tamanho? e eles - não prof.! Se não a gente não cabia! - Eles localizaram o Brasil no planeta e essa coisa toda. E depois então que eles mexeram naquele concreto, naquela bola, a gente foi então para o planificado aí a gente esticou o mapa mundi né. Então esse globo que vocês estão vendo aqui, que é imenso para caber todo mundo, para caber tudo a gente pode enxergar assim também. Então cada vez que tu abre o mapa para eles, eles aaaaah, fazem assim né? Então a gente botou o mapa e mostrou que o mundo está dividido em continentes, e onde está o Brasil? está aqui no continente americano, é na América do Sul que é mas aqui embaixo, então tudo isso a gente foi fazendo. Depois a gente abriu o mapa do Brasil, eles foram ver onde estava o Estado, que o Brasil está dividido em Estados, e qual era o Estado, ah é o Rio Grande do Sul. Que a gente também tem muitos alunos de fora, né muitos pais que são aí de outros Estados que vieram para cá e as crianças se adaptam aqui. E aí a gente fez esse trabalho também o Rio Grande do Sul tá aqui ah! eu sou do Estado tal. Então tem tudo isso para trabalhar com eles, e depois então botamos o mapa do Estado que é dividido em cidades, e onde é que está a nossa cidade? Aí então a gente fez todo esse trabalho de localização aí a gente deu depois os mapas para eles, o mapa mundi para eles, para pintarem a onde está o Brasil né, e a gente deu o mapa do Brasil para eles pintarem a onde está o Rio Grande do Sul e o mapa do Rio Grande do Sul para eles identificarem Rio Grande né. E depois disso a gente então escreveu um texto e uma atividade para eles completarem que a gente faz toda, recorda tudo aquilo, que a gente mora num planeta, que o planeta está dividido em continentes, que os continentes estão divididos em países, tudo isso que a gente fez lá no prático a gente colocou no papel para eles levarem isso com eles. E depois a gente fez..

**PS:** Tu chegou até o mapa do Rio Grande? Eu cheguei até o mapa do Rio Grande. Eu peguei um pequenininho.

**PF:** Não, o mapa de Rio Grande eu até peguei o mapa de Rio Grande que tem ali, mas ele não é um mapa mais assim de divulgação, assim tem muita propaganda né, até isso! Não é um mapa didático, o mapa de Rio Grande que a gente tem aqui na escola não é um mapa didático, e isso faz falta. Para tu trabalhar as questões dos limites e tal. Aqui eu até sei que tem nessa apostila, pequenininho assim.

**PS:** Esse aí que eu trabalhei.

**PF:** Aí a gente depois trabalhou então o que era a o origem né do do município. Então a gente contou por que Rio Grande é a primeira cidade do Estado né. Então a gente foi contando um pouquinho da história da fundação da cidade para eles, a gente parou por enquanto aí. A gente já chegou até a história de fundação. Mas eu acho que tinha que ser, é eu acho que esse é um trabalho que a prefeitura tinha que apostar por que se a gente fala na questão da valorização do patrimônio da cidade né, que a gente fala muito da questão do pertencimento, eu cuido por que eu sei que eu pertença a esse local.

**M:** Uhum. Tem que conhecer né?

**PF:** Exatamente. Então eu acho que é uma coisa que realmente eles precisavam conhecer. Até tem aí já botaram no Facebook o passeio com o din din para fazer a gente até pensou para se agilizar para levar.

**PS:** A gente até pensou, mas não agendamos nada ainda.

**PF:** Aqui no Cassino tinha o trenzinho aquele o din din que ia até os Molhes entendesse? E aí agora estão querendo fazer na cidade para conhecer o centro histórico. Então a gente até pensou em levar as crianças lá. Por que assim oh a gente tá dando essa parte teórica mas meu deus! Quer coisa mais rica do que levar as crianças no lugar para

eles realmente verem, realmente conhecerem? Né? Quando eu fiz, defendi meu trabalho da especialização da educação ambiental né, então assim oh a gente saiu com as crianças, a gente foi lá pro Taim, eles conheceram o espaço, eles fizeram uma trilha lá no Taim entendesse? Então para tu trabalhar essa questão do pertencimento, então eu quero que cuide da minha cidade, quero! Mas como eu é que eu vou cuidar se eu não acredito que eu pertenço a esse local? né? A gente trabalha muito essa questão de que eu tenho que preservar a natureza, por que eu tenho que preservar a natureza? Eu também sou natureza. Então eu também tenho que saber se preservar. Isso tudo a gente explora com eles na questão de ciências né. Então eu acho que é bem falho esse trabalho principalmente na questão do cotidiano da própria cidade, do próprio município.

**PS:** Até mesmo por que o município não investe no turismo, a cidade de Pelotas investe muito, é riquíssimo e aqui deveria ser assim. Por que eles precisam ver na prática, só na sala de aula não adianta.

**M:** Os cruzeiros chegam no Porto e já está o ônibus da Embaixador esperando para levar para Pelotas.

**PS:** É, pois é.

**M:** Passeios que poderiam gerar renda, artesanatos ...

**PS:** Exatamente.

**PS:** E tem lugares maravilhosos em Rio Grande né.

**PF:** Sim. O que é ali na Capilha lá gente, o que é no Taim ali, a riqueza que tem.

**PS:** Ah! Eu andei explorando por aí tudo, até na Ilha da Torotama eu fui. Para poder conhecer e poder explicar melhor para os alunos pelo menos né?

**PF:** Nessa formação que a gente tinha, que fazia com o programa de educação ambiental, a gente fazia, tinha um trabalho junto com o NEMA, e a gente formava pessoas que pudessem, por exemplo, eu posso chegar lá e levar vocês para fazer uma trilha. Eu fiz a formação para levar, por isso que eu levei as crianças, levei toda, toda a escola, manhã e tarde, da Vovo Zoquinha quando eu trabalhava lá que foi quando eu fiz a especialização. E a gente levou todo mundo de ônibus, foi lá fez trilha, os pais que quiseram ir foram de carro atrás sabe? Organizamos. E então assim oh e conheceram um pouco mais daquilo ali. Conheceram um pouco mais da nossa realidade, por que as pessoas não tem ideia do que o Taim representa, não é só para Rio Grande, o que o Taim representa para o planeta. Entendeu? Por que? Por que ...Tem um vídeo que o Henrique que é o superintendente lá, ele explica da questão que o Taim é uma, funciona como uma esponja né, na esponja quando chove se enche de água e quando começa a secar vai sugando daquela esponjinha e ela vai passando, distribuindo isso para o planeta todo, não é só para Rio Grande ou para o Rio Grande do Sul. Então assim oh é um grande, as pessoas não conhecem e não valorizam isso.

**M:** Bom, tu chegou depois né? A quanto tempo tu estás trabalhando na área da educação? Teu nome? Vou pedir que tu te apresente um pouco assim.

**PM:** Eu sou a PM, eu to, eu me formei em pedagogia em 2002 né, a partir daí comecei a trabalhar no Albert Aisten, trabalhei ali também com a Supervisão Escolar, daí depois comecei a dar aula, de sociologia, peguei até artes lá para trabalhar por que não tinha professor. Aí depois passei, me chamaram no concurso em 2008, aí to desde 2008 com os pequenos.

**M:** E como é teu cotidiano em sala de aula? Como tu abordas a História Local para teus alunos?

**PM:** É a História Local a gente vai abordando aí pela apostila né. Agora esse ano até dei uma modificadinha em algumas coisas, acrescentei outras coisas que fui pesquisando. Eles gostam bastante até, são bem interessados.

**M:** Aí quais as principais atividades que vocês vem desenvolvendo e quais os desafios

enfrentados então para o Ensino de História Local ? Que vocês já falaram um pouco né.  
**PM:** É eu ontem peguei as fotinhos né da cidade, e alguns já olham e dizem ah esse e tal local, mas alguns, poucos conhecem. Muitos até nem vão ao centro, as vezes é difícil ir ao centro.

**PF:** Às vezes a gente nem vai né?

**PM:** Aí eu dou um dedo para não ter que ir ao centro.

**PS:** Quem mora aqui não quer ir ao centro né?

**PM:** Não quer ir né. Até por que tem tudo aqui a gente não precisa. E é isso aí.

**M:** E vocês diriam então que um dos desafios poderia ser à falta do material didático atualizado e..

**PM:** Bom é eles terem né esse, um livro.

**PS:** Sim eu acho! É o principal incentivo né. Se a gente tivesse o material atualizado seria maravilhoso.

**PM:** Sim, essa apostila mesmo que a gente tem fala do Pólo, gente não tem mais o Pólo né gente. Então isso já é uma coisa que tá desatualizada.

**PS:** A parte da economia então..

**M:** Já ficou para história. E que tipo de estratégias então tu consideras para desenvolver e oportunizar situações de interação e aprendizagens significativas no Ensino de História Local? O que vocês acham?

**PM:** Eu acho que essas saídas vai ser importante. Que o ano passado a gente, tu foi né Sirlete naquela exposição do Mercado né?

**PS:** Sim!

**PM:** Nós fomos ali, bem legal aquela exposição que teve. Contando a história né. Desde o início lá do Brigadeiro José da Silva Paes. Aquela coisa. E aí o senhor que explicava bem e eles prestavam bastante atenção. Depois a gente saiu.

**PS:** As miniaturas né?

**PM:** É!

**PS:** Mas mesmo assim é maravilhoso né, mas não é a mesma coisa. Do que ir no lugar e vivenciar né. Não é a mesma coisa!

**PM:** Depois, como ele fazia grupos, tinha que ser em dois grupos que o espaço era pequeno. Aí um colega ficou com eles lá na exposição e o outro eu sai, foi ali na biblioteca, mostrei ali onde era o quartel general antigamente, fomos na estatua do brigadeiro, olhamos a prefeitura, né então. E ano passado também tu não participou né?Do escritas pelo Rio Grande.

**PS:** Não.

**PM:** As gurias da SMED vieram aqui, a Joelma e a Maria do Carmo?

**PL:** É!

**PM:** Vieram e fizeram uma palestra assim maravilhosa. Falando lá que a prefeitura antigamente era um armazém não era um armazém. Bem legal!

**PS:** Mas aí eram outras turmas, estas novas turmas não vão ver isso.

**PM:** É! Falou da Raigantz , por que tinha aquelas casas da Raigantz. Falou um monte de coisa, foi muito bom! Que o quartel do canaleta era uma trincheira antigamente, que a cidade ia até so ali, que o cemitério era bem afastado.

**M:** Ah interessante.

**PS:** Não é quando é uma outra pessoa falando da história parece que eles se envolvem mais né. É! Não sei se tu acredita mas.

**PM:** Mas os teus estavam na palestra né?

**PS:** Mas essa turma desse ano eu queria que participasse também né.

**PM:** A gente pode pedir para a Maria do Carmo vir aí fazer alguma coisa também.

**PF:** A Maria do Carmo acho que agora ela só está 20 horas na SMED, que as outras 20

ela está lá no Taim como vice diretora.

**PM:** Ah, mas se for para fazer um trabalho legal assim combinar até no sábado. Um sábado de trabalho.

**PS:** Sim, a gente trabalha no sábado mesmo.

**PM:** Então chama eles para virem.

**M:** Então assim gurias, e dentro dessas estratégias que vocês consideram importantes, que práticas pedagógicas vocês vem utilizando para o Ensino de História Local?

**PF:** (risos baixo) As práticas pedagógicas é isso que eu te coloquei assim, o que a gente já fez, a gente reuniu as duas turmas, a gente, o pouco que a gente tem a gente expõe.

**PL:** É que a gente recém começou. Na verdade só demos uma aulas de estudos sociais nós as duas.

**PF:** Duas, duas! Mas uma foi de localização geográfica né, e a outra foi realmente de contar a história um pouco da história com base...

**M:** Aula expositiva então? Vocês expõem para os alunos?

**PF:** É!

**PL:** É!

**PM:** É!

**M:** Aham. Vocês fazem em conjunto a aula?

**PL:** Não! A gente prepara as coisas juntas.

**PM:** A gente prepara e troca né.

**M:** Mas as turmas não?

**PL:** A turma não.

**PF:** É só no dia da localização geográfica que a gente juntou as duas turmas e fez o trabalho, fez uma fala só entendesse?

**M:** Uhum!

**PM:** Eu começo, eu não começo, eu começo sempre pela a história né com os meus. Eu procuro ir até o meio do ano lá com a história para terminar e aí eu começo com a parte geográfica essas coisas com os meus.

**PS:** Eu já gosto mais de começar pela localização.

**PF:** É! A gente começa pela localização.

**PM:** É! Não eu começo pela história.

**PS:** É! Cada um tem um ...

**PM:** Para ti vê né.

**PS:** Mas vai dar no mesmo né. No final do ano vai..

**PF:** No final do ano tudo mundo vai ter feito a mesma coisa

**PM:** É!

**PF:** Só que em tempo diferentes.

**PM:** Sim! Em tempos diferentes.

**PF:** Exatamente!

**M:** Tá! Em algum momento então tu já pensou no turismo como uma prática pedagógica? Se sim ou não por quê?

**PF:** É ele é o que eu te disse né, a gente explicar aqui é uma coisa. E com a explicação que eles tem aqui e eles irem para o lugar e conhecer melhor ainda.

**PM:** Quando eu entrei lá na biblioteca lá com meu um dos grupinhos que a gente fez, - aah prof. olha essas cadeiras aqui, essas mesas aqui! - Por que é diferente lá na biblioteca pública né? - olha o tamanho dessa porta! - Olha as estatuas de bronze, os bustos, acho que eles nunca tinham visto aquilo ali. Então com certeza deve ter ficado ali na cabecinha deles.

**M:** Ah com certeza marcou né?

**PS:** Claro! Eles vão olhar diferente.



**M:** Vocês na vida pessoal de vocês costumam realizar viagens de turismo? Vocês costumam..

**PS:** Eu sim!

**PL:** Sim! (risos baixo) É muito bom!

**PM:** É bom mesmo.

**M:** Nas férias? Costumam passear?

**PF:** Eu depois que me organizei eu consigo agora viajar, mas antes não dava.

**PS:** Para mim isso é prioridade. Tem que ter.

**PM:** Prioridade até não. Mas gosto!

**PS:** Adoro, adoro!

**PM:** Nem que seja uma saidinha, um final de semana.

**PS:** Eu tenho assim oh. Todo ano eu tenho que conhecer um lugar novo. Tenho que conhecer!

**PM:** É um objetivo?

**PS:** É!

**PM:** Ah isso é bom!

**M:** E se vocês já realizaram passeios turísticos com seus alunos? Não no cunho de fazer passeio ou uma saída assim, mas passeio turístico mesmo, com roteirinho?

**PF:** Não! Com roteiro não.

**PM:** Não!

**PS:** Não!

**PL:** Não!

**M:** Até eles tendo ideia que estão sendo turistas dentro da própria cidade.

**PF:** Não!

**M:** Nunca se perceberam um turista cidadão assim?

**PL:** Nunca pensamos nisso.

**PM:** Por que turismo tu tem uma ideia assim, sair do teu local e ir para outro. Essa é a ideia de turismo né. Como é que eu vou fazer turismo na minha cidade que coisa mais sem graça.

**M:** Por isso a gente chama de turismo cidadão? A cidadania tu tem esse direito de conhecer né..

**PF:** É!

**PM:** É! Até a gente mesmo, eu não conheço aquele museu Sacro. Nunca entrei lá.

**M:** Então vamos conhecer!

**PM:** Oba! Ali eu não conheço.

**PF:** Tá e aí então tu vai nos levar para passear?

**M:** É! Então seria essa a proposta. Seria a gente fazer então esse encontro em sala de aula para a gente fazer uma aula expositiva da história local em si (...)

**PS:** Heim Érica quando tu pretende começar a fazer este trabalho com eles?

**M:** Então eu ia conversar isso com vocês.

**PS:** Por que assim oh, já como tu vai trabalhar com o turismo, turismo a gente deixou para trabalhar mais adiante. Mas de repente a gente pode começar a trabalhar turismo né até para eles terem uma ideia.

**PM:** Mas ela vai vir falar com eles.

**M:** Eu não quero sair da trilha de vocês entendeu?

**PF:** Mas eu acho, eu penso que como a gente ta falando do município, para eles terem esse conhecimento, tem que ser antes de tudo. Antes até da gente continuar o trabalho com Estudos Sociais. A gente vai continuar dando as coisas que a gente quer, o que esta no programa.

**PM:** que aí depois a gente vai ter referencias para eles.

**PF:** É! Exatamente!

**PM:** Lembra aquele dia que a gente foi.

**PS:** Olhando por esse lado, por que se eles também conhecem os pontos turísticos na sala de aula e depois vão ver a outra parte também é interessante. mas já que tu vai fazer essa parte.

**PM:** A gente faz fotos, lembra desse aqui. E mostrar. eles vão lembrar com certeza.

**PF:** Então vamos passear por Rio Grande! Vamos turistar!

Entrevista realizada em 26/03/2018.